

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
POLÍTICA**

HELLEN CRISTINA RIBEIRO SOARES

**POR TRÁS DOS MUROS: socialização ou ressocialização
nas experiências e trajetórias de vida dos jovens no Presídio
Masculino de Florianópolis.**

**FLORIANÓPOLIS
2012**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
POLÍTICA**

Hellen Cristina Ribeiro Soares

**POR TRÁS DOS MUROS: socialização ou
ressocialização nas experiências e trajetórias de vida dos
jovens no Presídio Masculino de Florianópolis.**

Dissertação apresentada
ao Programa de Pós-
Graduação em Sociologia
Política da Universidade
Federal de Santa Catarina
para a obtenção do grau de
Mestre em Sociologia
Política, orientada pela
Professora Dr.^a Janice
Tirelli Ponte de Sousa.

Florianópolis
2012

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Soares, Hellen Cristina Ribeiro

Por trás dos muros [dissertação]: socialização ou ressocialização nas experiências e trajetórias de vida dos jovens no Presídio Masculino de Florianópolis. / Hellen Cristina Ribeiro Soares ; orientadora, Janice Tirelli Ponte de Sousa - Florianópolis, SC, 2012.
233 p. ; 21cm

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política.

Inclui referências

1. Sociologia Política. 2. jovem. 3. juventudes. 4. prisão. 5. crime. I. Ponte de Sousa, Janice Tirelli . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. III. Título.

Hellen Soares

POR TRÁS DOS MUROS: socialização ou ressocialização nas experiências e trajetórias de vida dos jovens no Presídio Masculino de Florianópolis.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do grau de Mestre em Sociologia Política, orientada pela Professora Dr.^a Janice Tirelli Ponte de Sousa.

Prof. Dr. Ricardo Gaspar Muller
Coordenador do Programa

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Janice Tirelli Ponte de Sousa
Orientador- UFSC

Prof.^a Dr.^a Márcia da Silva Mazon
Universidade Federal de Santa Catarina

Dr. Giuliano Saneh

Prof. Dra. Lígia Helena Hahn Luchmann - UFSC
Suplente

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os que contribuíram de forma direta e indireta na construção deste trabalho em especial aos sujeitos desta pesquisa.

Aos melhores pais que alguém poderia ter nessa vida: Lúcia e Jurandir pelo apoio, estímulo, críticas e por estarem sempre presentes. A tia Geraci minha companheira de sempre. Ao irmão mais querido: Guilherme por acrescentar um pouco de leveza a este processo.

À irmã mais amada, Aline pelas leituras, palpites, críticas e risadas, e principalmente por sempre estar ao meu lado, torcendo e acreditando que no final tudo daria certo, obrigada por cada palavra e gesto de carinho. Te Amo!

Aos professores e funcionário do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política em especial a Albertina e Fátima.

À Janice pela orientação deste trabalho mesmo quando parecia impossível.

Aos colegas da turma de mestrado. Aos colegas do NEJUC por criarem um rico espaço de discussão e liberdade.

As amigas Anelise, Aline, Elisete, amizades conquistadas para além do mestrado.

As amigas, Cris, Mary, Nata, Edi, Dig e Karlota pela parceria, compreensão, apoio e incentivo.

À Felícia e Floquinho pela companhia constante até o raiar do dia!!!

RESUMO

Esta dissertação é resultado da pesquisa etnográfica realizada com os jovens do Presídio Masculino de Florianópolis. A metodologia utilizada foi de abordagem quali-quantitativa. De modo mais específico focamos nossa análise nos modos de vida, nas experiências e trajetórias de vida de jovens de 18 a 24 anos, que respondem ao crime de tráfico de drogas e estão cumprindo pena naquela instituição. O objetivo central desta pesquisa foi investigar e analisar como o jovem vive a condição social da juventude no sistema prisional, visto que este segmento se encontra em maioria significativa nos presídios brasileiros. Identificou-se que a ressocialização pela segregação se configura como uma prática ineficaz e que não obtêm resultados favoráveis na reintegração do jovem à sociedade, fato que pode ser constatado pelo alto índice de reincidência. Verificou-se ainda, que as estratégias adotadas pelo sistema prisional invariavelmente causam no indivíduo principalmente nos jovens um efeito contrário àquele que se espera da pena, visto que ao passar por violações institucionais o condenado passa a se sentir uma vítima e não mais o autor de violência. Apesar, do poder e do controle exercido pela instituição sob os presos tornou-se evidente que entre os mais jovens existe uma resistência em não se limitar a condição de preso e tentar imprimir uma marca, uma personalidade que os distinguisse do status de preso.

Palavras-chave: Jovem - juventudes – prisão - crime – violência

ABSTRACT

This dissertation is the result of an ethnographic research with young men in the Male Prison of Florianópolis. The methodology applied was a qualitative and quantitative approach. In a more specific way, the focus of the analysis is on lifestyles, experiences and life's trajectories of young people aged between 18 and 24 years old, who are serving time in that institution for drug trafficking. The main purpose of this research was to investigate and analyze how these young men live the social condition of youth in the prison system, since this segment represents the large majority of prisoners in Brazilian prisons. It was found that the practice of rehabilitation by segregation is an inefficient one and does not obtain favorable results in the reintegration of the young offenders into society, which can be evidenced by the high rates of recurrence. It was also found that the strategies adopted by the prison system invariably cause in the individual, especially in young men, an opposite effect to that expected in the sentence, because after passing through institutional violations the offender begins to feel more like a victim and less like the author of a crime. Despite the power and control imposed by the institution upon them, it became evident that among the young prisoners there is a resistance that attempts to not limit oneself to the condition of prisoner, but to try to leave a mark and to develop a personality that distinguish them.

KEYWORD: Young - youth – prison - crime – violence

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Número de estabelecimentos penais e número de presos nas Unidades Federativas no primeiro semestre de 2011.....	47
Tabela 2: Perfil etário da população carcerária brasileira no primeiro semestre de 2011.....	48
Tabela 3: Escolaridade dos reclusos no sistema carcerário brasileiro	50
Tabela 4: População carcerária por crimes tentados/consumados .	52
Tabela 5: Distribuição dos 88 reclusos com idade entre 18 e 24 anos que se encontram no presídio masculino de Florianópolis.	64
Tabela 6: Escolaridade dos jovens no presídio masculino de Florianópolis	66
Tabela 7: Profissões desempenhadas pelos reclusos de 18 a 24 anos antes de serem encarcerados	67
Tabela 8: Faixa etária da população pesquisada.....	69

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
1 HISTÓRIA DA PENA	27
1.1 Estágios que antecedem a privação de liberdade como punição	27
1.2 A prisão no Brasil	34
1.3 A Lei de Execução Penal	444
1.3.1 Dados acerca do sistema prisional brasileiro	46
2 A PESQUISA	55
2.1 O retrato do presídio masculino de Florianópolis.....	58
2.1.1 Inserção no campo	60
2.2 O Retrato da juventude no Presídio Masculino de Florianópolis	65
3. ENTRADA NA PRISÃO: “O MUNDO QUE DESABA, MAS É MELHOR TÁ PRESO QUE MORTO”	71
3.1 Jovem, pai, filho e marido, mas antes de tudo preso: <i>a não - vivência dos relacionamentos</i>	78
3.2 Vida de preso – o olhar do jovem acerca do aprisionamento	86
3.4 Ressocialização para o não-cidadão	96
3.5 O retorno ao crime – sou profissional do tráfico	101
4. JUVENTUDE E TRAJETÓRIAS DE VIDA	107
4.1 Infâncias e educação	110
4.2 Juventude, risco e “adrenalina”	119
4.3 Fronteiras sociais.....	121

4.4 Campo de possibilidades	125
CONSIDERAÇÕES FINAIS	129
BIBLIOGRAFIA	139
ANEXOS.....	147
APENDICES	148

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como foco a análise das trajetórias, modos de vida e experiências dos jovens aprisionados no Presídio Masculino de Florianópolis – PMF - no ano de 2011.

Em decorrência da prática delituosa esses jovens são privados de liberdade, sanção no que se refere à legislação, e que teria duplo objetivo: punir e ressocializar. O pensamento imediatista costuma atribuir aos jovens atitudes contestadoras e até certo ponto indisciplinadas e, evidentemente, a privação de liberdade contém entre os seus objetivos a anulação destes comportamentos desregrados, ou ainda, a padronização dos sujeitos que ali se encontram.

Embora estejamos habituados a associar a imagem do jovem à ideia de liberdade, a vida na criminalidade coage estes jovens de muitas formas. Entrar para o crime, exige mesmo que inconscientemente, a submissão dos jovens a um conjunto rígido de regras, a códigos de conduta, além de controle e subordinação. Vale refletir que comumente este jovem mergulha na criminalidade por coerção social, que o leva à necessidade de pertencer a um grupo, à questão de sobrevivência, ou simplesmente pela ânsia de uma vida vivida no limite. Independente das razões, são diversas questões que precisam ser analisadas quando discutimos a preponderância de jovens no sistema prisional.

Como os jovens reagem à experiência da contradição: estando eles de um lado habituados a buscar a liberdade e, do dia para a noite, acordam em uma instituição que adotará uma rotina organizada para conter suas energias? Que estratégias criam para suportarem a vida nestas instituições disciplinares? Como se organizam, se relacionam, e que práticas coletivas desenvolvem neste espaço institucional que será um caminho único para a sua sociabilidade naquele momento do ciclo de sua vida? Como se define a condição de ser jovem privado de liberdade? Estas foram algumas questões que impulsionaram a pesquisa.

A ideia da pesquisa surgiu nos anos de 2007 e 2008 quando a pesquisadora trabalhou como coordenadora em uma das oficinas do PMF. Na época os presos e a diretoria da instituição solicitaram junto a empresa responsável um profissional da área de serviço social para coordenar esta oficina. A empresa de bijuteria que terceirizava os trabalhos no presídio produzia e vendia suas peças para grandes magazines do país. Logo só havia produção, quando havia venda.

No ano de 2007 esta oficina contava com a participação de aproximadamente 80 presos, sendo mobilizadas duas galerias para os trabalhos nas oficinas. No ano seguinte o trabalho foi reduzido apenas para uma galeria, que contava em média com 40 presos. O trabalho da pesquisadora era essencialmente o de coordenar a produção e mediar a relação entre os presos e a empresa. Para orientar a produção, trabalhávamos diretamente com os reclusos, por, no mínimo, 8 horas por dia, sendo que neste sentido o contato foi muito produtivo, pois, foi se estabelecendo uma relação de confiança, visto que não havia agente prisional nas oficinas. Desta forma foi possível compreender melhor a rotina da instituição a partir da perspectiva dos presos.

Várias situações cotidianas como: “a geral” (revistas) nas galerias em busca de drogas, celulares e armas; brigas com mortes; brigas em que os presos vão para o castigo; homens apavorados ao saberem que suas esposas foram presas; ou simplesmente presenciar casos de desrespeito à condição humana - como deixar os presos do castigo passando sede, presos dormindo diretamente no concreto, ou mesmo deixar o “panelão” de comida dos presos embaixo da chuva enquanto era servida para eles; - enfim, as pressões enfrentadas pelos presos, principalmente, os jovens, despertaram o interesse da pesquisadora pela escuta e análise das trajetórias que se desencadeavam a partir das experiências na prisão.

Além da rotina institucional, outro ponto que sempre trouxe inúmeros questionamentos foi como esta vivência dos jovens presos contrastava e conflitava, entre viver como um preso subexistindo, e tentar a todo custo viver a ousadia e irreverência da juventude. Essas manifestações apareciam nas atitudes, nas letras de músicas, nas roupas, e de vez em quando em formas mais irreverentes como no caso da construção de

uma máquina de tatuagem que servia para tatuar a galeria inteira, e sempre traziam algum significado que remetesse à vida no crime, ao risco, à adrenalina, ou ao amor pelos familiares.

As posturas acima citadas distinguem os jovens dos adultos. O jovem a todo custo tenta sobreviver à anulação imposta pelo sistema. O próprio envolvimento com o crime já denota a tentativa de inverter a lógica de exclusão em que a maioria destes jovens vivia antes de serem presos. Geralmente quem tem mais experiência na cadeia tenta despertar atenção pelo bom comportamento e nunca por quebrar regras.

Nossa experiência profissional anterior contribuiu positivamente em muitos aspectos para o retorno à prisão para a realização da pesquisa, tanto no que tange a facilidade de acesso quanto ao foco da pesquisa. Quando saímos da empresa no 2º semestre de 2008, conversamos com a diretoria da instituição sobre a possibilidade de retornar futuramente para realizar a pesquisa do mestrado. Tanto o diretor, quanto o chefe de segurança foram receptivos e destacaram inclusive, a importância da realização deste trabalho.

Trabalhar anteriormente em uma prisão nos permitiu conhecer esta realidade sob outra perspectiva, não mais aquela apresentada pela mídia, ou mesmo a que costumamos encontrar nos livros que focam a instituição em detrimento do sujeito.

Com esta experiência um novo olhar surgiu voltado agora para os sujeitos que ali se encontram e as suas histórias, trajetórias, as relações sociais que se estabelecem no interior das prisões, a relação dicotômica entre jovens criminosos e jovens agentes prisionais. Foi possível vislumbrar a prisão como um espaço de sociabilidade, com linguagem, rituais e modos de vida próprios. Espaço este também que reafirma ainda mais a violência e a submissão vivida pelos sujeitos.

É ainda neste mesmo local que se pode perder a vida por razões consideradas normais, é onde o castigo chega ao extremo de não se ter acesso a um copo de água no calor de 30 graus, e é também neste sistema que pessoas ficam presas em *containers* por falta de espaço nas cadeias. Paradoxalmente, “nem tudo é perdido”, como é muito comum ouvir-se na prisão; lá se aprende a valorizar as coisas mais simples da vida, como um almoço de domingo com a família, uma carta que chega de fora contando as novidades, um dia de sol no pátio.

Ao entrar no mestrado no ano de 2009, elaboramos um projeto inicial com objetivos muito amplos e que focalizavam a análise tanto nos sujeitos aprisionados quanto na instituição prisional.

Depois de algumas leituras foi possível (re) definir estes objetivos e verificar que nas últimas décadas, o Brasil conferiu um olhar mais minucioso à juventude, segmento que tem presença significativa no sistema prisional. Isso se evidencia quando observamos o crescimento significativo de políticas públicas voltadas especificamente para este segmento, assim como pelo apoio na produção de trabalhos acadêmicos que trazem a juventude como tema central. São estudadas principalmente as relações dos jovens com a família, com as políticas sociais, o trabalho, a cultura e, claro, a juventude na interface com a violência.

Entretanto, quando a temática se referia ao jovem adulto que atingiu a maioridade penal os estudos são raríssimos, visto que os pesquisadores têm se debruçado sobre a situação do adolescente que cumpre medida socioeducativa de internação, ou seja, tem menos de 18 anos e cumpre a medida em algum centro educacional. O que impressiona na falta de produção acadêmica sobre o jovem adulto preso é que a situação das cadeias brasileiras também é um tema de grande relevância no debate acadêmico.

A população carcerária cresce descontroladamente, estima-se que a cada década o crescimento seja de quase 150% segundo o Departamento Penitenciário (DEPEN), órgão ligado ao Ministério da Justiça. Por outro lado, 2/3 desta população é composta por jovens de 18 a 29 anos, o que leva a indagar sobre o porquê de a condição do jovem no sistema prisional não vir a ser estudada. Porque estes sujeitos estão silenciados? Qual a reflexão que eles fazem da sua situação no cárcere na relação com a ressocialização?

Por meio de levantamento bibliográfico sobre o assunto, deparamo-nos com uma realidade surpreendente. Na biblioteca da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, não encontramos nenhum trabalho entre teses e dissertações sobre **os jovens** no sistema prisional. Como já dito, muitos são os trabalhos que estudam o cárcere, principalmente no Direito, na Psicologia e na Pedagogia, entretanto, essas pesquisas voltam-

se muito mais à análise da instituição, da legislação. Ao delimitarmos a pesquisa aos jovens em condição de aprisionamento, somente encontramos materiais que se debruçam sobre a situação do adolescente autor de ato infracional.

Afim de (re) conhecer o panorama nacional deste tema, realizamos um levantamento nos dois volumes do dossiê sobre a juventude, coordenado por Marilia Sposito (2009). Este dossiê foi realizado no período de 1999 a 2006, e abarca as seguintes áreas: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social.

Segundo Sposito, (2009, p.129), “São poucos os estudos que se voltaram para segmentos jovens que alcançaram a maioridade legal”. Importante salientar que, de acordo com este estudo, a produção nas ciências sociais é ainda mais “rarefeita” até mesmo no que tange a situação dos adolescentes privados da liberdade.

Outro aspecto importante levantado pela autora deve-se ao centro de análise dos trabalhos, que segundo Sposito (2009) possui como foco não o sujeito jovem que comete o crime, mas sim o fenômeno da violência, ou seja, o crime.

Para realizarmos uma pesquisa que respondesse às várias indagações, já declaradas, optamos por estudar a situação dos jovens encarcerados, o que implicou entender a complexidade que envolveu o seu aprisionamento. Foi necessário então, abarcar dois momentos distintos: um que antecede ao cárcere, e está diretamente ligada a condição do jovem na modernidade, a percepção que ele tem do mundo e o que o mundo espera dele, seus modos de vida, as formas de sociabilidade juvenil, e a violência/criminalidade como uma das mediadoras das relações sociais que os envolvem; já o outro ponto fundamental de análise decorreu da realidade intramuros.

Três pontos fundamentais são abordados neste trabalho: o primeiro refere-se à legislação penal, visto que é ela quem determina, legitima e silencia as práticas institucionais, define os tipos de punição que se destinam aos criminosos. E, ainda é essa mesma lei que se utiliza de um discurso ressocializador para tentar formatar os sujeitos. Outro pilar será a discussão acerca da categoria juventude sob as condições de encarceramento hoje, compreendendo-a a partir da sua condição social e de transição entre fases de vida. E por fim a análise das

trajetórias destes jovens, o que os leva a buscarem no crime um estilo de vida.

Tornou-se essencial a compreensão das redes de relações que se instituem e se constroem a partir dos jovens, sendo necessário para tanto um mergulho nesta conjuntura de tal forma que possibilite a apreensão das oposições, das contradições, das inquietações e dos paradoxos nos quais esta geração se movimenta no interior de uma instituição prisional.

Reconhecer e desmistificar a trajetória pré-cárcere deste sujeito nos possibilitará compreender como esse jovem “decide” traçar um projeto de vida, em que invariavelmente as únicas certezas são a cadeia ou a morte.

Desde a época em que trabalhamos no presídio, já chamava atenção o valor dado por esses jovens ao sucesso, ao poder, à necessidade de serem valorizados e respeitados. Constantemente parecia que a obtenção de status era o objetivo central de suas vidas. A ânsia por serem aceitos e incluídos, por pertencerem a um grupo sempre esteve presente na fala dos jovens presidiários. Essa inclusão geralmente acabava por ocorrer pela via da criminalidade, pelo aniquilamento da lei, e pela imposição da sua existência social que se dá por meio do crime, do status de “bandido”.

Quando citamos a questão do aniquilamento da lei por parte destes jovens é importante ressaltar que, para eles, algumas práticas delituosas como, por exemplo, o tráfico, apesar de serem consideradas crimes, não são atitudes que eles veem como erradas, pois este é o trabalho deles. É possível perceber quantas questões precisavam ser escutadas e analisadas para compreender como estes sujeitos vivem a condição juvenil na interface com a criminalidade e como vivem o aprisionamento, justamente na fase da vida que é tida como a fase de independência.

Selecionamos como sujeitos desta pesquisa dez jovens reclusos no Presídio Masculino de Florianópolis, com idade entre 18 a 24 anos, moradores de bairros considerados de risco e vulnerabilidade social, que respondiam pelo crime de tráfico de drogas e que estavam inseridos nas oficinas de trabalho da instituição. A escolha de reclusos que participam das atividades laborais se deu por considerarmos que nas oficinas há um relativo relaxamento da vigilância, facilitando a criação de um

vínculo de confiança pesquisador-pesquisado, além do fato de estes jovens serem retirados diariamente das galerias para trabalharem, e assim não estaríamos alterando a rotina da instituição. Aplicou-se um questionário com estes dez jovens, no qual utilizamos nomes fictícios, a fim de preservar a identidade dos mesmos.

Para alcançar os objetivos propostos neste trabalho, a metodologia utilizada foi de abordagem quali-quantitativa. A pesquisa foi descritiva, alicerçada na etnografia e apresentou como suporte a pesquisa bibliográfica e documental.

Para a construção da dissertação, optamos por um texto que mesclasse narrativas e discussões teóricas em todos os capítulos, evitando intencionalmente o formato de outros trabalhos acadêmicos, nos quais se dedicava capítulos exclusivamente para a discussão teórica e outros para apresentação da pesquisa.

Os capítulos, desta maneira, levam a temas decorrentes das entrevistas, de tal forma que foi possível compreender e identificar as normas, regras e conjuntos de valores que dão sentido e orientam as ações dos sujeitos. Selecionamos passagens que dessem conta de expor a visão de mundo dos sujeitos da pesquisa, quais olhares têm sobre o crime, a prisão e o tráfico, como vivem e se relacionam na prisão, e o que os leva a terem um comportamento considerado como desviante.

No primeiro capítulo abordamos a questão da prisão, pontuando a alteração nas punições aplicadas aos homens ao longo da história, bem como os estágios que antecederam a privação de liberdade como forma de sanção. Ainda neste capítulo apresentamos a prisão no Brasil e fazemos um breve resgate da Lei de Execução Penal. Para finalizar este capítulo apontamos os dados referentes ao sistema prisional brasileiro no qual constam: perfil da população carcerária no país, tipos de crimes atentados/consumados, e dados referentes às instituições do país.

No segundo capítulo apresentamos o panorama do sistema prisional catarinense, pontuando dados acerca das instituições desta região, e destacamos o campo de pesquisa, e é neste momento que se realiza a exposição do retrato da juventude no Presídio Masculino de Florianópolis. É neste capítulo que foi levantado o perfil dos jovens encarcerados.

O terceiro capítulo é dedicado à trajetória dos sujeitos na criminalidade, pois é neste momento que está presente a vivência no cárcere e as experiências a partir da interdição da liberdade. Elegemos as narrativas que julgamos melhor descrever a situação do todo, pois, muitos jovens, talvez por estarem presos, refletiam com dificuldade sobre a sua situação no cárcere, se sentiam mais a vontade falando sobre o passado e sobre a vida no crime, do que sobre a institucionalização, enquanto outros tinham mais facilidade em discorrer sobre a prisão. Assim como nas entrevistas, respeitamos essa diferença e tentamos não forçar a fala deles sobre o que não quisessem comentar ou não se sentissem a vontade, fizemos o mesmo na hora de selecionar as narrativas. Priorizamos no terceiro capítulo depoimentos que possibilitam maior análise e apresentam maior reflexão por parte dos sujeitos.

O quarto capítulo foi reservado para discussão sobre os possíveis condicionantes da entrada no crime, bem como para as trajetórias que levam à entrada no tráfico. Abordamos aqui questões como consumo, status, campo de possibilidades, família e educação. Buscamos a escolha das narrativas que melhor traduziam a condição e as experiências da maioria, esboçando uma tabela para organizar dados como: idade de entrada no crime, primeira substância utilizada, organização familiar, relação com a escola, e possíveis motivações para entrada no crime, pois já havíamos notado que esses dados eram muito semelhantes entre os reclusos. Depois de sistematizá-los, fizemos a escolha das narrativas que seriam usadas no terceiro e quarto capítulos.

As entrevistas e conversas informais realizadas no período da pesquisa na instituição permitiram identificar que a maioria dos jovens são capazes de refletir e avaliar as ações do sistema prisional, que a todo momento tenta anular e aniquilar toda e qualquer forma de expressão dos sujeitos que ali se encontram.

Assim sendo, optou-se aqui por analisar e interpretar a realidade e o cotidiano da vida na prisão e na criminalidade a partir das narrativas destes jovens presos. Objetivamos refletir e identificar as razões que contribuem para que estes sujeitos, após passarem pela experiência da prisão e demonstrarem ter plena consciência de que seu futuro é totalmente incerto no

mundo do crime, ainda assim continuam a “apostar as suas vidas na loteria do crime”.

O crime pode então ser compreendido como um ato simbólico, que denuncia a necessidade de atenção, de ser visível ao mundo, como se a existência destes sujeitos só se concretizasse a partir do reconhecimento social. Embora esta visibilidade seja obtida pelo que é entendido como algo negativo e degradante que é o crime e a violência.

Foi possível perceber nos depoimentos destes jovens que a entrada e permanência no crime nos dias de hoje está muito ligada à ideia de status; a arma e a droga são signos do poder que estão diretamente relacionados à possibilidade de exercer controle sobre a vida de terceiros. Como fica claro nas entrevistas, estes sujeitos têm acesso, ainda muito novos, a essas formas de poder e o crime torna-se não só um ato ilícito, mas sim, um modo de vida, um trabalho e comumente torna-se o meio de pertencer e ser reconhecido dentro de um grupo.

Os jovens presos, sujeitos dessa pesquisa são vítimas de inúmeras privações e humilhações vivenciadas ao longo da sua trajetória de vida, não apenas no que tange a situação socioeconômica, mas principalmente no que se refere a uma rede de proteção que contribuisse e proporcionasse ao sujeito ter a perspectiva de futuro e possibilidade de traçar um projeto de vida.

1 HISTÓRIA DA PENA

As punições adotadas pelos homens aos seus semelhantes sempre geraram ardentes discussões. A punição de certa forma tem por objetivo recompensar o corpo social, seja gerando um sentimento de justiça, de proteção à sociedade ou da preservação e equilíbrio da “ordem social”.

Por outro lado, segundo Guimarães (2006, p. 11), a punição também possui a intenção de “reforçar a confiança nas normas legais e conseqüentemente no sistema de poder em voga, de ressocializar e, por fim, de neutralizar os infratores”.

A pena sempre esteve presente na história da humanidade, se caracterizando como um fenômeno social e cultural. Desta forma, os conceitos e funções da pena também são alterados conforme o momento histórico em que se vive, ou seja, tanto o que é considerado um crime como a punição aplicada estão diretamente ligados à conjuntura histórica que se encontra. Segundo Durkheim:

O crime não se observa apenas na maior parte desta ou daquela espécie, mas em todas as sociedades, de todos os tipos. Não há nenhuma onde não exista criminalidade. Muda de forma, os atos assim classificados não são os mesmos em todo o lado; mas em todo o lado e em todos os tempos existiram homens que se conduziram de tal modo que a repressão penal se abateu sobre eles. (DURKHEIM, 1995, pg. 66-67)

1.1 Estágios que antecedem a privação de liberdade como punição

No princípio as prisões não surgiram com o objetivo de punir. A aplicação da pena se dava por meio da tortura ou da execução. Neste momento as prisões tinham como objetivo central apenas evitar a evasão do réu, enquanto o julgamento que definiria a pena mais adequada era aguardado, ou seja, as

prisões não eram o fim, mas o meio utilizado para assegurar o cumprimento da sentença.

Grecco (2011) sinaliza que, na Europa, quatro estágios ou fases antecederam a prisão e a privação de liberdade como forma de punição final:

Todo grupo social sempre possuiu regras que importavam na punição daquele que praticava atos contrários a seus interesses. Era uma questão de sobrevivência do próprio grupo, ter algum tipo de punição que tivesse o condão de impedir comportamentos que colocavam em risco a sua existência. (GRECCO, 2011, p. 125 - 126)

De acordo com Grecco (2011) não há como datar especificamente o início da prática da punição como forma de coibir atos criminosos. Entretanto, a vingança privada que para este autor se configura como o primeiro estágio da pena, já era sinalizado na bíblia, no período a.C.

Neste primeiro estágio temos a pena que se materializa por meio da vingança privada, ou seja, decorre substancialmente da relação entre ação (agressão) e reação, que é a retribuição ao mal perpetrado. Aqui, a vingança se dá na esfera privada, ligada à ideia de revide. Nesta fase a punição era a resposta à ocorrência de uma pessoa contra a outra, estendendo-se também este direito aos parentes e familiares do ofendido e por fim ao grupo social.

Ainda conforme Grecco nesta fase ocorre o primeiro avanço: A Lei do Talião. Ela surgiu aproximadamente no século XVIII a.C. e continha uma noção muito simples do conceito de proporcionalidade, a qual se propunha a substituição do castigo desproporcional e discricionário por uma penalidade delimitada. Esta lei serviu de base para que se passasse à fase conhecida como composição, estágio este em que a relação agressão/reação passa a ser entendida como ineficiente, visto que não acarreta na reparação da ofensa. Torna-se, então, necessário reparar o dano causado, e para isto seria cobrada uma tarifa, ou a reparação ocorreria por meio da reposição em

bens materiais, fossem animais, utensílios, ou dinheiro a favor de quem havia sido lesado.

Posteriormente, na Idade Média, a resolução dos conflitos passa a ser mediada por uma terceira pessoa, alguém alheio à ocorrência, sem envolvimento com nenhuma das partes. Invariavelmente o papel de árbitro era exercido por um sacerdote.

Conforme Grecco (2011, pg. 21) finalmente, em último estágio surge o “Estado razão”, termo utilizado por Carl Th. Welcker para definir a Alemanha em 1813, e que representa um estágio em que “o Estado é regido pelo império da Lei”, tal qual vivemos nos dias atuais. O Estado chama para si a responsabilidade de não somente resolver e mediar os conflitos, como também se torna responsável pela aplicação da pena, ou seja, cabe ao Estado a definição do que é ou não crime, a penalidade a ser aplicada em cada situação e ainda a execução da sentença.

Foucault (2007) ao realizar sua análise centra-se na realidade sócio-histórica da Europa. O autor assinala que, ao longo da história, as penalidades/punições aplicadas foram sofrendo variações, em decorrência de inúmeros fatores dentre os quais podemos destacar os socioeconômicos e culturais. Invariavelmente as formas de punição não eram simplesmente superadas e substituídas por outras, mas coexistiam. Se inicialmente a sanção era aplicada sobre o corpo do condenado, na fase final encontramos a punição tendo como foco o adestramento, a obediência e o controle da alma do condenado.

Segundo Foucault (2007) no final do século XVII e início do século XVIII, o suplício era a forma de penalidade, e o corpo físico era o objeto no qual seriam aplicadas as penas, que poderiam ir desde desmembramento, torturas, podendo chegar até a morte. Nesta época as punições eram realizadas como espetáculos e a plateia era o povo. O intuito desta forma de punir era castigar aquele que desrespeitou a soberania do monarca. A tortura como espetáculo tinha como principal objetivo mostrar ao povo, o que aconteceria com quem disputasse o domínio do rei, sendo que, nesta época, desafiar o poder do soberano era como questionar a autoridade divina. De acordo com Bittencourt (2004, p. 105) “impunha-se uma pena a quem agindo contra o

soberano, rebelava-se também, em sentido mais figurado, contra o próprio Deus”.

No começo do século XVIII os suplícios como forma de punição vão se extinguindo. Em parte, a reação que a tortura causava no povo contribuiu para o desaparecimento desta prática, ao menos como forma de espetáculo, já que além de despertar a piedade do povo para com o criminoso, colocava o soberano no mesmo nível do criminoso, por conta das barbáries realizadas, ou seja, ocorria uma inversão, o criminoso passava a despertar a compaixão da “plateia” que via no seu torturador o algoz. Indiretamente fazia com que o povo questionasse o poder arbitrário do soberano. A substituição das penas (do suplício à privação de liberdade) se deu então essencialmente pelo caráter desumano destas práticas. Esses rituais passam a ser rechaçados e, novas leis e projetos são elaborados a fim de amenizar estas práticas.

Se antes a peça chave do processo era o castigo, agora, a partir do início do século XVIII, a ênfase ocorreria no processo penal.

a certeza de ser punido é que deve desviar o homem do crime e não mais o abominável teatro; a mecânica exemplar da punição muda as engrenagens [...] Desde então o escândalo e a luz serão partilhados de outra forma, é a própria condenação que marcará o delinquente, com sinal negativo e unívoco. (FOUCAULT, 2007, pg. 13)

Inicia-se a substituição dos espetáculos. A punição agora ocorre longe dos olhos do povo, em locais afastados. Evidentemente, não foi apenas o descontentamento do povo diante do espetáculo da tortura que altera a forma de punição, mas soma-se isto, ao movimento de filósofos desta época que questionavam os abusos de poder.

Segundo Guimarães (2006, pg. 167):

Oficialmente, a tese explicitada é que a filosofia humanista do liberalismo clássico, através da difusão do pensamento político, jurídico e filosófico dos autores inseridos

naquele contexto – Voltaire, Beccaria, Howard, Marat, Bentham, entre tantos outros –, determinou, de forma inquestionável, a substituição das sanções penais cruéis, mormente os suplícios públicos e a pena de morte, pela pena de prisão.

Em Foucault (2007), a passagem do suplício para a prisão não foi uma substituição automática. O cárcere é precedido historicamente por uma forma diferente de teatro. O suplício público resignou seu lugar a condenados acorrentados que eram sujeitos a trabalhos forçados. Nesta fase está presente a ideia de reparação do dano causado, e o trabalho ao qual o condenado era destinado possuía correspondência ao crime infringido.

É neste contexto que, segundo Foucault, a pena se torna muito mais um procedimento burocrático, evitando que recaia sobre um indivíduo a responsabilidade pela punição do outro. Isso determina um grande efeito, pois estaria tirando-se o caráter desumano da punição ou ao menos o dissimulando:

O princípio da moderação das penas, mesmo quando se trata de castigar o inimigo do corpo social, se articula em primeiro lugar como um discurso do coração. Melhor, ele jorra como um grito do corpo que se revolta ao ver ou ao imaginar crueldades demais. A formulação do princípio de que a penalidade deve permanecer “humana” é feita, entre os reformadores, na primeira pessoa. Como se exprimisse imediatamente a sensibilidade daquele que fala; como se o corpo do filósofo ou do teórico viesse, entre a fúria do carrasco e do supliciado, afirmar sua própria lei e impô-la finalmente a toda a economia das penas. Lirismo que manifesta a impotência em encontrar o fundamento racional de um cálculo penal? Entre o princípio contratual que rejeita o criminoso para fora da sociedade e a imagem do monstro “vomitado” pela natureza, onde encontrar um limite, senão na natureza humana que se manifesta – não por rigor da lei, não na

ferocidade do delinquente – mas na sensibilidade do homem razoável que faz a lei e não comete crimes. (FOUCAULT, 2007, pg. 77)

Entretanto essa “evolução” das penas traz mais consequências no sentido da aplicação da pena, e a forma de ver o “criminoso” não é modificada. Logo o condenado continua sendo tratado de forma autoritária e repressiva, porém não mais diante dos olhos do povo. Pode-se dizer, então, que a mudança ocorre no plano da invisibilidade dos atos. Na aplicação da pena o indivíduo ainda é visto como um bárbaro, como alguém sem dignidade, que precisa ser vigiado, controlado e moldado. A justiça possui o intuito de normalizar o transgressor. Para tanto Foucault propõe que o desenvolvimento e o funcionamento do poder ocorre através de práticas disciplinares que, sempre existiram e foram apenas ficando mais “refinadas”. A disciplina é um conceito chave, pois ela é a própria microfísica do poder constituída para o domínio e a sujeição do corpo, tendo como intuito a produção de indivíduos dóceis e úteis.

O desenvolvimento da disciplina contribuiu para que a prisão se tornasse a sanção para vários tipos de crime. Ela tinha como objeto os menores e mais minuciosos detalhes da personalidade de cada condenado. Os indivíduos precisariam estar preparados para se adaptarem ao plano econômico, político ou mesmo militar. Entretanto este treinamento não deveria acontecer por meio do uso da força, mas sim, pelo exercício da disciplina, e para tanto se fazia necessário a criação de instituições que fossem próprias para este treinamento.

A origem do sistema prisional é comumente relacionada ao surgimento dos códigos penais, bem como a reforma judiciária moderna, que ocorre aproximadamente entre o final do século XVIII e o início do século XIX na Europa. Até então a prisão e a penitenciária tinham como função serem “[...] local efetivo de cumprimento de pena, eram normalmente destinadas aos monges, que nelas ficavam recolhidos a fim de cumprir uma penitência, ligada a algum ato religioso” (Grecco, 2011, pg. 143), ou seja, tinham como propósito fazer o monge meditar e se arrepende do seu erro. Esta mesma lógica aplica-se às prisões

e aos condenados, visando fazer com que os mesmos paguem por seus crimes e ainda se arrependam dos seus atos.

Conforme Guimarães é (2006, p. 168):

De extrema relevância ressaltar, destarte, que por mais que o discurso oficial tentasse fazer crer que a reforma do Direito Penal objetivava, acima de tudo, uma aplicação mais humana e segura do Direito Penal, na realidade o grande objetivo era adequar o direito punitivo ao novo modo de produção que se estabelecia. [...] Não seria sensato por parte da burguesia que estava vagorosamente se apossando do poder, utilizar o mesmo método penal do Estado Absoluto veementemente combatido pelo novo discurso humanista – bandeira de luta política desta nova classe social –, como também não seria possível supliciar ou condenar à morte todos aqueles que atentassem contra a propriedade burguesa. (GUIMARÃES, 2006, pg. 168)

Ainda neste período ocorreu uma enorme crise socioeconômica assolou a Europa, o que conduziu inúmeras pessoas a condição de extrema pobreza, que se viam obrigadas a sobreviver por meio da prática da mendicância ou mesmo dos pequenos furtos. Cria-se então uma política criminal para conter o crescimento e as atividades deste grupo. São recolhidos os ociosos, os delinquentes os praticantes de pequenos delitos para serem enclausurados e terem o seu comportamento disciplinado. Para este fim a sanção de privação de liberdade era perfeita, pois permitia a vigilância dos desviantes e ainda a padronização dos comportamentos errantes.

Para que se tornasse possível atingir o ideal de adestramento, seria necessária uma estrutura que permitisse a vigilância constante e o controle de todas as ações de quem ali se encontrasse. Para tanto o projeto arquitetônico de Jeremy Bentham atendia plenamente aos reais objetivos da pena. Essa arquitetura favorecia que o preso acreditasse que estivesse sendo vigiado o tempo todo, porém sem ter certeza, visto que o responsável pela vigilância estava sempre oculto, enquanto que

o vigiado estava sempre visível, logo todas as suas ações seriam observadas, e nenhuma forma de privacidade seria permitida. Este projeto permitia tal controle que se tornou útil e aplicável até mesmo em escolas, fábricas, e hospitais.

De acordo com Foucault (2007), a prisão tem, em certos pontos, um caráter igualitário, visto que a privação de liberdade é garantida a todos e pune a todos da mesma forma. A privação, ao confiscar o tempo do condenado, satisfaz toda a sociedade que foi vítima do crime e, por outro lado, o condenado, ao “quitar” a dívida que tem com a sociedade, transformando a prisão em algo naturalizado.

1.1.1 A Evolução da Prisão

Segundo Melossi e Pavarini (1985 apud TRISOTTO, 2005), o nascimento do sistema carcerário não provém de uma preocupação humanitária e tão pouco idealista, mas emana da necessidade política, econômica e ideológica do final do século XVII de se criar mecanismos de dominação. Para isto a instituição prisão servia adequadamente, pois, ao formatar os sujeitos, pretendia-se não regenerá-los, e sim controlar os comportamentos, transformando o desviante em “bom trabalhador”.

Ainda de acordo com estes autores, a partir do crescimento industrial, amplia-se concomitantemente a necessidade da formação e preparação de uma força de trabalho, visto que era de fundamental importância para a classe burguesa a transformação do criminoso em proletário. O que estava velado no discurso de criação da prisão era justamente que se pretendia subordinar o delinquente ao regime dominante, objetivando o controle, a regulação e a utilização da mão de obra destes sujeitos de acordo com as necessidades impostas pelo capital.

Segundo Santos (2000, pg. 1):

A prisão – aparelho de privação de liberdade - e a fábrica - aparelho de produção econômica – são as instituições básicas das sociedades capitalistas contemporâneas: as relações de produção (separação trabalhador/meios de produção) e a disciplina

do trabalho na fábrica dependem da prisão, principal instituição de controle social; por outro lado, os métodos punitivos e os fins retributivos e preventivos da prisão objetivam transformar o sujeito real (condenado) em sujeito ideal (trabalhador), adaptado à disciplina da fábrica, principal instituição da estrutura social.

Constituída no duplo intento de castigar e readaptar, a sanção de privação de liberdade é consolidada e difundida desde o final do século XVIII, primeiramente na Europa, e alastra-se logo em seguida para o restante do mundo ocidental.

Outro ponto relevante a ser avaliado é que o delinquente é em parte um produto, ou melhor, uma criação da própria sociedade, e aí reside uma contradição, pois questiona-se o criminoso, mas não quem o criou, analisa-se apenas o agente e desconsidera-se o que contribui à prática ilícita.

Entretanto, pactuar com a ideologia de tratamento do delinquente seria praticamente afirmar que a sociedade é perfeita e está em plena harmonia e aquele que infringe as regras está em dissonância do restante, ou seja, o infrator é o que precisa ser corrigido e encaixado. Questiona-se então o criminoso, mas não a ordem vigente.

Outro ponto importante a ser considerado é que esta forma de operar, cuja proposta visa formatar o sujeito e agir no interior dos criminosos, poda a liberdade individual, pois impõe mudanças que muitas vezes estão mais ligadas ao plano dos valores morais do que realmente a reintegração social.

O crime é inerente a todas as sociedades independente do seu estágio:

Não há, portanto um fenômeno que apresente de maneira tão irrefutável como a criminalidade todos os sintomas da normalidade, dado que surge como estreitamente ligada às condições de vida coletiva. (DURKHEIM, 1995, pg. 66)

Para Durkheim o crime contribui no sentido de estimular a evolução da moral e do próprio direito, visto que um fato hoje considerado como crime, amanhã pode não ser mais. A

sociedade não é homogênea, logo sempre haverá os que pensam diferente e que buscam formas diferentes de viver e se relacionar. A uniformidade absoluta é impossível de ser alcançada, todavia é o que se parece buscar por meio da ressocialização.

Se pensarmos na história da humanidade, sempre houve inúmeros casos de pessoas sendo punidas por expressarem suas opiniões ou ainda por ousarem pensar de forma diferente ao padrão estabelecido. Em parte há de se concordar com Durkheim que os crimes contribuem para um questionamento social e que seriam os “criminosos” também agentes de transformação, já que sem eles muitas leis nunca seriam reavaliadas. Para exemplificar essa ideia Durkheim coloca que:

De acordo com o direito ateniense, Sócrates era um criminoso e sua condenação simplesmente justa. No entanto o seu crime, a saber, a independência de seu pensamento, era útil, não somente à humanidade, mas a sua pátria. Pois ele servia para preparar uma moral e uma fé novas, das quais os atenienses tinham então necessidade, porque as tradições segundo as quais tinham vivido até então não mais estavam em harmonia com suas condições de existência. [...] A liberdade de pensar que desfrutamos atualmente jamais poderia ter sido proclamada se as regras que a proibiam não tivessem sido violadas antes de serem solenemente abolidas. Entretanto, naquele momento, essa violação era um crime, já que era uma ofensa a sentimentos ainda muito fortes na generalidade das consciências. Todavia esse crime era útil, pois preludiava transformações que, dia após dia tornavam-se mais necessárias. (1995, pg. 72-73)

Nota-se então que o criminoso pode ser sim um agente de transformação social. Se por um lado está cometendo o crime de romper com as regras de um determinado momento histórico, está também, por outro lado, contribuindo para mudanças necessárias nesta mesma história.

Por essas e outras razões, a ideologia da ressocialização é alvo de inúmeras críticas, pois acredita que é somente o delinquente que está em desalinho com a sociedade, isentando o corpo social da sua parcela de responsabilidade na criação/produção da delinquência. Entretanto, não só a ideologia é alvo de críticas, mas o próprio termo “ressocialização” traz consigo alguns desafios. Alessandro Baratta (1990), representante da criminologia crítica, sinaliza que o termo remete a ideia de alguém que não se adaptou, que está fora dos padrões e precisaria ser readaptado a uma situação, ou seja estabelece uma relação dicotômica na qual o criminoso assume o papel de vilão e a sociedade o papel de correta, logo o termo que melhor se aplicaria segundo ele seria reintegração social, pois prevê uma relação dialética entre sociedade e prisão na qual o preso se vê na sociedade, mas a sociedade igualmente se vê no cárcere. Apesar destas críticas, há o consenso de que não se pode meramente negar a ressocialização sob o risco de abrir espaço para teorias que enfocam apenas a punição e a repressão.

Segundo Trisotto:

A correlação de forças que disputam o controle e a hegemonia na formulação de políticas públicas penitenciárias encontra-se dividida entre dois polos: a segregação e reabilitação, que concebem a finalidade da pena de privação da liberdade. Os procedimentos relativos à manutenção da ordem interna, a vigilância, a disciplina, a segurança, acabam por se destacar na organização penal à finalidade de reabilitação. (2005, p.81)

Esta forma de sobrepor o penal ao social ocorre não somente no interior das prisões, inicia-se antes mesmo do cárcere, a exemplo da política adotada nos Estados Unidos que substituiu o Estado Social pelo Estado Penal, e trata questões sociais como caso de polícia, e que retira da esfera social e joga na esfera penal. Segundo Wacquant (2001) a criminalização do pobre e do excluído tornou-se pretexto para a intolerância com o outro, tornando insuportável o convívio com os considerados

estranhos, com os diferentes que causam repúdio. O outro é discriminado e isolado de maneira a não causar mais desconforto aos olhos da sociedade.

Wacquant (2001) expõe ainda que, para delinear a política de isolamento, o mecanismo estatal usa de artifícios insidiosos, como a desestruturação das políticas de assistência social, que atendia os que se encontravam em situação de miserabilidade, com a finalidade de auxiliar e promover a sua emancipação econômica social e educacional. Com isso temos a maximização do direito penal em detrimento aos direitos sociais e o aumento das penas para conter os “delinquentes”, impedindo o convívio destes no meio social.

Desta forma, não restam muitas opções aos que se encontram em situação vulnerável, a não ser se sujeitar aos subempregos e remunerações irrisórias, que os obrigam a viver aquém das condições mínimas da dignidade de um ser humano. O Estado neoliberal tem no centro da atenção o livre mercado, deixando de lado as políticas assistenciais que são consideradas como as responsáveis por estimular a vadiagem, a dependência, e a irresponsabilidade, o que acaba por incitar o aumento da criminalidade. Isto quer dizer que o Estado opta pela política policial penitenciária em detrimento do social, opta então pela repressão e deixa de lado a prevenção.

A condição de vulnerabilidade a que diversas pessoas estão submetidas contribui nas escolhas, lícitas ou ilícitas, dos meios de obtenção de algum provento que auxilie a ascensão social. No lado dos meios lícitos lhes são oferecidos subempregos e, como implicação, surge uma maior dificuldade de inserção e ascensão social no mundo vislumbrado, ou seja, no meio dos “bem sucedidos”. De acordo com Marx (1982) a força de trabalho excedente que é abatida pelo desemprego, é obrigada de uma forma ou outra a garantir sua subsistência sendo invariavelmente coagida a desenvolver estratégias e táticas que vão dos “bicos” ao crime e a prostituição. Essa estrutura é intrínseca ao movimento do capital, ocorrendo em distintos contextos históricos, sobretudo no que tange à criminalidade.

Segundo Wacquant (2001), esta situação de subemprego proporciona o isolamento em bairros sem infraestrutura, sendo seus moradores estigmatizados como criminosos. Quando a

opção para ascensão social é pelos caminhos ilícitos recai imediatamente a força do Estado, que estava aguardando ansiosamente para retirar os delinquentes da convivência dos ditos cidadãos "decentes". Esses, para o aparelho estatal, devem usufruir os espaços públicos sem o incômodo de ter ao seu redor a pobreza.

A batalha "para limpar as ruas da sujeira" (WACQUANT, 2001, p. 89) é defendida por exposições de pesquisas, publicações de livros, programas midiáticos, muitas vezes financiados por autoridades públicas e órgãos criados para tal finalidade.

A propagação da política norte-americana que tomou proporções globais, simultaneamente com a proliferação da economia de mercado, foi anexada à política de ampliação do direito penal, à repulsa e ao desprezo contra os marginalizados. Loïc Wacquant (2001) indica que houve assimilação por parte da Europa desse modelo norte-americano, e a incorporação desta política tem provocado elevação nos índices de criminalidade, principalmente entre os adolescentes e os jovens, os estrangeiros e os negros, que são aqueles que se encontram mais vulneráveis no continente citado. O aumento da demanda carcerária produz nas autoridades um efeito inverso, pois, ao invés deste dado demonstrar a fraqueza do Estado em alguns aspectos, tornou-se motivo de orgulho. É como se o fato de prender fosse resolver o problema da criminalidade.

A adoção dessa política excludente por parte dos Estados neoliberais tem por objetivo não somente retirar os miseráveis do convívio social, mas ainda deixar inúmeras pessoas beirando a marginalidade, e o que é pior, culpando-as pela sua "incompetência" em não se inserirem no mercado de trabalho, ou por se sujeitarem aos subempregos que não lhes proporcionam condições dignas para a sobrevivência.

Wacquant (2001) alerta que, da mesma forma que essa onda de repressão às mazelas sociais do Estado tomou conta da Europa, vem ocorrendo no Brasil uma importação destas mesmas práticas, direcionando a massa de excluídos às cadeias. A prisão é utilizada como forma de controle das populações indesejáveis, ou seja, dos miseráveis, e propaga-se a ideia de que a assistência social seria a responsável pela criminalidade ao supostamente estimular a vadiagem e a irresponsabilidade.

1.2 A prisão no Brasil

O sistema prisional brasileiro é composto em sua maioria por unidades pertencentes à esfera estadual de governo. Basicamente estas instituições padecem de problemas como: a superlotação, péssimas condições estruturais, corpo técnico deficitário, reduzido quadro de funcionários, entre outros. Estes, por si só, já são pontos cruciais que, comprometem diretamente a efetivação da Lei de Execução Penal nº 7.210 de 1984 – LEP - que prevê a individualização da pena e o acompanhamento por equipe técnica que supostamente promoveria a reintegração social do preso. A LEP será melhor apresentada adiante, no entanto vale destacar que esta é a legislação responsável por nortear a execução da pena; é nesta legislação que constam os direitos e deveres do recluso, bem como os da instituição.

No Brasil, de acordo com o Departamento Penitenciário, órgão do Ministério da Justiça, cada estabelecimento penal teria uma função peculiar e atenderia a um grupo específico. Contudo, em decorrência da superlotação e da falta de vagas, esta distinção acaba tornando-se impraticável. Apesar do que é visto na realidade, o ministério da justiça criou a diretriz arquitetônica que orienta os fins a que se destina cada estabelecimento. Conforme as Diretrizes Arquitetônicas de 2011:

[...] cadeias públicas ou estabelecimentos congêneres: estabelecimentos penais destinados ao recolhimento de pessoas presas em caráter provisório; penitenciárias: estabelecimentos penais destinados ao recolhimento de pessoas presas com condenação à pena privativa de liberdade em regime fechado, dotadas de celas individuais e coletivas; colônias agrícolas, industriais ou similares: estabelecimentos penais destinados a abrigar pessoas presas que cumprem pena em regime semiaberto; casas do albergado: estabelecimentos penais destinados a abrigar pessoas presas que cumprem pena privativa de liberdade em regime aberto, ou pena de limitação de fins

de semana; [...] hospitais de custódia e tratamento, aqui denominados serviço de atenção ao paciente judiciário: estabelecimentos penais destinados a atender pessoas submetidas à medida de segurança; complexos ou conjuntos penais: conjunto arquitetônico de unidades penais que formem um sistema de atendimentos com algumas funções centralizadas e compartilhadas pelas unidades que o constituem; central de penas e medidas alternativas: estabelecimentos destinados a atender pessoas que cumprem penas e medidas alternativas. (DEPEN, 2011, pg. 26. Disponível em: <<http://portal.mj.gov.br/data/Pages/MJD574E9CEITEMIDAB2EF2D92895476E8516E63C78FC7C4CPTBRIE.htm>>. Acesso em: 15 de dez. 2011.

Ainda, segundo a INFOPEN (2012), as unidades da federação sinalizam que o déficit carcerário nacional gira em torno de 220.000 (duzentas e vinte mil) vagas. Para amenizar esta problemática são criadas estratégias no mínimo absurdas, como o uso de *containers*, que até então, serviam para transportar mercadorias em navios cargueiros, e agora são utilizados em três estados brasileiros para aprisionar os reclusos, a saber: Santa Catarina foi o primeiro dos estados a adotar esta forma de confinamento em 2002, e o que era para ser provisório se mantém há dez anos, e os outros dois estados são Espírito Santo e Pará.

Vários são os fatores que contribuem para este quadro de precariedade no sistema prisional. Um dos fatores que merece destaque refere-se à morosidade do judiciário em julgar os processos e analisar os pedidos de benefícios.

Mas para que serve então o sistema prisional no Brasil? A que se propõe? Qual a função de punir? Para que punir?

Goffman (2001) considera os estabelecimentos prisionais como os maiores e mais significativos arquétipos de uma instituição total, visto que é um local destinado à moradia e ao trabalho, é onde se tem o tempo integral administrado e coordenado. Nestas instituições, as dimensões da vida se

limitam e se reduzem àquele espaço, onde ocorre a socialização apenas com as pessoas que evidentemente se encontram em situação semelhante. Para este autor (GOFFMAN, 2001, p. 16) cadeias, penitenciárias, campos de prisioneiros de guerra e campos de concentração são organizados para proteger a comunidade contra perigos intencionais, e o bem estar das pessoas assim isoladas não constitui o problema imediato, ou seja, pode ser considerada a instituição que mais segrega, ao mesmo tempo que é uma das mais segregadas pelo mundo extramuros.

Para Foucault:

[...] a prisão esteve, desde sua origem, ligada a um projeto de transformação dos indivíduos. Habitualmente se acredita que a prisão era uma espécie de depósito de criminosos, depósitos cujos inconvenientes se teriam constatado por seu funcionamento, de tal forma que se teria dito ser necessário reformar as prisões, fazer delas um instrumento de transformação dos indivíduos. Isto não é verdade: os textos, os programas, as declarações de intenção estão aí para mostrar. Desde o começo a prisão devia ser um instrumento tão aperfeiçoado quanto a escola, a caserna, ou o hospital, e agir com precisão sobre os indivíduos. O fracasso foi imediato e registrado quase, ao mesmo tempo, que o próprio projeto. Desde 1820 se constata que a prisão, longe de transformar os criminosos em gente honesta, serve apenas para fabricar novos criminosos ou para afundá-los ainda mais na criminalidade. Foi então que houve, como sempre nos mecanismos de poder, uma utilização estratégica daquilo que era um inconveniente. A prisão fabrica delinquentes, mas os delinquentes são úteis tanto no domínio econômico como no político. (FOUCAULT, 2009, pg. 131)

As instituições presídios e até mesmo os centros educacionais têm como objetivo central “realinhar” o sujeito,

reprogramá-lo, fazer o que supostamente nem a escola, nem a família conseguiram fazer, moldá-lo de acordo com os valores e regras sociais. Busca-se, por meio da prisão, a normalização de um padrão de comportamento a custo da autonomia do sujeito. O que se tenta com a prisão, senão converter o prisioneiro em um cidadão comum, que haja como se é esperado de um “bom jovem”? Então seria a anulação do sujeito a única forma de prevenir o crime? Ou seria realmente o intento do sistema fabricar delinquentes como expôs Foucault?

Se o pensamento diverge na hora de identificar a função das instituições prisionais, é fato que a ideia de ressocialização que está embutida no discurso penal não se efetiva, o que é confirmado pelo alto índice de reincidência, que atualmente gira em torno de 78% no Brasil. Nota-se que a maioria daqueles que são presos não conseguem se reintegrar a sociedade, e voltam a reincidir talvez pelos mesmos motivos que os levaram primariamente a cometer atos ilícitos.

Seria a cadeia realmente uma escola do crime? Um espaço de socialização da criminalidade, em que se compartilham revoltas, angústias e trajetórias de vidas similares? Em parte sim, visto que este é o local onde se reúnem aqueles que não se adaptaram as regras sociais, que buscaram no crime uma forma de ascender socialmente, ou ainda dar significado para a sua existência se reconhecendo e identificando com algum grupo. É ali também que se reúnem pessoas que muitas vezes antes de serem traficantes são usuários de drogas. São jovens que vivem o hoje, sem projeto e perspectiva de futuro. O que não é sabido é se optam por viver o hoje porque acreditam que não têm futuro, ou por não verem nenhuma perspectiva, concentram-se apenas no presente, vivendo cada dia como se fosse o último, que nos dizeres dos próprios presos seria viver a “vida louca”.

O fato é que a prisão não possibilita nada além de reviver as práticas violentas, as quais estes jovens estão acostumados e são até certo ponto veteranos, tampouco possibilita que o sujeito que ali se encontra possa acreditar que um futuro melhor o aguarda quando sair desta instituição. Logo, a prisão serve apenas para marginalizar e reforçar a exclusão. Como foi dito anteriormente a prisão é uma instituição que nasce falida, entretanto não se sabe qual a melhor substituição. O

fundamental é não banalizar a questão prisional como tem sido feito, acreditando que o preso tem a prisão que merece, embora muitas das práticas aplicadas nestas instituições afrontem diretamente a Constituição Federal. É preciso salientar que estamos analisando a prisão a partir dos efeitos que ela exerce sobre o criminoso, não estamos tentando desconstruir ou invalidar a necessidade de punição. Contudo estamos nos concentrando na análise de uma das funções da pena.

1.3 A Lei de Execução Penal

A lei de execução penal (LEP), Lei nº 7.210 de 1984, tem como objetivo a regulamentação das penas de privação de liberdade. É neste texto que se encontra os direitos e deveres dos reclusos. Ao entrar em vigor esta lei foi considerada um avanço, chegando a ser equiparada a leis de países de primeiro mundo.

Os objetivos centrais desta legislação se dividem em dois aspectos: o primeiro seria atender e proporcionar o devido cumprimento da sentença, e o segundo deveria promover a reintegração do condenado à sociedade. Isso pode ser visto no artigo 1º da referida lei: “[...] a execução penal tem por objetivo efetivar as disposições de sentença ou decisão criminal e proporcionar condições para a harmônica integração social do condenado e do internado.”

Se a legislação era considerada inovadora, sabe-se que a sua operacionalização deixa em muito a desejar. Pontos básicos como o que se encontra elencado no artigo 5º, o qual determina que os condenados sejam classificados segundo seus antecedentes e personalidades, orientando a individualização da execução penal, são aspectos negligenciados em decorrência de problemas como a superlotação. Aliás, este é um dos grandes desafios encontrados no cárcere, pois se deve buscar a individualização em uma instituição que atende 50% a mais da sua capacidade real, e a população que ali encontrada acaba por ser depositada em condições de miséria.

No caso do campo pesquisado - o presídio masculino de Florianópolis - até o dia 10 de julho de 2011 eram encontrados 310 encarcerados 310, sendo que sua capacidade real é para

apenas 150. Os estabelecimentos penais estão aquém das vagas necessárias, logo o que se tem é um quadro geral de instituições abarrotadas com déficit no número de funcionários e corpo técnico incompleto, o que compromete não só a classificação do condenado, mas também a assistência à saúde, visto que uma parcela destas instituições não possui dentistas, médicos, nem psicólogos, como é o caso do presídio masculino de Florianópolis/SC.

No artigo 10º da citada lei de execução penal é apresentada parte dos objetivos da pena de privação de liberdade: “A assistência ao preso e ao internado é dever do Estado, objetivando prevenir o crime e orientar o retorno à convivência em sociedade”. A partir deste artigo, ficaria clara a função supostamente ressocializadora da pena. Para que os objetivos de reeducar o recluso fossem alcançados, o artigo subsequente elucida as seguintes medidas no tocante a assistência:

A assistência será: I - material; II - à saúde; III - jurídica; IV - educacional; V - social; VI – religiosa”. Esses são direitos dos reclusos, contudo vale expor que muitos destes direitos acabam sendo violados por carências institucionais, como consequência da inoperância do Estado. (Lei de Execução Penal de 1984, artigo 11º)

Nestes dois artigos citados surge uma questão central, pois tenta prevenir o crime e orientar o retorno à vida social. Retirando este sujeito da sociedade supostamente seria ofertado na prisão aquilo que muitas vezes ele nunca teve acesso até ser preso. Entretanto é fato que esta assistência é negligenciada também no sistema prisional, tal como ocorria na vida extramuros.

Como já colocado, a LEP era tida como algo revolucionário para a época em que surgiu, entretanto quando nos deparamos com os meios, ou com as estratégias adotadas pelo Estado, fica evidente que os fins não seriam alcançados. O sistema penitenciário é o local onde se reúnem as maiores mazelas sociais, é foco de doenças, espaço de rebelião, fome, frio e miséria. É onde se vê gente tratada como animal, visto que em muitas instituições a tortura ainda é uma prática habitual e quando ocorrem espancamentos de presos por agentes do

sistema e estes são noticiados, a opinião popular se divide: de um lado os movimentos sociais por direitos humanos, em sua luta por respeito aos presos, e de outro senso comum que defendem a tortura aos presos como algo merecido, como se na mão do agressor estivesse sendo realizada justiça.

O fato é que foi proposta uma legislação supostamente moderna para uma instituição que nos dizeres de Foucault (2007) “já nasceu fracassada”. É através do sistema de encarceramento que a disciplina, a coerção e a normalização são aplicadas a muitos brasileiros, como um dos meios de imposição de regras para o convívio social. Fica evidente que a privação de liberdade tem o objetivo de padronizar dos sujeitos que ali se encontram.

Vale lembrar que a grande massa da população carcerária é formada por sujeitos geralmente advindos de um contexto social vulnerável e que por alguma razão acabam em uma instituição carcerária que, a priori, teria como objetivo reeducar e ressocializar o então “criminoso”. Porém como realizar este objetivo com um sujeito que muitas vezes nunca sentiu ser parte da sociedade tida como padrão? Como reintegrar o indivíduo que nunca esteve de fato integrado? É evidente que o objetivo não é evitar a reincidência e sim eliminar os “comportamentos desviantes”, visto que a própria legislação considera irrelevante as motivações que podem ter contribuído para a prática criminosa. E vale ressaltar, mesmo que houvesse relevância, nos depararíamos com o sistema tal qual ele se encontra atualmente, que impossibilita o desenvolvimento de um trabalho exclusivo na resolução de cada situação.

Apesar de todos esses problemas verificadas na LEP é preciso pontuar que antes desta legislação não havia nada que regulamentasse a execução penal.

1.3.1 Dados acerca do sistema prisional brasileiro

Segundo o último censo penitenciário divulgado em dezembro de 2011 pelo Sistema Integrado de Informações Penitenciárias do Ministério da Justiça, o Infopen (2011), o Brasil possui atualmente 1.237 estabelecimentos penais em todo o país, nos quais estão encarcerados 513.802 mil presos. Esses

dados, quando comparados à população total do país, significam que a cada 100 mil brasileiros existem aproximadamente 269,38 indivíduos encarcerados. Entretanto, por mais que se construam novas prisões, a população carcerária no Brasil cresce desproporcionalmente. Em junho de 2006 encontravam-se encarcerados aproximadamente 183.728 mil pessoas, número que no ano de 2011 cresceu aproximadamente, 279%. Na tabela 1 é possível verificar a relação entre estabelecimento penal, número de vagas e a superlotação no sistema.

Tabela 1 - Número de estabelecimentos penais e número de presos nas Unidades Federativas no primeiro semestre de 2011

Panorama das Instituições	Homens	Mulheres	Total
Estabelecimentos Penais	1166	71	1269
Número de Vagas	285.043	19.649	304.702
Número de Presos	478.206	35.596	513.802

Fonte: Tabela elaborada pela autora com base no censo penitenciário de junho de 2011.¹

Diante desta realidade tende-se a acreditar que o problema está na insuficiência das instituições carcerárias, e no déficit de vagas, quando as inquietações deveriam se voltar para os fatores que provocam o aumento da demanda carcerária, a exemplo da precariedade das instituições responsáveis por assegurar o direito à cidadania, garantindo não só o acesso, mas a permanência dos sujeitos nas mesmas. Ao invés de aumentar

¹ Divulgado no site do Ministério da Justiça: <http://portal.mj.gov.br/data/Pages/MJD574E9CEITEMIDC37B2AE94C6840068B1624D28407509CPTBRIE.htm>> Acesso em 16 de dez. de 2011. Há inconsistências nestes dados, pois no censo penitenciário de 2010 foram registrados 1.857 estabelecimentos penais, e seis meses depois foram apontadas menos 620 instituições. Nesta tabela sinalizamos como estabelecimentos penais os estabelecimentos públicos e os terceirizados.

o número de prisões deveriam centrar as preocupações em como barrar o aumento da criminalidade.

Segundo pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2000, 40% dos jovens brasileiros viviam em famílias sem rendimentos ou com o insignificante valor de meio salário mínimo, a cada dois desempregados no Brasil, um é jovem. Dos jovens que estudam e trabalham, 70% abdicam da escola em detrimento ao trabalho, aproximadamente 56,1% da população carcerária no país é composta por jovens com idade entre 18 e 29 anos, ou seja, em idade economicamente ativa, como se pode verificar no perfil da população carcerária na tabela 2 que segue logo abaixo.

Tabela 2: Perfil etário da população carcerária brasileira no primeiro semestre de 2011

IDADE	Presos	
18 – 24	132.768	29,9%
25 – 29	116.330	26,2%
30 – 35	82.572	18,6%
35 – 45	75.355	17,0%
46 – 60	27.454	6,2%
Mais de 60 anos	4.524	1,0%
Não Informado	4.833	1,1%

Fonte: Tabela elaborada pela autora com base no censo penitenciário de junho de 2011.²

Segundo a cientista social Silvia Ramos, em entrevista ao jornal da UOL, o Brasil tem, por ano, 50 mil vítimas de homicídio. Essa taxa é a sexta maior do mundo, com 26 por 100 mil. Se formos analisar a taxa de homicídios entre os jovens de 15 a 24 anos, pulamos para a quinta maior taxa, chegando a 50 por 100 mil. Ainda, conforme Ramos (ano, página), no Rio de Janeiro, com relação a esta mesma faixa etária de jovens, a taxa ultrapassa os 100 por 100 mil. E, finalmente, para quem acredita que as vítimas de violência não possuem “cara”, deparamo-nos com o altíssimo índice que atinge os jovens do sexo masculino, negros e pardos aos 23 ou 24 anos. A taxa de homicídios do Rio para esta população chega a 400 homicídios por 100 mil habitantes. O jovem aparece não somente como produtor, mas principalmente como produto desta violência.

As estatísticas apresentadas acima são reflexos dos processos de exclusão e violência social sofridos pelos jovens que se tornam vítimas de uma agressão velada, que é invisível ao olhar do senso comum, que não considera a negação dos direitos sociais básicos como uma forma de violência. O fato é que essa situação gera segundo Oliveira (2007, p. 3), uma “perversa inversão ideológica que transforma os indivíduos e os grupos que sofrem violência social em agentes de violência”. Desta forma, quando o sujeito comete um crime, não é considerada a violência cometida contra o mesmo e, ao ser punido, o jovem se tornará pela segunda vez invisível aos olhos da sociedade.

A pesquisa realizada pelo IBGE em 2000 expõe ainda que a renúncia aos estudos para se dedicar ao trabalho nem

² Divulgado no site do Ministério da Justiça: <<http://portal.mj.gov.br/data/Pages/MJD574E9CEITEMIDC37B2AE94C6840068B1624D28407509CPTBRIE.htm>>. Acesso em 18 de dez. 2011. É importante ressaltar que esses dados não correspondem à totalidade, visto que falta informação referente à idade de 69.966 presos.

sempre traz um bom retorno financeiro, “os trabalhos eventuais assumidos com frequência pelos jovens refletem a pouca qualificação na área educacional e a limitação das suas chances em assumirem cargos mais interessantes” (MATOS, 2006, p. 22). Essa falta de oportunidades e mesmo o acesso a subempregos invariavelmente coage o indivíduo a buscar formas de sobrevivência alternativas. Muitos desses jovens acabam seduzidos pelo tráfico, vendo neste uma possibilidade de ganhar não apenas o dinheiro que permita o seu sustento, mas também de poder ter o mínimo de respeito e de visibilidade social.

Na tabela 3 pode-se verificar que a população carcerária é composta em grande parcela por pessoas que possuem apenas o ensino fundamental, isso quando chegaram a completá-lo.

Tabela 3: Escolaridade dos reclusos no sistema carcerário brasileiro

Escolaridade	Quantidade	%
Analfabeto	26.222	5,8
Alfabetizado	61.720	13,7
Fund. Incompleto	212.216	47,1
Fund. Completo	58.041	12,9
Ensino Médio Inc.	51.189	11,4
Ensino Médio Comp.	34.815	7,7
Ensino Superior Inc.	3.722	0,8
Ensino Sup.Comp.	1.945	0,4
Acima do nível sup.	579	0,1
Total	450.049	

Fonte: Tabela elaborada pela autora com base no censo penitenciário de junho de 2011.³

³ Divulgado no site do Ministério da Justiça: <http://portal.mj.gov.br/data/Pages/MJD574E9CEITEMIDC37B2AE94C6840068B1624D28407509CPTBRIE.htm> Acesso em 19 de dez. 2011. É importante ressaltar que esses dados não correspondem a totalidade, visto que falta informação referente a escolaridade de 63.753 presos.

Aproximadamente 79,5% dos encarcerados não chegaram ao ensino médio, alguns por não conseguirem conciliar trabalho e estudo, outros por falta de interesse e vários por perceberem que a escola é um espaço de reprodução social que não abrirá oportunidades de ascenderem socialmente, de terem o mínimo de reconhecimento social.

No mundo moderno com o mercado de trabalho altamente seletivo, a meritocracia define os critérios de exclusão e o menos preparado será fatalmente substituído por aquele que possui o melhor currículo, o melhor preparo. De acordo com Marisa Feffermann:

A democracia sustenta o discurso que defende os direitos dos cidadãos, porque instaura no outro as possibilidades de conseguir a igualdade, projeta no outro as possibilidades de vir a ser. É uma ilusão de que há igualdade, ilusão para a manutenção das relações de poder, que é reforçada e reverberada pela indústria cultural. Há uma falsa equidade. E existindo essas possibilidades, o malogro é sempre responsabilidade de quem fracassou, porque foi incompetente. Uma sociedade que pressiona os indivíduos para uma situação marginal, culpabilizando-os e às suas famílias pela sua ruína. Isso pode ser notado nos discursos dos representantes do poder vigente, que consideram as famílias uma das principais responsáveis pelo ingresso do jovem no crime. (2006, pg. 248).

A falta de oportunidades de trabalhos interessantes somada à busca por visibilidade social e a ânsia por uma vida com emoções intensas, que possa ser levada ao limite, faz com que o crime seja uma opção, um caminho para obtenção de dinheiro, respeito e poder para muitos jovens cansados de conviverem com a violência. O descaminho do crime vira o único caminho, a última chance. Apesar do tráfico de drogas crescer absurdamente, os crimes que mais levam a prisão são os

cometidos contra o patrimônio, como poderemos identificar na tabela 4. Entretanto hoje a maior parte dos crimes está diretamente ligada ao tráfico, pois este é um sistema que é mantido de forma totalmente marginal, pois todo o funcionamento dele se encontra na marginalidade. Basta pensar que para levantar dinheiro para as bocas, os roubos e assaltos são frequentes, os conflitos são resolvidos com a eliminação de pessoas, a mão de obra utilizada é na sua maioria composta por crianças e adolescentes e, para completar, as relações se constituem por meio da violência. Ao analisarmos a tabela abaixo, perceberemos que os crimes que mais são cometidos são os que têm como fundo a questão da desigualdade social.

Tabela 4: População carcerária por crimes tentados/consumados

Crimes Tentados/Consumados	Quantidade	%
Crimes Contra a Pessoa	58.014	12,24%
Crimes Contra o Patr.	233.926	49,35%
Crimes Contra os Cost.	21.019	4,43%
Crimes Contra a Paz Pública	8.168	1,72%
Crimes Contra a Fé Pública	3.842	0,81%
Crimes Contra a Ad. Pública	536	0,11%
Crimes Prat. por Part. Contra a Adm. Púb.	842	0,18%
Legislação Específica	147.647	31,15%
TOTAL	473.994	

Fonte: Tabela elaborada pela autora com base no censo penitenciário de junho de 2011.⁴

⁴⁴ Divulgado no site do ministério da justiça: <http://portal.mj.gov.br/data/Pages/MJD574E9CEITEMIDC37B2AE94C6840068B1624D28407509CPTBRIE.htm> Acesso em 19 de dez. 2011. É importante ressaltar que esses dados não correspondem a

Para que fique mais clara a tabela acima, se configuram crimes contra o patrimônio: o furto Simples (Artigo 155); o furto qualificado (Artigo 155, Parágrafo 4º e 5º); o roubo qualificado (Artigo 157, Parágrafo 2º); o latrocínio (Artigo 157, Parágrafo 3º); a extorsão (Artigo 158); a extorsão mediante sequestro (Artigo 159); a apropriação indébita (Artigo 168); a apropriação indébita previdenciária (Artigo 168-A); o estelionato (Artigo 171); a receptação (Artigo 180); a receptação qualificada (Artigo 180, Parágrafo 1º); e o roubo simples (Artigo 157). Os crimes contra o patrimônio representam 49,35% do total de crimes.

O tráfico de drogas pertence à categoria de crimes com legislação específica, tais como: Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069, de 13/01/1990); genocídio (Lei 2.889 de 01/10/1956); crimes de tortura (Lei 9.455 de 07/04/1997); crimes contra o meio ambiente (Lei 9.605 de 12/02/1998); lei Maria da Penha - violência contra a mulher (Lei 9.605 de 11.340 de 07/08/2006). Grupo: entorpecentes (Lei 6.368/76 e Lei 11.343/06) - tráfico de entorpecentes (Art. 12 da Lei 6.368/76 e Art. 33 da Lei 11.343); tráfico internacional de entorpecentes (Art. 18 da Lei 6.368/76 e Art. 33 da 11.343/06). Grupo: estatuto do desarmamento (Lei 10.826, de 22/12/2003) - porte ilegal de arma de fogo de uso permitido (Art. 14); disparo de arma fogo (Art. 15); posse ou porte ilegal de arma de fogo de uso restrito (Art. 16); comércio ilegal de arma de fogo (Art. 17); tráfico internacional de arma de fogo (Art. 18).

Dos 147.647 crimes referentes à legislação específica, 117.143 correspondem aos crimes de tráfico de entorpecentes e tráfico internacional de entorpecentes, sendo que a diferença de 30.504 é relacionada a todas as outras legislações. De acordo com Feffermann:

Não existe relação direta entre pobreza e violência, e sim violência estruturada, perpetrada pelo Estado, que vem oprimindo grande parcela da população e que muitas

totalidade, visto que temos informações referentes a apenas 473.994 crimes tentados/consumados.

vezes impede o próprio sustento. Esta população está sob grande vulnerabilidade social, e em decorrência disso, vive situações de desrespeito e privações. Estas condições não são definidoras para a adesão ao crime, mas podem ser vereda propiciadora para que os setores ilegais e criminosos se expandam como no caso do tráfico de drogas, É nesses lugares que o tráfico torna-se visível, em regiões que o Estado é omissivo e/ou violento. Esses lugares tornam-se campos férteis para atividades ilícitas. A vulnerabilidade do jovem nesta situação é maior, com fatores relacionados entre eles: o característico relativo a idade; por ter sido aviltado em seus direitos, sofrer efeitos dessa violência, ou ainda por não ter opção de trabalho no mercado legal. (FEFFERMANN, 2006, p. 14)

Hoje temos a nova geração vivendo de forma mais exacerbada os conflitos sociais: se deparam com um mercado de trabalho precário e limitado, onde eles são os maiores excluídos, visto que ainda não possuem a chamada “experiência”; um sistema social cada vez mais estratificado; um exagerado apelo ao consumo - os valores impostos pelo mercado (que é a ideologia prevalecente na modernidade).

Em meio a isso, prepondera a crescente necessidade de valorização pessoal e social por parte dos jovens que, invariavelmente, parece ser conquistada por meio *do ter*. As exigências de consumo impostas pela mídia, pelo mercado e pela própria relação social hoje, mais do que nunca, é mediada pelo acesso, faz com que os jovens angustiem-se diante da impossibilidade *do consumir*, e o que era para ser secundário na vida dos indivíduos passa a ser uma necessidade primária.

2 A PESQUISA

Em Santa Catarina, segundo dados da Infopen, no primeiro semestre de 2011 a população carcerária do Estado era contabilizada em 14.362 equivalendo a 234,76 presos para cada 100.000 habitantes. Os jovens de 18 a 29 anos correspondiam a aproximadamente 57% da população total.

Como mencionado anteriormente, neste trabalho nos propusemos a analisar como vivem e se organizam os jovens submetidos ao encarceramento, para compreender as relações que se estabelecem a partir da interdição de sua liberdade civil e o que representam estas condições.

De modo mais específico, na pesquisa focamos nossa análise nos modos de vida, nas experiências e trajetórias dos jovens de 18 a 24 anos, que respondem ao crime de tráfico de drogas e estão cumprindo pena no Presídio Masculino de Florianópolis.

O método utilizado para a coleta de dados empíricos foi o etnográfico, o que possibilitou um mergulho no universo a ser estudado, permitindo-nos vivenciar e participar do cotidiano dos sujeitos, observar as suas rotinas, suas experiências nos rituais comuns à instituição, as suas formas de sociabilidade, enfim, entender como se vinculam, se relacionam e criam estratégias no ambiente coercitivo da prisão. Procuramos observar de forma sistemática como os jovens vivem a condição de prisioneiro, sendo que, ao mesmo tempo estão na fase da vida que é concebida como de contestação, de liberdade e até certo ponto de indisciplina.

O estudo etnográfico permite uma análise para além da relação presos/instituição e violência/instituição, possibilitando não somente reconhecer o jovem enquanto sujeito, mas também identificar a sua história de vida e apreender os significados e sentidos da privação da liberdade para o jovem.

Segundo Vera Helena Gomes Wielewicki:

“Apesar das diferenças entre os pesquisadores, alguns pontos em comum podem ser pinçados. Originariamente

desenvolvida na antropologia, a pesquisa etnográfica propõe-se a descrever e a interpretar ou explicar o que as pessoas fazem em um determinado ambiente (sala de aula, por exemplo), os resultados de suas interações, e o seu entendimento do que estão fazendo.” (WIELEWICKI, 2001, pg. 27)

Realizamos inicialmente o levantamento do perfil da população carcerária do Brasil e de Santa Catarina. Levantamos dados no que se refere ao panorama nacional, e estes foram selecionados por meio do censo penitenciário de 2011, que é realizado semestralmente e divulgado no site do Ministério da Justiça, pelo serviço de informação penitenciária. O mesmo procedimento foi realizado com relação à Santa Catarina.

A coleta destes dados serviu de suporte para a análise do perfil da população carcerária no todo. Evidentemente estes elementos só teriam sentido recebendo um tratamento qualitativo, ou seja, analisando-os por meio de teorias que agregassem significados para estes dados numéricos.

As entrevistas foram divididas em quatro eixos: infância, adolescência, relacionamentos e trajetória na criminalidade. Neste último eixo são encontradas as questões referentes à prisão, ao crime, à reincidência, à ressocialização, e às vivências e experiências no cárcere. Os três primeiros eixos (infância, adolescência e relacionamentos) tinham como objetivo delinear a trajetória anterior ao cárcere, identificar quais os determinantes e condicionantes para a entrada no crime. Aqui tentamos compreender a relação com a família, a escola, a droga, o campo de possibilidade destes jovens e as formas de sociabilidade no tráfico.

A pesquisa levou aproximadamente oito meses para ser finalizada. Antes de iniciarmos a inserção no campo para a pesquisa já havíamos realizado contato com a instituição nos anos de 2007 e 2008, quando a autora trabalhou como assistente social numa empresa que tercerizava serviços nesta instituição, coordenando uma das oficinas (bijuterias).

No período em que trabalhamos na instituição, convivíamos diariamente com aproximadamente oitenta reclusos, visto que nesta época a oficina de bijuteria era um pouco maior. Durante esta experiência, algo que sempre despertou o nosso

interesse era o fato de como os jovens vivam a condição de presos ou nos dizeres deles “puxavam sua caminhada”. Também era visível a ânsia por afirmarem a sua condição juvenil. Essas manifestações se davam por meio da música, das roupas, dos cortes de cabelo que usavam e que contrastava principalmente com o aspecto dos mais velhos, que estavam interessados apenas em cumprir sua pena e sair do sistema, e tentavam a todo custo parecerem invisíveis ao sistema. No caso dos jovens era nítida a vontade de imprimir uma marca, uma personalidade que os distingue-se do status de preso.

Esta experiência, além de ter despertado o interesse para realização da pesquisa, facilitou o acesso ao presídio para dar início aos trabalhos.

Inicialmente levantamos dados referentes aos jovens com idade entre 18 e 29 anos do presídio masculino de Florianópolis, pois esta é a faixa etária predominante nos presídios brasileiros. Feito isto passamos para a etapa de identificar o perfil dos jovens de 18 a 24 anos, já que este foi o recorte da nossa pesquisa. É preciso salientar que não existe um banco de dados no sistema penal catarinense para armazenamento dessas informações. Por isso foi preciso primeiro identificar quem eram os jovens nesta faixa etária, e posteriormente entrar em cada prontuário para que este levantamento pudesse ser realizado. Outro ponto a ser destacado é que muitas fichas encontram-se incompletas, com ausência de informações. O prontuário de vida carcerária dos reclusos (anexo A), também não apresenta muitas informações sobre estes indivíduos.

Depois de realizado o levantamento do perfil dos jovens encarcerados, identificamos, quais daqueles se encontravam trabalhando nas oficinas e que iam ao encontro do perfil previamente definido, para então finalmente podermos entrar em contato com os sujeitos da pesquisa.

Depois de verificar onde especificamente estavam alocados estes jovens, passamos para a etapa de inserção nas oficinas. Nesta fase foi possível participar da rotina da prisão e conhecer um pouco os hábitos da instituição. A vantagem de a pesquisa ser realizada no espaço da oficina foi que não houve necessidade da presença de agentes prisionais, tornando o ambiente mais informal e permitindo assim que várias questões fossem discutidas de maneira mais espontânea.

Utilizamos um roteiro de entrevista (apêndice A) abrangendo questões diversas, que iam desde recordações da infância, passando pela entrada no crime, a vida no cárcere e as perspectivas de futuro. Optou-se por não realizar uma entrevista formal, o que permitiu ao jovem autonomia para falar sobre o que realmente o motivasse a se abrir. Em decorrência, talvez, da confiança que resultou da convivência entre nós e os entrevistados, a resistência inicial em falar sobre alguns temas foi naturalmente rompida em momentos posteriores. Percebeu-se que quando a pergunta não era efetuada, eles fluentemente retornavam ao tema e decidiam compartilhar de determinadas experiências relativas a ele.

Descrevo a seguir a fase da inserção no campo e análise das entrevistas referentes as vivências no cárcere.

2.1 O retrato do presídio masculino de Florianópolis

A pesquisa foi realizada no presídio masculino de Florianópolis. Esta instituição é parte integrante do Complexo Penitenciário de Florianópolis, situado na Rua Delminda da Silveira nº 960, Florianópolis/SC, e o diretor atual é o senhor Euclides da Silva. Neste Complexo Penitenciário de Florianópolis encontram-se também: o presídio feminino, a penitenciária, o hospital de custódia e tratamento psiquiátrico (HCTP), a Casa do Albergado e o container.

Segundo Yuri Frederico Dutra:

As construções mais recentes são: a Ala de Segurança Máxima, construção de material realizada após 1993 e o Container, construído, no espaço físico da Penitenciária em 2002, que consiste em uma caixa de grande dimensão, de estrutura metálica, utilizada para o transporte de mercadorias em navios e caminhões, que foi adaptada para abrigar presos provisórios provenientes do Presídio de Florianópolis, mas submetidos às regras e disciplinas da Penitenciária Estadual de Florianópolis. (DUTRA, 2008, p. 53)

O presídio masculino de Florianópolis é formado por um prédio retangular com quatro torres de vigilância, onde policiais militares fazem o monitoramento constante. O pátio fica no centro da construção, para que quando os presos não estiverem em suas galerias, seus movimentos possam ser controlados ou vigiados. Se por um lado a estrutura permaneceu a mesma, por outro algumas alterações foram realizadas, tais como: o nome da instituição e a secretaria a qual estava vinculada. Segundo Souza:

Até 1970 o Presídio Masculino de Florianópolis era conhecido como Cadeia Pública, subordinado à Secretaria de Segurança Pública do Estado. Esta modificação ocorreu no mandato do governador Vilson Kleinubing, quando também foi realizada a unificação das Secretarias de Segurança Pública e de Estado da Justiça, resultando na Secretaria de Segurança Pública, hoje Secretaria de Estado da Segurança Pública e Defesa do Cidadão. (SOUZA, 2008, pg. 41)

A vigilância externa do presídio é feita pela polícia militar. O presídio é composto por cinco galerias, denominadas pelas letras: A, B, C, D, E. Até o dia 27/07/2011 havia 310 presos, sendo que a capacidade máxima, segundo a diretoria, é de apenas 150. É importante ressaltar que a rotatividade neste estabelecimento é alta, pois se trata de um lugar que a princípio recolheria somente presos provisórios. Contudo, isto não ocorre e a instituição acaba por receber tanto presos provisórios quanto os que estão condenados. O preso condenado sabe que não poderia estar ali e que a qualquer momento pode ser enviado para outra instituição, tal como a penitenciária de Florianópolis ou a de São Pedro de Alcântara, locais em que os regimes são muito mais rígidos. Entretanto, em decorrência da superlotação, ocorre que no presídio permanecem os presos possuidores de um bom comportamento, e para a penitenciária vão os aqueles que não se adaptam ao sistema prisional, mesmo ainda não tendo recebido a condenação.

Deve-se assinalar que o comportamento não é a única determinante, existem outras variáveis que decidem o destino de um preso, tais como a disposição de vagas, o “corre” (gíria utilizada pelos presos para designar a resolução de uma situação) feito pelo advogado ou por algum conhecido.

No presídio masculino de Florianópolis nossa pesquisa se debruça sobre trajetórias de vida de jovens encarcerados que possuem entre 18 e 24 anos de idade. A partir do próximo capítulo nós focaremos as análises acerca das experiências dos jovens no sistema carcerário.

2.1.1 Inserção no campo

Segundo Vania Conselheiro Sequeira:

A prisão tem uma grande muralha, tudo é cinza e opressivo; mesmo quando estamos no pátio, nem notamos o azul do céu, tudo continua cinza. Imagine um grande pátio de duzentos passos de comprimento e cento e cinquenta de largura, um retângulo irregular. Em volta, muros e portões. De um lado do portão, a liberdade luminosa; de outro, uma vida de fantasmas. Leis, hábitos especiais, uma casa morta-viva. Lugar sombrio, vida de um lado, fantasmas de outro. (SEQUEIRA, 2005, pg. 24).

Entrar em uma prisão sempre causa uma sensação de estranheza, o cheiro e o movimento são diferentes, como se a opressão estivesse presente em cada gesto contido. Os muros dividem a possibilidade de ser da (im) possibilidade de existir, de querer, de ter vontade própria, como colocou Sequeira é “uma casa morta-viva”. É um lugar em que a angústia está presente não somente no olhar dos presos, mas também nos olhos dos funcionários da instituição. Isto não passa despercebido.

Trabalhar anteriormente nesta prisão nos permitiu conhecer a realidade sob outra perspectiva, não apenas aquela apresentada pela mídia, que foca as barbáries e violências, sendo possível vislumbrar ali um espaço de sociabilidade com linguagem, rituais e modos de vida próprios. Espaço este que

reafirma ainda mais a violência e a submissão vivida pelos sujeitos. Neste espaço presenciou-se jovens perderem a vida de forma brutal, por razões incompreensíveis, e é neste mesmo campo que o castigo chega ao extremo de se negar um copo de água no calor de mais de 30 graus. É também o lugar que reforça um sistema que aprisiona pessoas em containers, por falta de vagas nas cadeias.

Depois do afastamento de dois anos, retornar ao presídio ainda causa uma sensação confusa, um misto de aflição com ansiedade. A recepção inicialmente é positiva, quando já se conhece o sistema, e também, ser previamente conhecido permite que as coisas fluam um pouco melhor. Os funcionários continuam os mesmos, e apesar de terem sido realizadas algumas alterações na diretoria, a base continua a mesma. Com relação aos reclusos a situação é inversa, já que depois de dois anos, poucos são os presos que lá permaneceram daquele tempo em que trabalhamos no local. Muitos foram transferidos, outros apenas cumpriram “a sua caminhada”, ou seja, cumpriram sua pena. Estes poucos presos que continuavam ali contribuíram muito na pesquisa, pois nos ajudaram a estabelecer um vínculo mais rapidamente com os mais jovens, sempre desconfiados com uma presença estranha.

Como já explicitado inicialmente, nosso trabalho se debruçou em conhecer o perfil dos jovens no presídio masculino. O levantamento de dados foi realizado no setor conhecido como penal, uma sala com quatro computadores na qual trabalham, no mínimo, dois agentes. Durante o dia o setor é frequentemente visitado por outros agentes e advogados, que querem alguma informação acerca do recluso que representam.

No presídio o quadro de agentes é formado basicamente por jovens com idade média de 25 anos, que entraram no último concurso, ou seja, tem a faixa etária similar aos jovens aprisionados. O interessante deste quadro de novos concursados é que impera no sistema uma relação dicotômica: de um lado estão os jovens que entraram para o crime e terminaram presos, do outro os jovens funcionários públicos responsáveis por manter a ordem e a disciplina na instituição. Mais contraditória ainda é a forma como esses jovens veem uns aos outros. Como neste momento o nosso contato era restrito aos funcionários da instituição, presenciamos algumas situações em que o

desconforto com o outro vazava em forma de palavras, a exemplo do dia em que realizávamos o levantamento de dados e entrou na sala um agente indignado por ter de levar um preso ao hospital com suspeita de meningite. Segundo esse agente era “muito melhor que “esse estorvo” morresse logo, pois assim, pelo menos abria mais uma vaga e não colocaria a vida dos agentes em risco”..

Outra ocasião surgiu quando em uma conversa informal da pesquisadora com um agente prisional de 23 anos e uma agente prisional que está para se aposentar. Falávamos sobre a dificuldade de se trabalhar no sistema prisional, com falta de funcionários. Esta conversa desencadeou o seguinte diálogo:

Agente prisional 1: O sistema não é para qualquer um não, porque aqui é muito fácil perder a cabeça, tem muito preso folgado, e as condições de trabalho são péssimas, os presos só não fazem uma rebelião e vão embora porque não querem, porque se fizessem a cadeia não aguentava, não tem estrutura nenhuma, e depois passa no jornal que o agente é que tá mancomunado com o preso, é sempre a gente que facilita...” A agente prisional 2 reforça: “Nem fala, meu filho vai trabalhar na *penita* (penitenciária)foi transferido, mas não vejo a hora dele passar em outro concurso, isso aqui não é vida não, tudo bem, trabalha um dia folga outro, isso até é bom, mas meu filho é meio pavio curto pra acabar se atravessando com um preso, não demora, que nem aquele cara que acabou descendo o cacete naquele maluquinho do manicômio...” Agente prisional 1 responde: “Mas esse pessoal é folgado eles às vezes levam a gente ao extremo, o cara tem que ser muito sangue frio para não perder a cabeça...”

A agente prisional 2: “Mas aquele ali eu fiquei com pena, porque eles são doentes, não sabem o que tão fazendo... e aquele agente é um folgado com todo mundo, não respeita ninguém nem preso, nem agente”

Estes espaços de interação com os agentes prisionais foram importantes para compreender parte do contexto no qual se constrói o discurso sobre o outro, não só no sentido polícia/bandido, mas também na relação contrária, no discurso produzido pelos presos sobre os agentes. É possível verificar que o caos do sistema prisional denota um problema não apenas para os reclusos, mas também para quem trabalha ali; na fala da agente prisional feminina nota-se o mesmo medo comum às mães dos presos que receiam o envolvimento do filho em alguma confusão, em algum problema maior.

A prisão traz implicações diretas na vida de todos que estão diretamente ligados ao sistema. Segundo Goffman (2001) especificamente nas instituições carcerárias recai sobre os indivíduos que ali se encontram um certo estigma, pois é considerado que as pessoas confinadas nestes locais são verdadeiras ameaças à sociedade, e pior, assim seriam por vontade própria e precisam, portanto, serem “remodeladas”. Recai então, tanto sobre o preso quanto sobre o internado, esse estereótipo que a situação de condenado lhe impõe.

Esse elemento é extremamente forte e provoca conflitos principalmente entre a equipe dirigente e os supervisionados, visto que os dirigentes colocam-se em situação de superioridade perante os condenados, considerando-se mais corretos e mais justos. Do outro lado encontram-se os presos que tendem a sentirem-se ameaçados, rebaixados e acusados. A diferença de formação cultural e de posição de classe causa nas instituições carcerárias uma situação de constante tensão.

Outro ponto a ser destacado refere-se à forma como o jovem agente se relaciona com o preso. O jovem agente se vê sendo constantemente levado a uma situação limite, em que a “qualquer momento é possível perder a cabeça”. Nestas instituições todos os envolvidos parecem estar no limite e essa tensão é canalizada para a figura do outro, daquele que supostamente é o responsável pelo estado das coisas.

Ao tratar do caos do sistema nota-se que, tanto os agentes prisionais quanto os presos, raramente refletem acerca da responsabilidade do Estado no que tange a problemática prisional. Não se faz uma conexão de que as péssimas condições em que vivem os presos estão inter-relacionadas ao descaso para com os trabalhadores destas instituições.

Em decorrência desta precariedade do sistema prisional, a pesquisa só pode ser realizada com os reclusos inseridos nas oficinas de trabalho. Isso ocorreu por não haver agentes disponíveis para deslocar os entrevistados das galerias até a sala em que seriam realizadas as entrevistas, e também porque o ano de 2011 foi extremamente tumultuado nas instituições prisionais de Santa Catarina, com muitas fugas e rebeliões. Apesar do presídio não ter registrado nenhuma destas ocorrências, é fato que estes problemas acarretam consequências que afligem todo o sistema. A pesquisa levou o dobro do tempo programado devido as inúmeras vezes em que comparecemos à instituição e fomos impedidos até mesmo de entrar. Assim sendo, as entrevistas foram realizadas apenas com os jovens inseridos nas oficinas de trabalho.

Os presos que trabalham estão alocados na galeria D. Na tabela 5 que segue logo abaixo podemos verificar a distribuição dos jovens de 18 a 24 anos no presídio, que até final do mês de julho de 2011 representavam o número de 88 reclusos.

Apenas uma das oficinas, a de reciclagem, permite que os reclusos além de trabalhar, possam também morar neste espaço. Esta oficina se encontra dentro da instituição e tem aproximadamente 40 m², onde ficam confinados os quatro reclusos que nela trabalham.

Tabela 5: Distribuição dos 88 reclusos com idade entre 18 e 24 anos que se encontram no presídio masculino de Florianópolis.

GALERIA	DISTRIBUIÇÃO	%
A	26	29,54
B	12	13,63
C	06	6,81
D	11	12,5
E	29	32,95
Não Informado	03	3,40
Reciclagem	01	1,13
TOTAL	88	

Fonte: Tabela elaborada pela autora referente à população carcerária registrada no dia 27/07/2011 com base no sistema de dados do presídio masculino de Florianópolis.

Com exceção da galeria C, que é onde são alocados os reclusos que respondem por crimes sexuais, e os que possuem desavença com presos e ainda os conhecidos como “alcaguetas”, a galeria D é a divisão em que os jovens se encontram em menor número.

Ao todo no presídio são realizadas quatro oficinas: a serigrafia em que trabalham seis reclusos, a malharia/costura com três reclusos, a de reciclagem que conta com a participação de quatro reclusos, e a bijuteria com aproximadamente cinquenta presos. Nas três primeiras o pagamento é de $\frac{3}{4}$ do salário mínimo como determina a LEP, e nesta última o pagamento é realizado por produção.

Dos 88 jovens presos, apenas doze estão inseridos nas atividades laborais, sendo que dois trabalham na serigrafia, nove na bijuteria e um na reciclagem. É difícil explicar o porquê deste número tão pequeno de trabalhadores, já que os critérios para seleção de reclusos não são claros. É necessário primeiramente que o recluso se candidate a vaga em uma das oficinas, ou seja, manifeste interesse, a seguir a instituição avaliará comportamento do preso e condições econômicas da família. Para algumas oficinas o preso não pode ser fumante. A participação, ou não, dos reclusos em oficinas está, em última análise, nas mãos da instituição, que utiliza critérios subjetivos para escolha de candidatos às oficinas.

2.2 O Retrato da juventude no Presídio Masculino de Florianópolis

Santa Catarina, como apresentado no início deste capítulo, acompanha a tendência de todo o país, tanto no que se refere ao perfil da população carcerária quanto nos problemas sinalizados. O presídio masculino de Florianópolis não foge a regra, pois apresenta, em menor escala, o mesmo quadro de superlotação, infraestrutura precária e atendimento de saúde problemático, além dos funcionários em desvio de função, a exemplo da assistente social desta instituição que é concursada

como agente prisional, ou seja, recebe como agente, mas desempenha a função de assistente social.

Nota-se que apesar do presídio representar uma esfera pequena de uma ampla problemática, é possível reconhecer ali todos os conflitos que contribuem para a atual conjuntura do sistema prisional no país. Para obter esses dados analisamos o prontuário de vida carcerária dos 88 reclusos.

O grau de escolaridade dos 88 jovens encarcerados no presídio pode ser visualizado na tabela 6, que reflete a baixa escolaridade dos jovens que estão presos nesta instituição. Como fizemos a análise de cada prontuário, é possível saber exatamente a escolaridade dos jovens. Já nos indicadores da INFOPEN não foi possível realizar esta identificação visto que não temos como cruzar os dados entre faixa etária e escolaridade.

Tabela 6: Escolaridade dos jovens no presídio masculino de Florianópolis

Escolaridade	Quantidade	%
Analfabeto	0	0
Alfabetizado	01	1,13
Fund. Incompleto	25	28,40
Fund. Completo	39	44,31
Ens. Méd. Incompleto	10	11,36
Ens. Médio Completo	10	11,36
Ens. Sup. Incompleto	0	0
Ens. Sup. Completo	0	0
Não Informado	3	3,40
Total	88	

Fonte: Tabela realizada pela autora referente à população carcerária registrada no dia 27/07/2011 com base no sistema de dados do presídio masculino de Florianópolis.

A baixa escolaridade destes sujeitos compromete diretamente a possibilidade de acesso a bons empregos, que proporcionam o mínimo de estabilidade. Ao cruzarmos o grau de instrução com as ocupações por eles desenvolvidas como segue

na tabela 7, fica evidente a dificuldade destes jovens em se inserir no mercado formal, e ter acesso inclusive a direitos trabalhistas.

Tabela 7: Profissões desempenhadas pelos reclusos de 18 a 24 anos antes de serem encarcerados

PROFISSÃO	Qtde	%
Agricultor	01	1,13
Autônomo	03	3,40
Auxiliar Administrativo	02	2,26
Auxiliar de Produção	03	3,40
Desempregado	08	9,09
Estudante	07	7,95
Frentista	01	1,13
Jardineiro	02	2,27
Marceneiro	05	5,68
Não Informada	12	13,6
Padeiro	02	2,27
Pensionista	01	1,13
Servente de Pedreiro	34	38,6
Serviços Gerais	04	4,53
Vendedor	03	3,40
TOTAL	88	

Fonte: Tabela elaborada pela autora referente à população carcerária registrada no dia 27/07/2011 com base no sistema de dados do presídio masculino de Florianópolis.

Uma forma de comprovar a informalidade em que vivem estes sujeitos é que nenhum deles tem direito ao auxílio reclusão, e ao contrário do que é frequentemente veiculado na internet por correntes de e-mail sobre a suposta “vantagem em ser um presidiário”, no qual consta que cada preso teria direito a receber R\$ 915,00 por dependente, independente da sua condição de segurado ou não. O que se esquece, é que este

benefício somente é devido ao recluso que contribuía para a previdência até o momento da prisão, ou seja, encontrava-se na condição de segurado.

Segundo o Ministério da Previdência Social (MPS) o auxílio reclusão:

É um benefício legalmente devido aos dependentes de trabalhadores que contribuem para a Previdência Social. Ele é pago enquanto o segurado estiver preso sob regime fechado ou semiaberto e não receba qualquer remuneração da empresa para a qual trabalha [...]. O valor do benefício é dividido entre todos os dependentes legais do segurado. É como se fosse o cálculo de uma pensão. Não aumenta de acordo com a quantidade de filhos que o preso tenha. O que importa é o valor da contribuição que o segurado fez. O benefício é calculado de acordo com a média dos valores de salário de contribuição. Fonte: site do Ministério da Previdência Social.

Analisando a tabela 7 é possível observar que são poucos os presos que se encontrariam aptos a receber tal benefício, visto que a maioria das funções ocupadas pelos oitenta e oito jovens não costumam oferecer carteira assinada. Para que essa informação fosse confirmada, consultamos a assistente social da instituição para nos informarmos sobre quais destes jovens recebiam o auxílio-reclusão e confirmou-se que nenhum deles recebia o benefício.

Vale destacar que, conforme o Boletim Estatístico da Previdência Social (BEPS) de dezembro de 2011, o Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS) concedeu 1.610 benefícios de auxílio-reclusão, sendo que em junho de 2011 a população carcerária era de aproximadamente 513.802, ou seja, nem 1% desta população recebe ou tem direito ao benefício.

Na tabela 8 apontamos especificamente a idade dos jovens reclusos, na qual encontramos em maior número sujeitos com 19 e 21 anos, sendo que cada um deste grupo corresponde a 20%, seguido dos jovens com 20 anos que correspondem a 15% desta população.

Tabela 8: Faixa etária da população pesquisada

IDADE	Qtde	%
18 Anos	11	12,5
19 Anos	18	20,45
20 Anos	14	15,9
21 Anos	18	20,45
22 Anos	12	13,63
23 Anos	07	7,95
24 Anos	07	7,95
Não Informada	01	1,13
TOTAL	88	

Fonte: Tabela elaborada pela autora referente à população carcerária registrada no dia 27/07/2011 com base no sistema de dados do presídio masculino de Florianópolis.

A primeira passagem de oito destes sujeitos no sistema foi por tráfico de drogas. Dos dez jovens entrevistados, quatro tinham 24 anos, dois estavam com 22, outros dois com 23 e mais dois com 19 anos. Muitos respondem por outros crimes além do tráfico de drogas, como porte de arma, associação, furto, assalto e cinco destes jovens respondem agora também pelo crime de homicídio. Todos os sujeitos da pesquisa já possuíam passagem pelo sistema prisional, a maioria esteve anteriormente em outras instituições, e não no presídio. Apenas dois passaram por centros de internação na adolescência.

Depois de conhecer e identificar o perfil do jovem que se encontrava na instituição, o próximo passo dado foi nos inserimos nas oficinas. Em cada uma, reunimos todos os reclusos, independente de serem ou não participantes ativos da nossa pesquisa, pois entendemos que esta seria a melhor forma de fazê-los compreender porque apenas alguns seriam entrevistados. Na prisão quando alguém de fora chega, todos querem saber o que aquele “estranho” pretende, o que ele quer, e, para tentar quebrar a desconfiança achamos melhor socializar os objetivos com todos. Além de expormos neste momento os objetivos da pesquisa, explicamos que os nomes de todos os entrevistados seriam substituídos, mantendo a identidade em sigilo, e que ainda constaria no trabalho apenas o que fosse

autorizado pelos mesmos, conforme o termo de livre consentimento.

A primeira oficina em que trabalhamos foi a de reciclagem, onde ficam quatro reclusos, e apenas um deles correspondia ao perfil da pesquisa. Esta foi a oficina em que o trabalho fluiu mais rapidamente. Dos quatro reclusos que trabalham na instituição, três eram nossos conhecidos do período anterior em que trabalhamos na instituição.

Passamos depois para a oficina de serigrafia, na qual dois jovens foram entrevistados. Nela conhecíamos apenas um recluso, embora também tenha sido fácil a formação do vínculo de confiança com os sujeitos da pesquisa.

A última foi a oficina de bijuteria. Como são muitos presos o trabalho torna-se um pouco mais complicado de ser realizado, por uma razão simples: são muitos no mesmo espaço, comprometendo a observação dos participantes. Havia dias em que quatro rádios estavam ligados, todos tocando músicas diferentes, com presos cantando ao mesmo tempo em um espaço de mais ou menos 60 m². Outro ponto é que o entrevistador, sendo alguém de fora, pode contar como está o mundo lá fora, assunto que é motivo de curiosidade para quem está preso. Querem saber como é o *shopping center*, que para eles ainda é novo, querem saber se as praias já estão cheias, quais as festas que estão rolando, entre outros temas.

As segundas-feiras eram dias em que o pesquisador virava o pesquisado. Os presos queriam detalhes do final de semana, sempre a espera da descrição de um final de semana épico. Por outro lado essas situações também serviam de alavanca para as memórias de festas e certos episódios do período em que estavam livres. Nessas horas vinham as descrições dos gastos de mais de R\$ 1.000,00 em uma balada e de situações em que saíam na sexta à tarde e só voltavam para casa na segunda, deixando claro que curtiam cada segundo da vida.

Esta interação também ocorria nas outras oficinas, entretanto, por haver menos de dez pessoas nelas, o foco era mantido nas entrevistas.

3. ENTRADA NA PRISÃO: “O MUNDO QUE DESABA, MAS É MELHOR TÁ PRESO QUE MORTO”

Nas entrevistas buscou-se abarcar momentos que antecedem ao cárcere bem como as experiências da juventude a partir da prisão. Inicialmente abordaremos as formas de sociabilidade no interior da prisão, os rituais de entrada, a apreensão de códigos de comportamento e as relações que se instituem a partir da privação da liberdade.

Segundo Sequeira:

[...] seres arrancados de suas vidas e relações não poderiam viver normalmente, naturalmente como se nada tivesse acontecido. Esse lugar morto-vivo potencializa aspectos que nem eles sabiam existir. Sem trabalho, longe das pessoas de quem gostam, sem nada seu, o homem pode deixar de ser ele próprio, converter-se em fera. (SEQUEIRA, 2005, pg. 27-28)

Hoje, mais do que nunca, a violência parece estar presente em todos os lugares e em todas as relações, desde a negação dos direitos sociais, à negação da vida, e o desrespeito à diversidade. Em contrapartida, há um movimento por parte da sociedade para garantir os direitos humanos, o que implica numa contínua resistência, perceptível na defesa dos direitos das minorias, das crianças, das mulheres, dos idosos, dos deficientes, da paz, da cultura indígena, da ecologia, e dos presos.

Diariamente somos bombardeados pelo problema da violência em suas múltiplas formas: doméstica, da negação dos direitos sociais, urbana, institucional do aparato repressivo (promovida pela própria polícia) e tantas outras. O fenômeno da violência parece perpassar todas as formas de relação.

Com relação aos presídios, constantemente são noticiadas manchetes que denunciam torturas, agressões e superlotações, além de humilhações contra os presos e seus familiares. Tudo isso é parte de um ritual de violações às quais aqueles que são considerados como “lixo social” estão sujeitos.

Ecoa na voz da sociedade que direitos humanos são para “humanos”, não para bandidos, como se o crime não fosse realizado por um semelhante. Essa forma pela qual o chamado “bom cidadão” enxerga o criminoso é em parte responsável pelos maus tratos que se dispensam aos presos.

De acordo com Goffman (2001), ao ser preso iniciam-se inúmeros *processos de mortificação do eu* que vão sendo imputados a partir do confinamento do indivíduo. O aniquilamento do contato com o mundo externo é o primeiro e um dos mais impactantes destes processos. Tanto que até hoje, nas instituições carcerárias brasileiras, logo que o indivíduo chega ele é levado para o isolamento, onde não tem contato com o mundo externo e tampouco com os outros internos ou mesmo com o pessoal da instituição.

O segundo destes processos refere-se à admissão na instituição. Como se o indivíduo que ali chega fosse a peça de uma engrenagem, que será cadastrada e registrada, ele é fotografado, pesado, medido, suas roupas são tiradas e substituídas por um uniforme, e por fim seu nome é trocado pela matrícula. De acordo com Goffman (2001, pg. 26), a perda do nome é a maior das mutilações que pode ocorrer.

Esses últimos processos são ainda uma das formas para enquadrar o novato e assim introduzi-lo à nova rotina.

Muitos desses processos dependem de alguns atributos que o indivíduo possui apenas porque é membro da mais ampla e abstrata das categorias sociais, a de ser humano. A ação realizada com base em tais atributos necessariamente ignora maioria de suas bases de auto-identificação. (GOFFMAN, 2001, pg. 26)

Todos esses processos têm como objetivo acabar com qualquer possibilidade de insubmissão por parte do internado, e reforçar a subordinação ao sistema e à equipe dirigente. São utilizados ainda métodos bem persuasivos que vão da tortura psicológica à ameaça à integridade física do condenado.

Todas essas estratégias adotadas invariavelmente causam no indivíduo um efeito contrário àquele que se espera da

pena, visto que ao enfrentar essas violações o condenado passa a se sentir como uma vítima e não mais como o autor da violência.

Este quadro descrito pelos estudiosos do tema é semelhante ao que encontramos no campo investigado. Para todos os entrevistados a sensação comum que marca a primeira prisão é a insegurança. Não saber para onde se vai, nem como realmente é uma cadeia, faz com que o medo esteja presente. Sempre existe um conhecido que já foi preso, sempre se sabe de alguma história de morte ou tortura, mas somente quando se vai preso é que se pode sentir o peso da incerteza. Afinal a prisão também ocupa o imaginário do criminoso que nunca foi preso, embora não se manifeste como uma preocupação.

Essa insegurança, medo e tensão são as sensações que mais aparecem para os reclusos quando apontam como foi a sua entrada na prisão:

[...] provavelmente eu não dormi, porque ninguém dorme no primeiro dia! Quando tu chega no sistema, o primeiro lugar que tu vai é o castigo, tu fica lá uns dias que é já pra entender como o sistema funciona. Tem gente que fica 3 dias, outros uma semana, isso varia... Daí lá tu fica numa puta ansiedade, porque tu não sabe para onde vão te mandar, se é uma galeria que tu tem treta com alguém, aí o cara fica meio agoniado, lógico que se tu cair numa galeria que tu tenha treta com alguém, tu vai falar e eles vão te tirar dali, porque eles também tem interesse que a cadeia não tenha rolo nenhum... mas, tu tá ali naquela situação de incerteza... Aí quando tu vai para a galeria, tu nem sabe em que barraco tu vai cair, aí como tu é o último a chegar, tu geralmente não tem cama e aí tu vai dormir na praia (no chão), até vagar um lugar. Às vezes se o chão já tá ocupado tu tem que dormir de valete (de ponta cabeça com outro) e aí tu vai te virando, claro que se tu caí numa cadeia tu tem preocupações bem maiores do que como tu vai dormir, mas toda essa pressão junto é que deixa o cara meio

doidão. (Jean, 24 anos preso pelo artigo 157-
assalto)

A questão de nem lembrar ao certo como foi exatamente da primeira vez em que foi preso, é muito comum no depoimento destes jovens. Muitos frisaram ter dificuldade em lembrar-se de detalhes do dia da prisão. Entretanto, todos que foram presos por homicídio narraram ter vivido experiências de violência física apenas nesta prisão, e não nas outras vezes em que foram presos por tráfico. Segundo eles, em casos de homicídio a violência tem uma função coercitiva.

Horrível, o primeiro dia é sempre horrível, ainda mais quando tu caí por homicídio, a todo custo querem arrancar uma confissão tua, então, tudo que tu puder imaginar o cara passa. Tem gente que confessa só pra acabar com o sofrimento. Por isso o primeiro dia é sempre o pior, sem contar quando tu caí, tu fica sem saber para onde vão te mandar e aí se tu caí onde tu tem treta com alguém(...) Da outra vez eu caí por tráfico, aí foi mais tranquilo, mas dessa vez vim por homicídio, aí eu já não sabia o que eu podia encontrar. Mas de certa forma posso dizer que tudo correu bem. (Fernando, 22 anos, preso pelo artigo 121 – homicídio)

Nas experiências narradas acima nota-se que o ritual de entrada é marcado pela agressão institucional, visto que a passagem pelo castigo descrita por Jean não deixa de ser uma forma de violência simbólica, marcada justamente pela ausência de contato físico, pelo isolamento, pela possibilidade de estar em uma situação de perigo eminente. Segundo Bourdieu (1989) na violência simbólica o dominado não oferece resistência ao opressor, pois não se identifica e não se percebe como vítima: ao contrário, ele próprio naturaliza a situação considerando como algo que pe intrínseco aquela relação. Não que os presos considerem como certas estas práticas, mas eles as compreendem como algo pertencente ao processo de punição.

As violências têm como objetivo demarcar o território, mostrar quem está no comando e quem deve obedecer, e

quando o castigo não apavora e o preso resiste às sessões de tortura, ainda assim se encontra uma brecha, algo que naquele individuo possa ser controlado, ou possa ser objeto de manipulação.

O problema para mim não foi a entrada na prisão, e sim os 20 dias direto que passei sendo espancado por seis policiais para confessar o homicídio, e depois de tomar porrada 20 dias tu confessa qualquer coisa, mas nem assim eu confessei, só fui confessar mais tarde quando foram pra cima da minha mãe. (Alisson, 21 anos, preso pelo artigo 121 – homicídio)

A dominação ocorre aqui de várias formas, seja através da violência física ou da violência simbólica, e opera de maneiras distintas, mas o traço comum é que o poder é exercido pelo mais forte sobre o mais fraco.

Desde 1992 o Brasil aderiu à Convenção Americana de Direitos Humanos, a qual elucida no artigo 5º que toda pessoa deverá ter respeitada a sua integridade física, moral e psíquica, e que em nenhuma hipótese uma pessoa deva ser submetida a torturas, nem a penas ou tratamentos cruéis, desumanos ou humilhantes. Ainda de acordo com este artigo: “Toda pessoa privada de liberdade deve ser tratada com o respeito devido à dignidade inerente a pessoa humana.” (Pacto de São José da Costa Rica, 1969, artigo 5º). Evidencia-se então que a prisão é um espaço contraditório, pois ao mesmo tempo em que existe em função da lei, reafirma a sua existência por meio de práticas que estão à margem desta.

Essa marginalidade afirmada e praticada pela própria instituição faz com que naquele espaço nunca haja segurança. Como expôs Goffmann (2001), nestas instituições a preocupação não é com o bem estar de quem ali se encontra, e sim a de proteger o mundo exterior dos “marginais”. Cria-se então uma rotina, que cansa, esmaga e anula, e como pano de fundo existe sempre a sensação de que algo pode acontecer. Como colocou Rômulo, de 24 anos, quando abordávamos a questão das situações que mais causam desconforto no dia-a-dia da prisão:

[...] a rotina, a institucionalização, o cara ter vontade de ficar dez minutos do dia sozinho, quieto no seu canto e não poder, ter que estar sempre, sempre no ritmo de todo mundo como se o cara fosse um boneco programado, isso é o pior, é o que mais sufoca... por outro lado as coisas já estavam em um ponto que ou eu seria preso, ou estaria morto, e quando o cara tem consciência de que são essas as duas opções que sobram, fica até mais fácil puxar a caminhada. (Rômulo, 24 anos, preso nos artigos 33, 35, 16 e 40, respectivamente tráfico, associação, porte de arma e interestadual)

Até mesmo ao realizar uma pesquisa neste tipo de instituição é possível sentir o peso de nunca se estar sozinho, ter sempre alguém prestando atenção na sua postura, seus atos, suas manifestações. É estar sob a tensão de ser vigiado a todo o tempo.

Bom, essa é a parte que mais estressa, o cotidiano é repetitivo, cansa, enlouquece, todo o teu dia começa no mesmo horário e acaba do mesmo jeito, o que numa cadeia tu tem até que ficar feliz que isso aconteça, porque quando o bagulho fica meio louco é arriscado pra todo mundo. Mas, essa coisa de todo dia, tu ter que ficar trancado com as mesmas pessoas, tendo que ser certinho, porque aqui tu não pode dar nem um deslize, isso tudo mata o cara, a cadeia vai matando um pouco da gente todo dia, porque tu fica com as lembranças da tua vida fora, de antes e no final é como se tu não tivesse vivido nada daquilo que tu lembra, parece que só o que existe é a tua vida aqui dentro e isso deixa o cara meio maluco, é como um pássaro numa gaiola, se ele fica preso muito tempo depois ele só sabe viver ali. (Emílio, 22 anos, preso no artigo 121 – homicídio)

Um ponto que aparece inúmeras vezes nos depoimentos desses jovens é a necessidade de deixar de ser quem se é. Não necessariamente porque a cadeia obrigue a isto, por meio de suas práticas institucionais, mas porque para conviver com tantas pessoas diariamente nessa condição se faz necessário matar uma parte de si, anular um pouco do que se é e incorporar o coletivo. Para que o convívio possa ser minimamente tranquilo, o respeito de uns pelos outros é considerado como o fator mais positivo e determinante para o andamento da cadeia. Acerca do convívio entre os reclusos, Fernando assim se manifesta:

É bom, aliás, tem que ser bom, não pode ser de outro jeito. É uma relação em que se tem respeito. Imagina, tu fica mais tempo com os companheiros de cela do que tu ficava com qualquer pessoa da tua família, então é obrigado a ter uma caminhada reta, com respeito, saber falar e ouvir, não importa se tu gosta, só tem que ter respeito e no final por ter respeito, tu acaba gostando das pessoas aqui. Aqui tu não tem aquelas coisas simples da vida como poder usar um banheiro de porta fechada, ver televisão até a hora que quiser, aí a gente acaba vivendo como se fosse irmão mesmo, tu perde a vergonha e até um pouco da vontade que é para não viver frustrado. (Fernando, 22 anos, preso no artigo 121 - homicídio)

O respeito nesta instituição se dá pela imposição de várias regras de conduta como não falar com a visita de um preso sem antes pedir autorização para ele, não andar sem camisa na frente das visitas, nunca comentar sobre os crimes de outros presos, respeitar o dia de limpeza do barraco; em geral são regras para que a “caminhada” (como eles costumam chamar o tempo em que estão presos) corra bem. A maioria das regras que são mais rígidas é relacionada à postura com os familiares, e o restante, segundo eles dizem, é o mínimo de educação que “o cara” já deveria saber de casa.

Segundo Goffman (2001, pg. 21) todos os indivíduos, ao adentrarem em uma instituição total, já trazem alguma bagagem

(tanto cultural quanto social), um estilo de vida e uma concepção de mundo própria do seu meio. Todavia, ao serem confinados, os indivíduos não se despem imediatamente desta “roupagem”, pois o confinamento por si só não irá suprir algo já formado e incorporado de forma automática.

“Se ocorre mudança cultural talvez se refira ao afastamento de algumas oportunidades de comportamento e ao fracasso para acompanhar mudanças relevantes no mundo externo. Por isso, se a estada do internado é muito longa, pode ocorrer, caso ele volte para o mundo exterior o que já foi denominado “desculturamento”, isto é, “destreinamento” – que o torna temporariamente incapaz de enfrentar aspectos de sua vida diária (GOFFMAN, 2001, pg. 21)

É possível a partir disto compreender a sensação de deslocamento descrita por muitos jovens presos ao retornarem à sua rotina. Se o período de afastamento for muito longo, essa sensação de estranhamento pode ocorrer até mesmo no meio familiar.

3.1 Jovem, pai, filho e marido, mas antes de tudo preso: a não-vivência dos relacionamentos

Para o jovem, a visita, no caso da família, tem papel fundamental na sua caminhada, e por essa razão deve ser totalmente respeitada. Final de semana para eles é dia de festa, colocam a melhor roupa, limpam o barraco, se produzem e mantém uma expectativa tão alegre que quase chega a ser infantil.

Nunca foi possível passar o final de semana na instituição, entretanto, sexta-feira era o dia de maior euforia, principalmente para os mais jovens, que pareciam estar na véspera de algum grande evento. Nas conversas com os presos foi possível compreender que parte desse entrosamento com a família decorria do fato de que os pais haviam passado a ser a sua única referência e apoio depois da prisão, ainda que em

muitos casos eles tivessem um relacionamento difícil e turbulento com a família enquanto estavam soltos. Muitos apontam que foi na cadeia que perceberam que a família é o que eles têm de mais importante.

Denis, um dos reclusos mais jovens entrevistados, aponta que ele e a família nunca compartilharam dos mesmos pontos de vista e que por isso tinham muitos desentendimentos, contudo, em uma situação extrema como a da prisão, eles se solidarizaram e passaram a se respeitar.

Até antes de vir preso, morava com os pais e mais 6 irmãos, os pais sabiam que eu estava envolvido com o crime, mas chegou uma hora que viram que não adiantava mais falar, sempre briguei muito com os meus pais, porque eles sempre foram dessa coisa certinha de trabalhar para sobreviver, e eu sempre fui revoltado com essas coisas, sempre quis mais da vida, achava uma idiotice o cara se matar trabalhando e nunca poder ter nada, comer uma coisa diferente, vestir um pano (roupa) novo, da hora, sempre aquela vida mais ou menos, me irritava a história de o que importa é a gente ser honesto, o que adianta tu ser honesto? O que tu ganha com isso? Nunca quis ser como os meus pais que aceitavam não terem uma vida boa, poder ter o que se quer. [...] Hoje me dou muito bem com os meus pais, muito bem mesmo, todo o final de semana eles vem me visitar, na verdade a minha mãe vem todo final de semana, o meu pai vem uma vez ou outra, porque sabe como é, homem é mais orgulhoso pra ficar passando por essa revista íntima daqui, aí ele evita vir, mas quando vem a gente se acerta bem. Hoje a gente chegou a conclusão que a gente vê o mundo de jeito diferente, e aí cada um respeita o jeito do outro, eu até aprendi a respeitar essas coisas deles de ser um trabalhador de ser certinho e ter só o que o trabalho pode comprar, mas eu não penso assim, eu quero ter um carro, poder ir comer

em restaurante, poder fazer festa, e isso o dinheiro do trabalho não compra, pelo menos do trabalho que os meus pais têm, ou que eu teria. Tu já ouviu aquela história que dinheiro chama dinheiro? É assim, e se tu é pobre tu só consegues trabalho de pobre, trabalho que nunca vai te deixar ser rico. Eu não consigo aceitar isso como os meus pais não, mas aceitar é uma coisa, respeitar é outra, não é? Aí agora é assim, eu não concordo com o jeito deles e eles não concordam com o crime, mas a gente se respeita e não fica mais brigando por essas coisas. (Denis, 19 anos, preso no artigo 121 e 33 – respectivamente homicídio e tráfico)

A fala desse jovem traz inúmeros elementos de análise para a própria discussão sobre a juventude. O primeiro deles é a questão do comportamento contestatório, a postura de não se conformar com as limitações impostas por um sistema. Segundo Pais “[...] na tradição da criminologia funcionalista, a delinquência juvenil é explicada como consequência da incapacidade de os jovens se ajustarem às normas de comportamento dominantes” (Pais, 1996, pg. 53). Por meio desta análise, seríamos induzidos a pensar que a violência/delinquência cometida pelas gangues, ou pelos jovens, “seriam efeito da anomia, das frustrações, e tensões próprias de uma fase de vida caracterizada por uma relativa indeterminação de estatuto” (Pais, 1996, pg.53). Já na análise da corrente classista, a delinquência juvenil pode ser entendida como uma forma de resistência, ou seja, como uma resposta às relações impostas pela classe dominante, seus valores e sua capacidade de naturalização das próprias necessidades como sendo as da sociedade no seu conjunto.

Sendo a juventude uma fase de transição para a vida adulta, comumente é neste momento que se dá a tomada de consciência do jovem sobre o mundo que o cerca. Porém, muitos jovens acabam por não conseguir processar as próprias transformações e as de seu tempo. Isso gera uma reação que não é necessariamente contra as demais pessoas, mas sim contra algo abstrato, algo que ele não identifica, e que se pode considerar como uma capacidade geradora de uma sociabilidade específica e diferenciada.

Em parte por falta de uma educação política direcionada para a crítica de sua condição social, o jovem que está vivendo essa transição própria da juventude não sabe como agir, como transformar a sua realidade de modo a não se tornar o maior prejudicado.

O aumento da violência decorre, em particular, da ação de jovens do sexo masculino moradores de grandes cidades, que destituídos de força para agir não percebem a capacidade que têm para modificar a si próprios e ao mundo. A ameaça do medo constante gera consequências: falta de solidariedade, indiferença em relação à miséria, tolerância com a corrupção e impunidade; a situação banal da violência torna-se um forte aliado para sua precipitação. (FEFFERMAN, 2006, pg. 164)

É certo que ao adentrar no ciclo da violência, seja por opção ou coerção social, o jovem consegue parte da atenção que anteriormente lhe era negada, e passa a ver na violência e na brutalidade a possibilidade de tornar-se o autor de uma história. Nessas circunstâncias, porém, muitas vezes este mesmo jovem é levado a traçar, inconscientemente, um projeto de vida em que as únicas possibilidades finais são a cadeia ou a morte.

Outra questão a ser levantada, ainda com relação às colocações de Denis, refere-se à angústia por não se ter acesso aos signos da juventude sob a sociedade de consumo, em que ao mesmo tempo as coisas são oferecidas e negadas. Os jovens vivem sob condições nas quais o importante é possuir, acessando aquilo que é concebido como signo de status (um carro ou uma roupa nova e de marca, por exemplo) e participando de festas badaladas. Soma-se ainda a necessidade de expor todas essas conquistas em redes sociais, indicando que a glória do “sucesso” obtido inclui seu reconhecimento pelos outros. Diante deste quadro, o jovem é alvo preferencial das propagandas, constituindo o segmento de mercado que mais

consome e para o qual mais se produz. De acordo com Maria Rita Kehl:

Na sociedade pautada pela indústria cultural, as identificações se constituem por meio das imagens industrializadas. Poucos são aqueles capazes de consumir todos os produtos que se oferecem ao adolescente contemporâneo – mas a imagem do adolescente consumidor, difundida pela publicidade e pela televisão, oferece-se à identificação de todas as classes sociais. Assim, a cultura da sensualidade adolescente, da busca de prazeres e novas sensações do desfrute do corpo, da liberdade, incluem todos os adolescentes. Do filhinho-de-papai ao morador de rua, do jovem subempregado que vive na favela ao estudante universitário do Morumbi (ou do Leblon), do traficante à patricinha, todos os adolescentes se identificam com o ideal publicitário do jovem hedonista, belo, livre e sensual. O que favorece, evidentemente, um aumento exponencial da violência entre os que se sentem incluídos pela via da imagem, mas excluídos das possibilidades de consumo. (KEHL, 2004, pg. 89).

Por fim, o depoimento de Denis coloca o problema dos conflitos familiares, que ocorrem por inúmeros motivos. Parte da vulnerabilidade nas relações decorre do fato de que a adolescência é comumente caracterizada pela ânsia do jovem por independência e autonomia com respeito ao grupo familiar, sendo um momento que implica em crescimento e individuação. Assim, essa fase é geralmente marcada por conflitos intra-familiares, que surgem da necessidade de se assumir novos papéis e, posturas, nem sempre bem aceitos entre os membros pertencentes ao restante do grupo familiar.

Para os pais, a situação é de angústia diante da impossibilidade de proteger e continuar a exercer o papel de orientador da vida daquele determinado sujeito, tal como se estivessem atados. Denis evidencia esta situação ao expor que

seus pais, mesmo sabendo que ele estava envolvido com o crime, terem desistido de lhe falar a respeito, limitando-se a assistir, sem ação, ao filho traçar um caminho diferente do escolhido por eles.

Dos dez entrevistados, apenas um apontou que o pai teve envolvimento com o tráfico de drogas, chegando a ser preso. Assim, foi possível identificar através das narrativas dos jovens que, para os seus familiares, a ligação com o crime é algo que os afronta em dois aspectos. O primeiro é que os pais se sentem como se houvessem fracassado na “missão” de orientar corretamente os filhos, não conseguindo passar valores ideais para aqueles que estavam sob a sua responsabilidade. Segundo, eles têm que lidar com a ruptura que o crime provoca na sociedade, o que não se limita meramente à frustração por não conseguir desempenhar “bem” a função de pais: quando um de seus filhos comete um crime, toda a família acaba por ser indiretamente responsabilizada, como se ela tivesse falhado na missão de socialização daquele indivíduo.

É esta uma das ambiguidades que o jovem vive no cotidiano, a procura de relações sociais que admitam o encontro de modelos identificatórios, que lhe permitam se constituir como indivíduo capaz de refletir sobre a realidade existente e procurar uma identidade individual [...](FEFFERMANN, 2006, pg. 177)

A ambiguidade própria desta fase da vida e os conflitos geracionais da relação entre pais e filhos, somados a um ambiente social que não proporciona grandes oportunidades para ele, favorecem o jovem a buscar o seu lugar, o seu espaço, em um grupo com o qual se identifica mais.

Entretanto, quando terminam presos, esses jovens tendem a rever as suas atitudes, não no sentido de uma análise acerca do crime que cometeram, mas sim enquanto ações que geraram sofrimento a pessoas pelas quais eles têm algum sentimento, como no caso dos pais. Como o recluso Denis expôs, tanto ele quanto os pais continuam não compartilhando da mesma forma de enxergar o mundo, contudo passaram a colocar o respeito acima de qualquer diferença. Outro aspecto

interessante refere-se aos laços de solidariedade que resistem apesar das regras institucionais, visto que o procedimento de revista íntima a que são sujeitos os familiares é, no mínimo, humilhante. Nota-se aqui que há uma extensão da pena ao familiar, que sob o argumento da segurança é obrigado a se sujeitar a um procedimento que não respeita a intimidade nem mesmo de crianças.

Não são todos os reclusos que recebem visitas, pois muitos não têm mais os pais e não são casados, cumprindo sua pena quase sem nenhum contato com o mundo externo. Vale lembrar que as visitas com contato íntimo só podem ser realizada por parentes de primeiro grau, para muitos, a única possibilidade de falar com amigos é através do parlatório, um espaço em que a comunicação com o visitante é feita pelo telefone. Como exemplo de um recluso que não vivencia as visitas temos o caso de Flávio, para quem o único vínculo com o mundo externo é o filho de três anos, já que a esposa também está presa e quem cuida da criança é a irmã. Em casos como este, de um casal em que ambos encontram-se presos, as instituições permitem um único encontro por mês, sendo que geralmente a mulher é deslocada do presídio feminino, visitando o marido na instituição em que o mesmo se encontra.

[...] eu e a minha senhora estamos presos, quem cuida do meu filho é a minha irmã, não tenho como vivenciar nada... O filho só vem me visitar 1 vez por mês, a esposa também só vê o menino nesta mesma frequência, porque a minha irmã não tem como trazer todo final de semana, só resta é aproveitar quando a gente tá junto... Se ficar pensando muito nisso a minha caminhada não vai passar, porque de tudo na cadeia isso é o que mais me destrói, saber que não vou ver o meu filho crescer, que to perdendo a fase mais importante longe dele faz com que eu me sinta um nada, um ninguém, é como botar um filho no mundo e não conhecer e quando eu sair eu vou ser praticamente um desconhecido pra ele, porque ele só me vê uma vez no mês. [...] logo quando vim preso, a família da minha mulher virou as costas pra

gente, perdi tudo, para pagar o nosso advogado, da minha família só quem deu uma força foi essa minha irmã que cuida do meu filho, e como eu disse muitos dos meus amigos tão aqui dentro. Pensar nisso é estranho, é como se a tua vida se resumisse a cadeia. E o meu único elo com o resto do mundo é o meu filho. Porque se hoje eu sair eu não tenho casa, e a minha mulher continua presa, então eu só teria hoje na rua o meu filho que eu não teria nem pra onde levar, e é muito estranho pensar nisso. (Flávio, 24 anos preso no artigo 33 – tráfico)

Flávio é o jovem cujo pai trabalhava para o tráfico, anteriormente mencionado. Sua situação prisional é muito diferente do restante dos entrevistados, pois perdeu os pais quando ainda era muito novo. A mãe faleceu quando ele tinha 11 anos e o pai morreu quando ele tinha 21 anos e estava preso pela primeira vez. Essa já é a terceira vez em que ele está preso e depois de completar 18 anos ele ficou solto menos de um ano ao todo. No período da pesquisa a sua esposa também estava presa, e talvez por essa razão ele sinta que não tem contato com o mundo externo, visto que entre idas e vindas ele está praticamente há cinco anos vivendo numa prisão.

Muitos, como Flávio, vão e voltam, mas a maioria recebe visitas no final de semana, o que traz um pouco da sensação do mundo exterior, além de que a grande maioria faz uso de celulares para manter contato com as pessoas de fora da instituição, apesar de isso ser proibido. Entretanto, o caso de Flávio tem o agravante de que todas as suas relações foram rompidas com sua entrada na prisão, visto que a esposa e os amigos também são presidiários, seus pais já faleceram, e o único elo fora da prisão é o filho de três anos e a irmã que assumiu a responsabilidade por sua criação .

No depoimento de Flávio é possível sentir o peso da falta de contato e relação com o mundo externo, além da pressão e da angústia pela paternidade não poder ser concretizada. Aqui a pena não se restringe a Flávio, mas também atinge ao filho, que além de ser privado do convívio cotidiano com os pais, realiza

com eles o único contato no interior de uma cadeia, passando pela citada revista íntima.

Essas são condições que não possibilitam a ninguém a ressocialização, o que acaba por determinar diretamente a forma como o jovem recluso percebe e vivencia a experiência da prisão.

3.2 Vida de preso – o olhar do jovem acerca do aprisionamento

A vida na cadeia é considerada como “vida de cão” não só pelas condições oferecidas, mas também por todo o rompimento que se concretiza com o mundo externo, não apenas pela reclusão, mas por tudo o que se perde e se deixa de viver por não estar livre. E é justamente neste ponto que a pena se diferencia para cada indivíduo, pois é pela ruptura com determinadas pessoas, coisas ou situações, que a punição incide de diferentes maneiras sobre cada preso.

Pode-se, então, conceber o que é viver em um lugar assim, onde há pessoas amarguradas porque a vida segue sem que possam dela participar, e onde se “depositam” jovens que serão sufocados, calados e automatizados. Jovens que já viveram muitas experiências, a maior parte usuários de drogas e a maioria iniciada no crime em furtos por diversão. Cada um seguiu seu caminho: 50% dos que foram entrevistados estavam presos por homicídio, uma parcela bem menor por assalto, e poucos por tráfico. Essa diferença apareceu em apenas dez entrevistados, mas considerando a totalidade dos que estão presos, os jovens que ali se encontram convivem com homens que cometeram todos os tipos de crimes, por motivações completamente diferentes.

Buscou-se, então, aproximar-se e compreender como esses jovens percebem os seus “companheiros de caminhada”, como eles veem os crimes cometidos pelos outros, e ainda como eles veem a si mesmos. Ainda, procurou-se identificar como se dá essa relação a partir da institucionalização, dando-se maior importância a este último aspecto.

Nas narrativas apareceram diferentes visões com relação aos companheiros de prisão, que muitos definem como sendo de estilo familiar. Como narra Renato:

São todos irmãos, são eles que fortalecem, que apoiam. Meus amigos, hoje estão aqui, eles são a minha família. Minha mãe, agora dessa vez que eu caí disse que não vem mais me ver, ela agora só vem no parlatório e começou a ajudar financeiramente há 2 meses (pagando advogado) como eu não tenho mulher nem filho, os companheiros daqui são a minha família. Não acho que a minha mãe ta errada não, eu abusei muito dela já. Aqui todo mundo se ajuda tá todo mundo no mesmo barco, o que é meu é dos outros, aqui a gente aprende a ser desprendido, a viver quase como se fosse uma comunidade. (Renato, 24 anos preso no artigo 155 e 33 – respectivamente furto e tráfico)

Por outro lado, há aqueles que embora digam que a convivência é baseada no respeito, tentam se relacionar e confiar o mínimo possível, como aponta Mateus: “Eu tento não me misturar muito não, aqui quanto menos tu ficar de conversinha melhor, que é pra não correr o risco de te meter em rolo, sou um cara que fica mais na minha cadeia” (Mateus, 24 anos, preso no artigo 121 – homicídio). Com relação à convivência, um ponto a ser destacado é que, entre os dez entrevistados, basicamente as respostas eram de dois tipos: aquele dos que recebem visita de familiares e das esposas e que tentam não formar grupos na cadeia, e daqueles que não recebem visitas e então tendem a encontrar apoio nos companheiros de prisão, reconhecendo-se e identificando-se em algum grupo daquele espaço. De acordo com o antropólogo Luiz Eduardo Soares:

“Todos nós nos sentimos reconfortados quando nos filiamos a algum grupo. Participar de um grupo é gratificante porque

fortalece o sentimento de que temos valor e a sensação de que aquilo que pensamos e sentimos é compartilhado por outros, o que lhe revigora o valor de verdade e de correção moral. Filósofos já disseram que a realidade é ilusão compartilhada. Nem é preciso ser tão radical para compreender a relevância desse apoio mútuo” (SOARES, 2005, pg. 229).

Na prisão, a formação de um grupo às vezes é fundamental, inclusive por uma questão de sobrevivência. Como relatou Renato, sobre uma das ocasiões em que foi preso:

[...] na central era estranho porque tu não tinhas droga nenhuma nem para aliviar um pouco da pressão, e aí eu fiquei lá com uma crise de abstinência absurda, vomitando e me contorcendo feito um porco, parecendo que ia morrer e não tinha atendimento nenhum, achei que fosse morrer de verdade, os companheiros é que dão uma força nessas horas, se não são eles, o cara é capaz de fazer uma loucura. (Renato, 24 anos preso no artigo 155 e 33 – respectivamente furto e tráfico)

Como mencionado anteriormente, a dependência química é um pano de fundo nas trajetórias do crime e da vida prisional. Ao serem presos, os usuários sofrem as consequências da abstinência da droga, pois o sistema não oferece nenhum tipo de tratamento. Sabe-se que é comum a entrada de drogas em praticamente todos os presídios do país, facilitada até mesmo para garantir que cadeia mantenha um ritmo mais tranquilo. A prisão é um lugar que se materializa pela lei, mas que precisa fazer uso de estratégias ilegais para assegurar seu funcionamento, visto que não dispõe de tratamento para os doentes e dependentes químicos. Nestas instituições, não é só a dependência química que é comum, pois doenças como a tuberculose e a AIDS, que fora das prisões são tratáveis e controladas, lá se desenvolvem a ponto de levar os indivíduos a óbito por conta da negligência do Estado.

Um ponto fundamental a ser elencado no que tange ao tratamento da dependência química é que, inclusive fora dos presídios, ainda hoje são escassas as clínicas de tratamento com atendimento gratuito, e se os Centros de Apoio Psicossocial Álcool e Drogas (CAPS-AD) não conseguem atender a demanda, evidentemente a sociedade espera que o criminoso receba ainda menos do que é ofertado para os considerados “cidadãos”.

De acordo com Miriam Krenzinger A. Guidani:

Prisão e encarcerados tornam-se fenômenos que representam uma ameaça tão profunda à sociedade normatizada que, as atitudes e reações da opinião pública frente à problemática da prisão, revelem o desejo de que sejam excluídos do mundo dos humanos. Observa-se o limite dessa exclusão ao se negar o direito à vida, quando se evita discutir e enfrentar os problemas da AIDS, tuberculose e da dependência química que atingem significativa parte da massa carcerária brasileira. (GUIDANI, 2007, pg. 111)

Em situações como esta, em que o Estado não oportuniza um tratamento adequado para o usuário de droga e a família não o acompanha mais, seja porque foi dissolvida ou porque realmente não acredita que algo ainda possa ser feito por aquele membro, só resta aos companheiros de prisão apoiarem-se uns nos outros.

Outro aspecto contraditório das relações entre os jovens presos é a forma como, em geral, alguns crimes são vistos por eles. Nos casos de estupro e delação, é unânime entre os entrevistados que a eliminação deste tipo de criminoso seja a única solução possível. Alisson expôs o seu repúdio a eles ao falar do cotidiano na prisão:

Às vezes é um pouco irritante, porque na rua tu escolhe com quem tu te relaciona e aqui tu não tem toda essa liberdade, tu até decide quem é teu amigo ou não, mas no final tu é obrigado a conviver com quem é da tua

galeria, do teu barraco... mas, isso faz parte, como aqui o cara é obrigado a ter respeito por todo mundo no final tudo acaba se acertando... A gente só não se mistura com os duques e os alcagueta, isso é tudo safado, pra mim tinha que morrer, porque vai fazer o que com uns cara desse, vai prender e tu acha que ele vai deixar de estuprar criancinha, o cara é um doente, pervertido, safado. E alcagueta nem se fala, um cara que não é sujeito homem não merece nem comentário, no nosso meio isso não se cria... (Alisson, 19 anos, preso no artigo 121 - homicídio)

Na fala desse jovem está presente a raiva e o ódio pelo outro, por alguém que se encontra em uma situação semelhante à dele, mas num patamar inferior. Apesar deste jovem estar preso por homicídio, ele trata o preso por estupro como alguém que não tem mais solução e cuja eliminação seria a única opção justa. Ou seja, há uma intolerância com o outro na suposta ética do crime, em que o que não é permitido tende a ser coibido pela violência.

Como já foi citado, para evitar maiores conflitos a instituição coloca esses criminosos em uma galeria específica. Este seria então o cume da exclusão, pois a prisão já é uma das instituições de mais segregação social, se não é a maior, e no interior dela se reafirmam outras formas de exclusão. Fica evidente que as relações nesta instituição se desenvolvem a partir de uma correlação de forças, onde todos que ali se encontram têm certo poder e cedem em algumas ocasiões para que haja um bom entendimento entre os que ali habitam. Identifica-se que o poder que emana da instituição sobre os reclusos é uma via de mão dupla, pois a diretoria também se vê obrigada a ceder a algumas exigências dos presos, ou mesmo a fazer “vista grossa” sobre certas práticas ilícitas. Além disso, há evidentemente uma relação de poder entre os próprios presos, que devem se submeter às regras de convivência entre os reclusos para evitar conflitos.

3.3 O sentido da privação da liberdade e da prisão para o jovem – Percepções

Buscou-se nesta parte que se inicia identificar as experiências no sistema que marcaram a vida destes jovens, e também resgatar as experiências em outras instituições, bem como situações referentes às práticas em diferentes sistemas. Tentou-se ainda compreender o que mudou em suas vidas depois da primeira prisão.

Quando debatemos sobre o pior acontecimento que os jovens vivenciaram no sistema prisional, todos foram unânimes em responder que foram as mortes que presenciaram.

Olha, ter visto o cara morrer aqui com um espeto, me deixou meio mal, quando tu cáí preso tu te consola pensando que se tu não tivesse preso, tu podia tá morto, aí tu vê um cara ser morto, te deixa meio desnortado, quando eu fiquei no castigo sem saber para que galeria eu iria eu até pensava que eu podia ter treta com alguém e me ferrar, mas por outro lado tu tenta te apegar a ideia de que isso não vai acontecer justo aqui, mas aí quando acontece um lance desse, tu fica mais apavorado ainda. (Denis, 19 anos, preso no artigo 121 - homicídio)

Como mencionado anteriormente, os jovens ao serem presos tem consciência de encontrar-se no limite da situação: muitos apontaram que se não fossem presos possivelmente estariam mortos, e desta forma acreditavam estar mais seguros ali do que na rua. Ao ser presenciado um crime dentro da instituição, a sensação de insegurança se instala, voltam a existir o medo e a possibilidade de serem mortos.

A morte no sistema prisional sempre ocorre de uma forma brutal, até mesmo pelo acesso aos instrumentos que se tem para concretizar o ato. O “espeto” a que Denis se referiu é uma arma artesanal, geralmente feita a partir da estrutura de uma caneta com algum metal enrolado em sua ponta; aliás, em um presídio tudo se cria e tudo pode virar uma arma.

Ver alguém morrer nessas condições realmente é algo marcante, que quebra com a expectativa de segurança. Apesar de a prisão ser um lugar onde a violência parece

institucionalizada, quando ocorrem situações extremas como esta até mesmo quem se acostumou com a rotina sente-se inseguro e ameaçado.

Vale ressaltar que, apesar desses acontecimentos, o presídio masculino de Florianópolis é considerado ainda como o melhor lugar para se cumprir a pena, pois além do regime não ser tão severo, com exceção das mortes que foram narradas não houve relato de violência física sendo imputada aos reclusos. Segundo eles, a violência estaria mais no plano simbólico, como em algumas humilhações e situações de insegurança que se criam justamente para manter o grupo reprimido.

Olha a primeira vez que eu caí, eu fui primeiro para a delegacia e depois para São Pedro, esses dois são infernos, tu apanha até apagar, tu é humilhado, e na delegacia tu chega até a passar fome. Esses lugares fazem tu dar graças a Deus quando tu caí no presídio e aí o cara faz de tudo para ficar aqui bem de boa para ter a sorte de conseguir puxar a caminhada inteira aqui, mesmo depois de condenado. Tem coisa que é ruim em qualquer lugar, tipo se tu ficar doente, ou com dor de dente em qualquer cadeia é o inferno, tu não pode nem reclamar de dor, porque se reclamar apanha, aqui tu não apanha, mas como não tem médico, paciência, se a dor chega eles te dão um dorflex independente do que seja, é dorflex pra tudo, acho que quando sair nunca mais vou querer ver dorflex na minha frente de tanta raiva que eu tenho desse remédio... Se tu tem dor de dente aqui tu prefere arrancar na cela, porque o dentista que eles tem no sistema é péssimo e só sabe arrancar os dentes mesmo, não sabe nem consertar, então arrancar a gente mesmo arranca. (Jean, 24 anos, preso no artigo 157, assalto)

Torturas e espancamentos na penitenciária de São Pedro de Alcântara foram noticiados na mídia em 2009. A justificativa era sempre a de que os presos planejavam alguma fuga, ou que precisavam de um corretivo, como se algum destes argumentos

fossem cabíveis para se lançar mão de um recurso como a violência.

O torturador, em grande parte dos casos, acredita estar fazendo um bem a sociedade, infligindo dor a malfeitores, criminosos, ou aqueles cuja ideologia contraria o poder dominante. Acredita, friamente, que seu “trabalho” é para o bem da humanidade. Por essa e outras razões é que se deve fazer uma seleção adequada dos funcionários que exercerão suas funções no sistema prisional. O direito de não ser torturado não pode ser excepcionado. Em nenhuma situação o ser humano poderá ser vítima de seu algoz mais poderoso: o Estado. Não se pode excepcionar essa regra. (GRECCO, 2011, pg. 261)

Outro ponto em que o Estado opera com negligência é no que tange à precariedade das condições de saúde destas instituições. Nem o presídio masculino, nem o feminino, possuem médicos e dentistas em seu corpo técnico, e quando algum preso necessita de atendimento é utilizada a equipe da penitenciária, ou ele é transportado a um hospital.

De todos os lugares pelos quais estes jovens passaram, as delegacias e o Container são considerados os mais terríveis. O primeiro é apontado como o pior deles, tanto pelo despreparo dos funcionários para lidar com os presos, quanto pela própria infra-estrutura do local. Já o Container dispensa comentários: uma caixa de metal utilizada para transportes de mercadoria e transformada em local para confinar/depositar pessoas.

A central de Barreiros e o Container são lugares que eu gostaria de nunca, nunca mais voltar na vida, porque passar fome, frio, calor extremo, ter que beber água do chuveiro, acho que isso é meio desumano, e isso tudo me fez dar mais valor para as coisas que eu tinha aí fora, acho que foi isso também que me ajudou a parar com as drogas, ver que eu não vivia e não

aproveitava as coisas boas e simples da minha vida de cara. (Renato, preso no artigo 33 e 155, respectivamente, tráfico e furto).

Todos que passaram pelos containeres relataram que, no verão, o calor é tão extremo que para dormir à noite é preciso tomar banho com a roupa e dormir com ela molhada, sem contar que por ser uma estrutura de metal, aquecida diretamente pelo sol, chega-se a queimar a pele ao se encostar na lata. No inverno a situação se inverte e o frio, segundo relatam, é dilacerante.

A dignidade da pessoa humana é citada como um princípio fundamental da Constituição Federal do Brasil, a qual prevê que nenhum indivíduo seja colocado em situação degradante ou humilhante. Todavia, a realidade nos presídios do país desconsidera este fundamento totalmente. Ao confinar as pessoas em containeres as instituições justificam tal barbárie com o problema da superlotação, ou seja, não se busca uma saída no sentido de garantir condições dignas de vida para quem está preso, mas sim em formas de prender quem precisa ser retirado do convívio.

A forma como lidamos com os jovens que se encontram em situação de violência e se envolvem com a criminalidade, é justamente a forma como tratamos os problemas sociais da exclusão, da pobreza, do racismo, da miséria, como se não existissem. Como eles existem, o máximo que se faz é evitar que sejam vistos. Para isso, presídios, containeres e abrigos para crianças e adolescentes são consideradas “instituições adequadas”, pois asseguram a invisibilidade dos nossos horrores ao fazer com que os indivíduos que ali se encontram desapareçam do nosso meio como se deixassem de ser gente tal como todos os outros homens, tornando-se “apenas” presos com matrícula ao invés de um nome.

Para entender como se chega ao ponto de armazenar pessoas nestas condições e de se tratar gente desta forma é preciso antes pensar no que elas representam para o mundo. Quem são? Pessoas que antes de parar em uma prisão tem a cidadania negada e vivem à margem terminam por se conformar com o que lhes é oferecido em uma cadeia, em parte porque já estavam familiarizados com uma realidade humilhante, com relações mediadas parcialmente pela violência. Forma-se um

ciclo de vítimas que tornam-se autores, vão presos, sujeitam-se a várias formas de agressão, indignam-se com o sistema, com a sociedade, com o mundo de fora, pois sabem que a punição não será extinta ao fim do cumprimento da pena. Sabem bem para o que serve a cadeia e o que os aguarda fora dela.

Sim, ela serve para punir, para marcar como bandido aquele que errou, que não andou na linha, só que marca do pior jeito, porque preso, só perde em ser odiado para os ex-presidiário, porque quando vira ex é sinal de que voltou para a sociedade, e a sociedade não quer esse cara no meio dela, enquanto a gente ainda tá preso, a sociedade, até acha que a gente pode se recuperar, mas ela prefere que a gente fique aqui pra sempre. Quando a gente sai e aí tu é um ex-presidiário, aí tu vai ver realmente o que te aguarda, é só sofrimento, só desprezo e humilhação. (Mateus, 23 anos preso no artigo 121 - homicídio)

O jovem ao entrar em uma instituição carcerária mergulha em um universo de brutalidade e barbárie, é vítima de violência institucional, legitimada pelo Estado, e acaba imerso em um mundo onde efetivamente a violência é quem define as relações que se estabelecem.

A insegurança que se materializa na prisão não é apenas a agressão física constantemente noticiada pela mídia: essa é a parte visível da pena e a que no fundo todos esperam que o “criminoso” encontre quando vai preso. Mas há também a parte invisível da pena, sua proposta real, que é a anulação/eliminação do sujeito, daquele que já não servia mais, que não está nos moldes que se espera de um “bom cidadão”. A estes reserva-se o que há de mais cruel nas sociedades modernas: as prisões. Entretanto, no Brasil a pena de prisão não é perpétua, e portanto esse jovem um dia vai sair dali. Surge aí uma questão, que é a de como será a sua forma de ver e viver a vida. Esta pode ser outra senão que através da violência, visto que esta é a realidade que ele conhece e que teve como experiência durante

a sua trajetória?, Como foi bem colocado por Mateus: como estar preparado para a recepção que se terá ao sair da prisão?

Do indivíduo autônomo, capaz de transformar a realidade que o circunda, resta apenas vaga lembrança. A consciência do homem é, mais do que nunca aprisionada. A humanidade afunda-se na barbárie, uma maneira de agir desgarrada de valores éticos é determinada e produz formas inéditas de desamparo, na qual a violência perpassa quase todas as relações sociais. Os ideais, hoje em dia, são autocentrados: não há valores que se possam reunir em uma comunidade abrangente. Em consequência, a ordem social, destituída de valores ideais, conduz necessariamente os sujeitos e os grupos sociais para o polo narcísico de sua estrutura simbólica, não lhes facultando o encontro com o outro em processos comuns. Quando os valores éticos e estéticos perdem os seus fundamentos racionais, o que passa a valer é unicamente o esforço de auto conservação. (FEFFERMANN, 2006, pg. 168)

Cria-se então o elo: o jovem vai preso, cumpre a sua pena, sai, e muitas vezes volta. Porque não encontra mais lugar fora da cadeia, porque faltam oportunidades reais, porque a única realidade que ele conhece é baseada na violência, e porque o crime também pode ser compreendido como uma forma de manifestar e expressar revoltas contidas, ele volta. Não é por acaso que o índice de reincidência atinge a média de 78%, o que nos leva a crer que poucos que passam pelo sistema prisional conseguem escapar desta “roda viva”.

3.4 Ressocialização para o não-cidadão

Se a taxa de reincidência é de 78%, isto significa que a ressocialização é ineficaz, afinal restam apenas 22% que não reincidem no crime. Está claro que as estratégias adotadas não funcionam. Porém, mais do que somente falhar no projeto de

ressocialização, o sistema prisional contribui e opera favorecendo a reincidência.

Concebemos que a violência é um problema que redundava em crimes, para os quais as únicas saídas seriam as penas previstas no sistema normativo, com especial ênfase às penas restritivas de liberdade (para os crimes) e prisão simples (para as contravenções). “O Direito Penal, sob tal perspectiva, contribui para lotar os presídios de marginalizados sociais”. (Veronese, 1998, pg. 51). A cadeia contribui no sentido de acentuar e estigmatizar o infrator, desencadeando a “carreira criminal” e consolidando seu status de “desviado”.

A solução apresentada por boa parte dos juristas, sociólogos, educadores, membros da pastoral carcerária e pela grande maioria da população é praticamente a mesma: a construção de um maior número de estabelecimentos prisionais, acomodando assim mais dignamente os infratores e facilitando, inclusive, a implementação de programas ressocializadores. Afinal, “a técnica empregada é a recuperação pela pedagogia do trabalho” (VERONESE, 1998, pg. 60).

Acrescenta-se ainda a este discurso o problema da ociosidade no sistema prisional. O encarceramento de pessoas, expondo-as a condições sub-humanas sem um programa específico de educação e trabalho, agrava de forma perversa esse quadro. Um questionamento importante feito por Veronese (1998, pg. 61) é como educar para a liberdade aqueles, principalmente os jovens, que são submetidos a uma condição de não-liberdade e a uma convivência não-compatível com a dignidade humana?

A prisão, além de submeter os indivíduos a uma situação degradante, impõe o convívio entre pessoas que não possuem nenhum vínculo, automatiza-os e tenta a todo custo reprimir e uniformizar seus comportamentos desviantes. Inscreve o sujeito em um círculo de privações, carências e humilhações. Quando os jovens pesquisados foram questionados a respeito da possibilidade de ressocialização, todos afirmaram que não existia possibilidade de que isso ocorresse.

[...] não existe nada de ressocialização. O cara para com o crime se quiser, vai se ressocializar se tiver afim e não porque um sistema, que não te oferece nada, trata a tua

família mal, oferece trabalho para uma meia dúzia, e nunca tem ninguém para ouvir o cara, acha que vai te ressocializar. Na verdade a própria instituição sabe que não tem como fazer isso.[...] o Estado não cria estratégia nenhuma, eu não consigo pensar em nada que seja feito acreditando que vai ressocializar alguém, o que se faz é prender, aí pelo menos, se considera que tu pagou pelo teu crime, deu o tempo que tu tinha que ficar e pronto, volta para a rua e te vira, se bem que nunca acham que tu pagou tudo o que devia. . (Mateus, 23 anos preso no artigo 121 - homicídio)

Na colocação de Mateus estão expostas claramente várias violações da Lei de Execução Penal, como a falta de trabalho, de uma equipe técnica preparada para realizar uma escuta qualificada, e ainda o tratamento dispensado à família do preso, que inúmeras vezes é também considerada como criminosa. Todas essas privações e carências institucionais violam a referida lei e tiram o caráter educativo da pena, tornando a punição seu único intuito.

Tudo aqui é ruim, só serviu para eu dar mais valor para a minha família, por outro lado, serve também pra eu ver como é ser um nada, porque preso é tratado como nada, eu já fui preso e voltei pra rua, e o mundo não é muito legal com quem já passou por aqui, dizer que tu já puxou cadeia só serve se tu quiser assustar os outros e mostrar que tu tem tanta experiência no crime que tu foi até preso. (Fernando, 22 anos preso no artigo 121 - homicídio)

A prisão acarreta para o jovem um rompimento drástico com a comunidade, a família e o trabalho, desenraiza e corta vínculos que são fundamentais para a formação da sua identidade. Alguns ficam presos por tanto tempo, que passam a se sentir mais em casa no presídio do que com a própria família. Alguns autores como Goffman (2001) denominam isso como “fenômeno de desculturação”. Essa cisão com o mundo,

causada pela prisão, é responsável pela sensação de deslocamento descrita por muitos presos ao retornarem à sua rotina

Nos relatos, os jovens demonstram de uma maneira indireta que a ressocialização, no entendimento deles, consistiria em transformá-los em bons cidadãos, ou “gente decente”. Entretanto, eles também apontam que, se isso nunca foi feito antes, não será agora, como ex-presidiários, que eles serão integrados. É evidente a consciência que os jovens tem de que algo lhes foi negado anteriormente, algo que seria direito de todo e qualquer indivíduo e que talvez possibilitasse um caminho diferente do trilhado por eles. Eles têm consciência ainda de que não será através da ressocialização que o acesso a novas oportunidades surgirá, deixando claro que esse projeto não se efetiva.

[...] isso não existe!! Não aqui e duvido que em algum lugar isso funcione. Se eles quisessem fazer alguma coisa pelas pessoas eles fariam antes da gente vir preso! lam investir em quem ainda não virou bandido, agora tu acha que vão querer recuperar malandro? (Renato, 24 anos, preso no artigo 155, furto.)

O destino desses jovens já parece traçado, sem perspectiva de mudança. Eles sabem que não tem mais opções, e aqui sua narrativa não é a de alguém que se vê como vítima, mas sim de alguém que constata que para ele não existem mais possibilidades, e que suas oportunidades terão que ser criadas, possivelmente utilizando as mesmas estratégias de que fazia uso antes de ir preso, pois o tempo que passou encarcerado não alterou a sua condição, à qual só se agregou o estigma dele ser um presidiário.

Segundo Luiz Eduardo Soares (2005), mesmo que o jovem envolvido na criminalidade ganhe visibilidade de uma forma negativa aos olhos da sociedade, ele enfim se tornou alguém considerado degradado, mas ao menos visível, conseguindo então, através da ameaça e do medo, despertar algum tipo de reação (negativa) em quem outrora negava a sua existência. Assim, ele pode passar se sentir parte de um lugar

do qual estava excluído. Toda a revolta contida e as agressões vivenciadas vêm à tona, e o jovem, por meio do crime, substitui a condição de submissão na qual se encontrava, ainda que ilusoriamente. O crime invariavelmente não é apenas a forma de assegurar a sobrevivência, mas também a de afirmar a existência num mundo em que eles parecem ter sido esquecidos.

Esses jovens discriminados utilizam-se do caráter irracional da cultura vigente, e ao se rebelarem tentam demonstrar a responsabilidade ou a co-responsabilidade da sociedade diante de seus atos. Excluídos reafirmam o obstáculo e o medo que a sociedade e a cultura têm ao enfrentar o diferente, e os mecanismos sociais e culturais utilizados para transformar o outro em desigual, criando estereótipos e preconceitos com relação a eles (FEFFERMAN, 2006, pg. 178)

As penas, nos moldes em que são aplicadas pelo sistema prisional brasileiro, passam longe de um projeto ressocializador. Objetiva-se com a punição apenas recompensar o corpo social pelo dano sofrido, gerando na sociedade uma sensação de segurança ilusória. Assim, apenas a função retributiva da pena se efetiva, e a possibilidade de reintegração social inexistente, produzindo, no máximo, indivíduos cada vez mais revoltados com a sua condição no mundo.

A ressocialização elencada na LEP tem como objetivo primário a humanização do preso, e a transformação de sua personalidade de forma a torná-lo apto a viver em sociedade, evitando a reincidência. Evidentemente, o sucateamento do sistema prisional acaba por não possibilitar que os objetivos da citada legislação sejam alcançados. Porém, o problema maior reside em que as necessidades mínimas dos presos também são ignoradas e deixadas de lado, causando assim o efeito inverso de contribuir para a desumanização do homem, que ao ser preso é tratado como animal.

3.5 O retorno ao crime – sou profissional do tráfico

O uso de drogas remonta a um passado distante, pois sempre se fez uso de substâncias psicoativas para vários fins, inclusive medicinais. Diversos são os autores que apontam que o uso de drogas, hoje em dia, parte de alguma necessidade que pode ter natureza socioeconômica, mas podendo também partir de outras urgências, como a insatisfação pessoal, a ausência de pertencimento ou mesmo, como expôs Maria Rita Kehl (2004, pg. 100) como forma de “ir além dos limites do prazer”.

Ainda segundo Kehl (2004):

[...] não é de estranhar que a drogadição tenha se transformado no sintoma emergente entre os adolescentes dos países industrializados. A droga encarna o objeto do gozo, um objeto real do qual se pode tomar posse, que se pode introduzir no corpo abolindo momentaneamente toda a falta e instaurando em pouco tempo o imperativo da necessidade em lugar das moções do desejo. Drogadição e delinquência: duas modalidades de recusa da castração produzidas em massa pela lei do mais-gozar que rege o laço social nas sociedades de consumo. (KEHL, 2004, pg. 100)

Atualmente, propaga-se uma campanha de demonização das drogas, como se a droga por si só carregasse e ofertasse toda a desgraça humana. Essa é uma forma de encarar a problemática que trás sérias consequências para todos os envolvidos, pois ocorre um desvio dos fatores que levam ao uso de drogas, e trata-se a droga como se ela tivesse força própria e fosse justamente ela que vai ao encontro do usuário e, não o contrário.

A criminalização das drogas leva à demonização destas substâncias, sendo que o traficante aparece como agente central, o responsável direto neste processo. Atribui-se à droga o poder maléfico que ela de fato possui; porém, diversas substâncias possuem esta característica, sem por isto serem demonizadas. Desta forma, vê-se que a criminalização das

drogas é que permite, e mesmo financia, um universo ilícito à margem da sociedade.

Segundo Roberto L. C. Filho:

[...] ao contrário de outras realidades fáticas que trazem em si uma carga de ofensividade aos indivíduos e à sociedade, tal como ocorre com o furto, o roubo, o homicídio, o estupro, dentre outros, no caso do tráfico, as consequências deletérias de algumas de suas modalidades, no que diz respeito à corrupção policial, porte de armas e violência, por exemplo, são fruto não de sua própria essência, mas justamente de sua criminalização. (2012, pg. 01)

De acordo com Marisa Feffermann na obra *Vidas Arriscadas* (2006), a posição do tráfico de drogas na vida dos jovens, ao contrário do que se imagina, é a forma encontrada de vender a sua força de trabalho. Ou seja, eles são responsáveis pelo sustento da família e pela possibilidade de acessar o consumo. Como em toda forma de trabalho no sistema capitalista, o seu pilar encontra-se justamente na relação de dominação/exploração de uns por outros. Um ponto interessante é que, neste caso, esta relação é ainda mais exigente, visto que erros não são permitidos e não existe demissão por justa causa: quando se erra, paga-se com a vida. A brutalidade é o mecanismo encontrado para definir as regras de convivência e de sobrevivência. Feffermann também aponta que há uma relação entre desemprego estrutural e o narcotráfico.

Na década de 1970, o tráfico de drogas expande-se e se transforma em indústria. Os crimes relacionados às drogas ilegais tornam-se frequentes e se patenteiam na figura carcerária. No fim do século 20, traficantes e usuários tornam-se os grandes párias, pois em suas figuras se somam a decadência moral e o desregramento de conduta. ilegal e clandestina, a droga passa a ser fonte de disputa e de enormes lucros. Em decorrência disso o consumo se altera,

passando a corresponder a lógica do mercado e não mais aos desejos de grupos. Os circuitos de ilegalidade, estimulados e criados por leis que impuseram proibições, geram dinâmicas e violências próprias, efeitos de poder da imposição primeira que foi a da criminalidade, e que justifica a segurança desenvolvida para enfrenta-las. (FEFFERMAN, 2006, pg.24)

O tráfico de drogas precisa ser analisado por duas perspectivas: de um lado a do traficante, e de outro a do usuário; pois embora um só exista em função do outro, suas motivações ou coerções são distintas. A engrenagem do tráfico não envolve a simples relação de compra e venda de uma mercadoria, pois nela estão contidas questões muito mais amplas.

Para quem trafica, o tráfico é antes de qualquer coisa, um trabalho com horário fixo e rotina a cumprir, envolvendo o dinheiro que é responsável por assegurar a sua sobrevivência, além de uma relação entre patrão e empregado.

Todos os entrevistados narraram ter uma relação objetiva com o tráfico, do tipo “é um trabalho como outro qualquer”, e foram também convictos em dizer que consideram o tráfico um crime (e preferem que fique assim), mas não o consideram errado, porque não obrigam ninguém a usar drogas.

De forma mais subjetiva, o tráfico também se configura na vida desses jovens como a possibilidade de viver momentos de “adrenalina”, de se confrontarem com o risco e de terem a sensação de poder e (des)controle da situação. Esses aspectos subjetivos existem em parte por se tratar de uma atividade ilegal e ao recair a repressão sobre o tráfico, desenvolve-se uma disputa de território de poder, voltando-se a um estado de natureza no sentido hobbesiano, em que a violência media e define as relações.

O surpreendente contingente de jovens em situação de risco e violência no Brasil faz com que a juventude torne-se foco de atenção das políticas públicas. De acordo com o IBGE (2007), o óbito por mortes violentas entre os jovens de 20 a 29 anos representa mais de 76% do total.

As oportunidades de trabalho são drasticamente reduzidas e há o crescente aumento da violência nos segmento

juvenil. De acordo com Juarez Castro de Oliveira, responsável pelo levantamento do IBGE, "os dados sobre os jovens indicam desafios na área de segurança pública" (2007, p. 01).

É importante salientar que ao associarmos a condição de vulnerabilidade social em que na contemporaneidade se encontram os jovens com a violência praticada ou sofrida por eles, estamos compreendendo que as instituições prisionais entram como uma resposta penal a um problema que é de fundo social.

Dos dez jovens entrevistados, todos relataram participar do tráfico e se utilizar dele como fonte de renda, mesmo os que estão presos por homicídio. A faixa etária em que começaram a trabalhar com o tráfico foi entre 11 e 12 anos. Contudo, os jovens expuseram que nesta idade ainda não tinham consciência de que eram efetivamente trabalhadores do tráfico.

[...] só trabalhei com o tráfico até hoje, comecei com uns 12 anos, mas vender forte mesmo tudo quanto era droga foi só depois dos 15, com 12 não era aquela fissura de fazer dinheiro, era mais pela adrenalina, e porque todos os meus amigos mais velhos já vendiam, aí entrei nessa, e fui vendo que eu ganhava em um dia mais do que os meus pais ganhavam no mês, aí comecei a levar o negócio a sério e com uns 15 anos eu até ajudava em casa. [...] eu gosto do que eu faço, eu não quero largar o crime, eu gosto de traficar é o que eu sei fazer, e paga bem, sem contar que eu consegui montar o meu próprio negócio, eu não tenho mais patrão hoje. (Denis, 19 anos, preso no artigo 121 - homicídio)

Três aspectos podem ser destacados neste depoimento: o primeiro refere-se à "adrenalina" e à busca por emoção. Apesar de Denis não citar explicitamente a questão do poder, entendemos que essa tentativa de viver arriscadamente deve-se em parte à espetacularização da violência, em que jovens até então marginalizados parecem conseguir romper com a condição de subalternidade em que vivem e inverter o jogo, tornando-se senhores do seu destino com uma arma na mão.

De acordo com Kehl (2004, pg, 103).

[...] A espetacularização do crime, independentemente das intenções do autor ou do cineasta, faz do criminoso o símbolo da potência que a imagem lhe confere. Potência de visibilidade. Potência de ser. É necessário construir uma nova ética da imagem para dar conta desta contradição. Que os adolescentes não se confrontem sempre com o espelho que representa a imagem positiva dos desejos recalçados de todos nós: a rivalidade vivida no registro da máxima violência, a destruição do outro, a autorização a gozar sem restrições, sem lei. (2004, pg. 103)

Outro ponto que contribui para o interesse dos jovens pelo tráfico é a possibilidade de - aos 15 anos neste caso - tornar-se um participante ativo dentro de casa, ganhando em um dia o que os pais levam um mês para conquistar, atingindo prematuramente uma situação melhor do que a deles. Mesmo que por meio ilegal, isto provoca muito mais um aumento na autoestima do que uma crise de consciência, até porque a própria noção da ilegalidade não se constrói junto a uma perspectiva ética.

E por último há a questão da ascensão. Denis conseguiu o “próprio negócio” e não tem mais patrão: atingiu o patamar mais alto que poderia na sua profissão. Neste contexto, ele se orgulha de seu sucesso, pois de fato obteve muitas conquistas em um curto período de tempo.

Diante de inúmeros conflitos e da necessidade de se estabelecer no mundo, ter um trabalho, prover o seu sustento, os jovens buscam “um lugar ao sol”, e o tráfico, com seu “canto da sereia”, oferta muito dinheiro, poder e status. A contrapartida é o risco, e a vida é a moeda de pagamento por um erro ou azar.

O tráfico torna-se ainda mais sedutor para aquele que precisa de muito mais do que somente trabalho: precisa pertencer a algum lugar, a um grupo, como aparece nesta fala de Jean:

Comecei a trabalhar cedo, com 12 anos no tráfico. Para me sustentar mesmo, é aquela história nunca me senti a vontade nem na casa da minha avó nem quando fui viver com meus pais. Sempre pareceu que eu estava só dividindo uma casa, e aí nada mais normal do que eu me virasse para me sustentar. [...] às vezes eu tenho a sensação de que é como se eu já tivesse nascido adulto, não lembro de ninguém cuidando de mim ou se preocupando comigo, eu tenho a sensação de que é como se eu sempre estivesse por mim. (Jean, 24 anos preso no artigo 157 - assalto)

O tráfico se torna atrativo principalmente para a faixa etária dos 12 anos, pelo fato de o sujeito não possuir experiência, existindo ainda a legislação que proíbe qualquer forma de trabalho nesta idade, tornando suas opções extremamente restritas. Seriam necessárias políticas públicas que inserissem esses jovens em projetos sociais que garantissem não apenas segurança financeira, mas também possibilidades de uma convivência social para além da escola e da família, visto que muitos apontam não se sentir parte do seu núcleo familiar.

Jean deixa claro que pulou etapas da vida, como se não tivesse vivido um processo de amadurecimento, e descreve se sentir como se houvesse nascido adulto, nunca pertencendo a lugar algum. Apesar disso não aparecer na fala dele, é bem possível que em seu caso o tráfico tenha exercido o papel da família. Alguém como ele, que nunca se sentiu em casa, vê no tráfico algo além de uma oportunidade de trabalho: a possibilidade de pertencer a um grupo.

Comecei a trabalhar cedo com 11, 12 anos para o tráfico, e era trabalho mesmo, direitinho, cumprindo horário, fazendo o que mandavam tudo certinho como qualquer trabalho. Só quis trabalhar para poder ter mais liberdade, os meus pais tentavam me controlar pelo dinheiro e eu queria ser livre,

poder usar droga, andar com roupa da hora, sair com o pessoal, essas coisas que qualquer guri curte. (Emílio, 22 anos, preso no artigo 121 - homicídio)

Na fala desses jovens está presente a responsabilidade prematura de aos 11 ou 12 anos cumprir jornada de trabalho, ser obediente, saber que não pode falhar, e precisar mostrar serviço à qualquer hora. Meninos que não podem mostrar fraqueza no trabalho, são tão comprometidos e responsáveis quanto qualquer adulto, tendo claro que a ética do crime precisa ser seguida à risca.

É preciso refletir que, apesar de se associar o jovem à ideia de liberdade, a vida no crime é uma forma de se abrir mão de ser livre (mesmo que inconscientemente), visto que o crime também é definido por regras de conduta, muitas vezes mais rigorosas do que as encontradas em uma instituição prisional.

4. JUVENTUDE E TRAJETÓRIAS DE VIDA

Uma das maiores dificuldades da presente investigação foi a de resgatar as histórias de vida dos jovens, pois todos os depoimentos apareciam fragmentados devido à opção feita nas entrevistas por deixar de lado um repertório formal de perguntas e respostas diretas, para captar outros elementos que interessavam. Muitas vezes, a resposta para uma pergunta aparecia no relato motivado por outra. Outro aspecto nesse resgate de trajetórias é o fato de que muitos jovens não lembravam detalhadamente de algumas passagens, como a exemplo, de seu primeiro envolvimento com o crime. A partir dos relatos, ficou evidente, que esse esquecimento decorre do turbilhão de acontecimentos que é a vida no crime, alia-se ainda, a naturalização do que seria de fato considerado ilícito pelos sujeitos.

Ao contrário do que se poderia esperar, em sua maioria os jovens entrevistados não tiveram uma infância marcada pela violência. Se conviviam com ela não era de uma forma direta, e sim como espectadores. De fato, todos os entrevistados são moradores de comunidades consideradas de risco e

vulnerabilidade social, e cresceram em locais violentos, convivendo em territórios dominados pelo tráfico e habituados a várias formas de brutalidade. Entretanto, eles apontaram só ter contato com este tipo de experiência após se terem se ligado ao tráfico. Respeitando a solicitação feita pelos próprios jovens, seus locais de origem não são revelados nas entrevistas. No entanto, concordou-se em expor o fato de que seis dos entrevistados eram moradores de comunidades de Florianópolis, e que os outros quatro moravam na Grande Florianópolis.

Evidentemente, entende-se que conviver com atrocidades, principalmente na infância, possa contribuir para a banalização de práticas cruéis, e nesta fase da vida é provável que isto traga consequências ainda mais graves para o indivíduo do que em qualquer outro período. Mas, o que gostaríamos de destacar é que nenhum dos entrevistados apontou ter sido vítima de violência doméstica e, contrariando, as expectativas, inclusive sinalizaram que a infância foi uma etapa de vida feliz, com lembranças que remetem quase sempre a brincadeiras como “soltar pipa, jogar futebol e bolinha de gude”. Enquanto crianças, dizem nunca ter se importado com brinquedos caros ou com as tecnologias sem as quais as crianças de hoje parecem não poder viver. Olham para trás com certo saudosismo, quase como se esse passado não fizesse mais parte da sua verdadeira história. Apenas dois dos entrevistados relataram não ter vivido uma infância tal como gostariam.

As famílias destes jovens, segundo os relatos, não eram coniventes com os seus crimes, e em alguns casos havia inclusive a preocupação de estar sempre trocando de bairros para “proteger” e afastar os filhos da violência. Apenas um deles apontou que toda a família sempre teve ligação com o tráfico.

Um aspecto marcante nas relações familiares dos entrevistados é o conflito entre gerações, presente principalmente antes da prisão. A diferença de postura e valores é fortemente demarcada por uma questão acima de tudo geracional. Estes jovens não aceitam, e tampouco concordam com a postura de submissão adotada pelos seus pais diante do mundo, e indignam-se com o fato dos pais

viverem uma condição de subalternidade sem revoltar e, acreditando que o importante é serem corretos e honestos. Esses valores, que os pais tentam passar para os filhos, estão carregados de uma moral e de uma ética centrada no trabalho. Por conta disso é tão importante para eles que os filhos frequentem a escola, pois ainda acreditam que um bom futuro está diretamente relacionado à educação.

Mas para estes jovens, a escola pode ser tudo, exceto uma oportunidade de ascensão social. Quando eles falam da escola, deixam claro que este espaço servia muito mais como um lugar de sociabilidade em que não iam para estudar, mas para “matar aula”, se divertir e namorar. Não têm grandes lembranças da instituição, e são unânimes em dizer que não gostavam de estudar e iam para lá obrigados, relatando nunca ter acreditado que a escola faria diferença em seu destino.

Na passagem para a adolescência, por volta dos 11 ou 12 anos, é que a vida desses jovens parece mudar radicalmente, eles abandonam as brincadeiras infantis e sentem necessidades diferentes; e se passaram incólumes pela sociedade de consumo na infância, já não conseguem escapar dela na adolescência, pois querem se afirmar no mundo dos adultos o quanto antes.

Nesta fase da vida suas preocupações se voltam ao ter: querem acessar os signos da cultura juvenil, poder frequentar um shopping, usar roupas de marca, e precisam de status e reconhecimento para construir uma identidade.

Em nossas sociedades laicas, em que faltam ritos de passagem para sinalizar o ingresso na vida adulta, os objetos de consumo e os espaços próprios para frequentação adolescente – a lanchonete, o baile funk, a boate, os megashows de rua – substituem os ritos característicos das culturas pré-modernas. Os jovens também inventam seus próprios ritos. Penso que o consumo de drogas leves como a maconha ou a cerveja funciona como prova ou desafio para decidir a entrada dos novatos em certos grupos, estabelecendo a linha não só entre os caretas e os entendidos, mas entre os que são vistos como ainda crianças e os que se

consideram com um pé na vida adulta.
(KEHL, 2004, p.95)

O uso de drogas na entrada da adolescência foi comum a todos os entrevistados. Alguns registram que o consumo de entorpecentes foi decisivo para a sua entrada no tráfico, mas de forma geral a dependência química não foi determinante, e sim o conjunto de significados que envolve o tráfico, como a afirmação de uma identidade mais próxima do adulto, através da coragem, ousadia, “adrenalina” e do sentimento de poder.

A partir das entrevistas, ficou muito clara a presença de certa dicotomia nas relações familiares, visto que os pais, apesar de serem contra o envolvimento dos filhos no tráfico, não se veem capazes de impedir tal participação, como se houvessem perdido o controle. Outros ainda descreveram que os pais simplesmente não acreditavam que eles estivessem realmente ligados ao crime, como se optassem por não ver a situação que se apresentava, só despertando quando os filhos acabaram presos. É como se a prisão materializasse o vínculo destes jovens com o tráfico. Os pais ao adotarem uma postura de permissividade na educação dos filhos contribuem para que eles percam a referencia e sintam-se livres e capazes de decidir o rumo das suas vidas, sem que o sejam efetivamente..

4.1 Infâncias e educação

De maneira geral, os jovens expuseram a infância como fase da vida na qual tinham sonhos e alguma perspectiva. Apenas dois jovens relataram um inconformismo com a sua situação já nesta etapa. No depoimento que segue, Fernando sinaliza exatamente essa demarcação da infância como uma etapa de sonhos e de uma entrada na adolescência já marcada pelo uso de drogas e pela perda de um significado/sentido para a vida. O projeto de vida é substituído pelo uso da droga, e como já citado no capítulo anterior esta parece ter um poder próprio e de ser capaz de seduzir e dominar a todos. Todavia, esquece-se que esse poder atribuído às substâncias entorpecentes é cedido, ou seja, que a dependência química se dá invariavelmente por motivações que podem ser de fundo social, econômico ou mesmo psíquico. Na fase da adolescência, o uso das drogas

pode muitas vezes simbolizar um rito de passagem, ou mesmo ter a função de assegurar a aceitação no grupo dos “descolados”.

[...] quando era criança, andava com um pessoal que também pensava em ser jogador de futebol, que tinha os mesmos sonhos que eu, quando comecei a usar drogas, o pessoal que eu andava não eram pessoas com sonhos, que esperavam alguma coisa da vida, era um pessoal que só queria curtir o momento, não tinham expectativas, e quando eu comecei a usar drogas, eu comecei a me identificar com eles, e aí eu troquei as tardes de treino, por tardes roubando, isso até começar a traficar. Falando assim pode até parecer que eu não gosto da minha vida hoje, e não é bem isso, mas é muito estranho olhar para trás, é como se eu não me reconhecesse naquele moleque que achava que um dia ia ser um ídolo. Hoje, eu gosto é da adrenalina do crime, eu gosto da sensação de ter uma arma, da sensação de ter pessoas atrás de mim para comprar o meu produto, eu me sinto importante mesmo sem ser um jogador de futebol, mesmo sem ser um ídolo, é como se eu ainda fosse importante. Eu sei que é só ilusão, mas a gente precisa de um pouquinho de ilusão pra viver, né? (Fernando, 22 anos, preso no artigo 121 - homicídio)

A infância é uma fase especialmente marcada por sonhos como os que Fernando descreve. Comumente crianças e jovens se identificam com um ídolo, seja ele jogador de futebol, cantor ou qualquer figura que carregue consigo o signo da glória e do poder. É como um ideal, um personagem adulto que abarca uma possível projeção para o futuro, e esta projeção é em última instância otimista. Paradoxalmente, ao envolver-se com o mundo das drogas, a figura do traficante passa a ser almejada pelo que

ele representa numa conjuntura de privações sociais.
Segundo Maria Rita Kehl:

É que vivemos em uma cultura em que o espetáculo dita as normas de cidadania, organiza as relações sociais, estabelece valores, formata as identificações. Os filmes que denunciam a miséria, a criminalidade, a violência policial são presas desta contradição: ao tentar mostrar aquilo que a sociedade preferia ignorar, estão necessariamente espetacularizando o mal.[...] Por que a realidade do crime, transformada em espetáculo, parece criar uma aura positiva em torno da imagem do criminoso? [...] É verdade que a violência confere poder, ainda que ilegítimo, a quem faz uso dela. Impotentes diante do caos social, adolescentes flertam com a fantasia de se tornar tão violentos (ou poderosos) quanto os bandidos que os intimidam. (KEHL, 2004, p. 103)

Para *sobreviver* a essa cultura de espetáculo seria necessário que família e escola pudessem orientar e participar mais ativamente da formação e da educação política dos jovens. Para Adorno (1995, p. 155) “desbarbarizar tornou-se a questão mais urgente da educação hoje em dia.” Desconstruir a cultura da violência é fundamental para a humanização nas relações sociais. ainda de acordo com Adorno (1995, p.155): “a tentativa de superar a barbárie é decisiva para a sobrevivência humana”.

É fato que a educação materializa-se nesta discussão na figura da escola, que está longe de ser uma instituição comprometida com a emancipação dos sujeitos, ao contrário, ela privilegia a reprodução das desigualdades, da exclusão e da injustiça social.

Segundo os entrevistados, a escola era muito mais uma obrigação imposta pelos pais. Logo, quando os jovens rompiam com a tutela dos familiares, rompiam também com a escola. Novamente aparece aqui a questão da incorporação de uma postura contestatória, que ainda que seja própria da juventude, precisa ser compreendida e norteadada pelos pais. Podemos

identificar essa posição de um rompimento simultâneo com a escola e a família no relato de Julian.

Parei com 14 anos. Eu não gostava de estudar, mas gostava de ir para a escola, até que sempre tive facilidade nessas coisas de escola, eu não estudava e sempre passava, e as professoras gostavam de mim. Parei porque cansei mesmo, não tava mais afim e nessa idade eu nem obedecia mais meus pais. (Julian, 23 anos, preso no artigo 33 e 35, respectivamente tráfico e associação)

Todo o conjunto de normas e regras que foi construída ao longo da trajetória desse sujeito passa a ser negado na entrada da adolescência. Contudo, não há um simples rompimento com as normas sociais vigentes, pois elas não são descartadas, mas apenas substituídas pelas regras e códigos de conduta do mundo do crime, vale destacar, muito mais severas e exigentes.

Isso decorre, em parte por conta dos anseios e angústias em que se veem mergulhados os jovens nessa fase de transição da vida. Querem se divertir, crescer, prosperar, ser reconhecidos. Sabem que no mundo de hoje o acesso aos signos determina quem você é e quanto você vale. Em contrapartida, sabem que nem a escola nem a família são capazes de possibilitar ou promover a ascensão social, revoltam-se com os pais por aceitarem a condição de subalternidade em que vivem e não querem mais da vida, enfim, não se espelham nos pais, pois estes se tornaram a representação de tudo que se abomina nos dias de hoje, em um mundo que parece valorizar a esperteza acima de tudo.

Conforme a narrativa de Denis pode-se notar também uma descrença na instituição escolar, em que a figura do próprio professor torna-se a caricatura de um sistema falido.

Parei com 14 anos na 6ª ou 7ª série. Nunca gostei da escola, eu ia obrigado, mas também não é porque eu ia para a escola que quer dizer que eu assistia as aulas. Não tenho lembrança boa nenhuma da escola, nunca senti falta de lá. Quando eu larguei,

meus pais ficaram indignados, revoltados mesmo, disseram que eu nunca ia ser ninguém na vida, não sei por que eles acham que escola serve para fazer alguém se dar bem na vida, era só tu ver a escola, que tu já via que, dali ninguém ia mudar de vida. Se escola ajudasse alguém a se dar bem na vida, professor não seria um cara tão ferrado. (Denis, 19 anos, preso no artigo 121 e 33, respectivamente homicídio e tráfico)

A escola é vista pelos jovens como uma instituição que não agrega nada de essencial para as suas vidas. Eles não acreditam que ela possibilite maiores ganhos e seja um espaço de oportunidades. Ao contrário de seus pais, que acreditam que a educação é a única forma dos filhos “subirem na vida”, os jovens parecem ter clareza de que a escola só oferece um conhecimento limitado que nada terá de útil. Logo, possuir estudo não demonstra ser garantia para a obtenção de reconhecimento ou mesmo de visibilidade social, e por essa razão torna-se, na visão dos jovens, algo desnecessário. Bourdieu (1983) resume adequadamente essa questão:

Ainda hoje, uma das razões pelas quais os adolescentes das classes populares querem abandonar a escola e começar a trabalhar muito cedo, é o desejo de ascender o mais rapidamente possível ao estatuto de adulto e às capacidades econômicas que lhes são associadas: ter dinheiro é muito importante para se afirmar em relação aos colegas, em relação às meninas, para poder sair com os colegas e com as meninas, portanto, para ser reconhecido e se reconhecer como um homem (BOURDIEU, 1983, p.115).

É possível identificar um distanciamento muito grande entre as necessidades e aspirações dos jovens e o que a escola se propõe a oferecer para a sua formação. O cotidiano nestas instituições é maçante e desinteressante, contribuindo assim para que a escola seja vista muito mais como uma obrigação.

Os programas sociais que exigem como contrapartida a frequência escolar dos filhos também colaboram com este quadro, pois muitas vezes a renda complementar da família depende do benefício que se recebe por conta da permanência da criança na escola, e assim ela carrega desde cedo o fardo de ter que participar da manutenção da casa. É uma lógica um pouco confusa, pois acredita-se que assim a criança não precisará trabalhar, mas por outro lado a escola se tornará o fardo, visto que é da inserção nesta instituição que dependerá a fonte de renda da criança.

Outra questão que pode favorecer o desinteresse pela escola são as práticas competitivas adotadas pelas instituições, que diferenciam aqueles que supostamente tem potencialidades para virem a ser bem-sucedidos daqueles que não possuem grandes aptidões. Evidentemente estamos falando de um modelo de escola pública tradicional, que não possui uma metodologia diferenciada para trabalhar com as diferenças e especificidades de cada indivíduo.

Matizando o discurso difundido de que a escola e a família são as grandes responsáveis pelo sucesso ou fracasso do indivíduo, acredita-se que elas contribuem e podem operar tanto para a formação quanto para a deformação destes. Destarte, a escola poderia ser um espaço, que possibilitasse e contribuísse para a reflexão acerca das condições de existência dos jovens no mundo, permitindo a transformação da revolta em uma forma de resistência e de vontade política para alterar a realidade. Como não ocorre essa conscientização/reflexão, a rebeldia, por vezes, é canalizada através da criminalidade, visto que esta se torna a forma encontrada pelos jovens para obterem visibilidade e reconhecimento social.

A criminalidade e a violência juvenil são comumente abordadas como decorrentes de uma falha no processo de sociabilidade dos jovens, e assim sendo a responsabilidade tende a cair nas costas da escola e da família, instituições que teoricamente seriam as responsáveis pela socialização e controle dos sujeitos. Entretanto, não se sabe ainda como lidar com aquele que pensa diferente e não se adequa às normas vigentes.

Afinal, como escola e família podem participar e contribuir na constituição dos sujeitos que não são conformados e

adaptados com à condição de marginalidade que lhes é imposta?

O reconhecimento social, ao mesmo tempo em que é primordial nessa fase da vida, se realiza de maneira diferente para cada jovem. Para alguns o status de malandro e de bandido é algo abominável, mas para outros é o reconhecimento por meio de um trabalho formal que não é algo vantajoso, até porque em um país que propaga a cultura da malandragem ser honesto, muitas vezes, corresponde a ocupar o posto de “otário”. Nota-se que independente de classe social, a visibilidade e o status não possuem o mesmo significado para todos os jovens.

Vários jovens entrevistados relataram que na sua família foram os únicos a se envolverem com o crime, e que todos os seus irmãos, criados na mesma conjuntura, são trabalhadores. A maioria dos reclusos, inclusive, não recebe visita deles, pois estes não aceitam a sua ligação com o tráfico. Sendo assim, é impossível pensar que há homogeneidade na condição e vivência juvenis, ou que todos compartilham das mesmas ideologias porque tiveram a mesma criação.

Essas diferenças se apresentam em muitos outros contextos, pois os jovens que moram com seus familiares não lidam e não têm a mesma concepção de mundo que os jovens que já estão na posição de chefes de família, sendo obrigados a garantir a sua sobrevivência e a de dependentes, quando os possuem. Outro exemplo a se pensar é o do jovem que vive no meio rural, que com certeza é produto e produtor de uma realidade bem diferente daquela do jovem que vive no meio urbano.

Falha-se ao entender a juventude como uma categoria única, estática e fechada. É preciso pensar em juventudes, que se manifestam de forma completamente diferente dado o momento histórico, a geração e a cultura na qual estão inseridas. Pais (1996) argumenta que, estando os jovens em um momento de transição para a vida adulta, acabam se tornando os alvos diretos das mudanças ocorridas no meio social como também nas formas sociais. Seria um avanço que escolas e famílias compreendessem que há juventudes, e por essa razão não se deve reproduzir discursos, visto que cada realidade e experiência são distintas, e a forma como cada um processa as transformações que ocorrem consigo e com o mundo à sua volta

depende de um conjunto de fatores de ordem econômica, cultural e psicossocial.

Os familiares e as próprias instituições, como a escola, muitas vezes buscam soluções à rebeldia que funcionam como projetos de uma moralidade para a vida de crianças e adolescentes. E este projeto pode ser ainda mais indignante para alguns indivíduos, como no exemplo de Julian, que desde os oito ou nove anos fugia de casa para burlar as exigências da mãe, tal como aparece na seguinte narrativa :

[...] meus pais se mudavam muito, não tinha muitos amigos quando eu era criança. Eu fugi de casa com 14 anos, antes disso eu vivia fugindo de casa porque a minha mãe tinha mania de me arrastar para a igreja, aí eu fugia de casa só para não ir e ficava uns três dias fora que era para dar tempo dela não estar mais brava, aí eu voltava, ou então ela me achava na rua mesmo, mas aí eu era bem pequeno tinha acho que 8, 9 anos, aí com 14 anos eu fui morar com um amigo na favela. (Julian, 23 anos, preso no artigo 33 e 35, respectivamente tráfico e associação)

Na infância ele desenvolvia estratégias para fazer o que queria, não aceitava ser mandado, e apesar de muito novo e inexperiente, já sabia como manipular a mãe, submetendo-se a ficar até três dias na rua, sabendo que assim a preocupação que a mãe sentiria possivelmente seria superior à raiva e que desta forma não haveria brigas. Esse comportamento precoce de Julian se reflete na adolescência, quando aos 14 anos ele resolveu sair definitivamente de casa, e se mantém até hoje. De acordo com Kehl (2004, p. 98):

[...] o adolescente é, tradicionalmente, um desafiador da Lei. Só que ele precisa que a Lei se mantenha, tanto para dar sentido à rebeldia que reintroduz, confusamente, moções de seu desejo na relação com o Outro quanto para barrar os excessos que ele quer e não quer cometer. Em outras

palavras, ele precisa da Lei para sustentar se desejo (...).

De maneira geral, essa dificuldade em aceitar limites é um traço comum a todos os jovens entrevistados. Todos relataram que por volta dos 11 e 12 anos já não se reportavam mais aos pais sobre o que poderiam ou não fazer. Os limites para as suas ações passaram a ser definidos por eles próprios ou pelo grupo ao qual pertenciam. Possivelmente, essa é uma razão que contribui ou que motiva a entrada no tráfico, pois o conjunto de regras no crime é extremamente rígido. É como se estes jovens não conseguissem aceitar as leis impostas pela sociedade, pois como se sentem excluídos dela não veem porque se sujeitar às suas leis. Por outro lado, eles se sentem incluídos pelo tráfico, se sentem parte do movimento, são responsáveis por algo, e logo o código de conduta do tráfico faz sentido para os jovens, que se submetem a ele porque o respeitam.

Segundo Feffermann:

A droga tem muitas significações, é um sítio de sentido, é a prova de uma libertação, por mais aprisionado que o sujeito possa estar a ela. No tráfico, o jovem é respeitado de alguma forma – pela admiração ou pelo medo. Temido e até perseguido pela polícia. O tráfico representa uma saída do anonimato – os cinco minutos de fama para quem tem pouco espaço e direito ao palco. (FEFFERMAN, 2006, p. 323)

Esse respeito que os jovens parecem ter pelo movimento do tráfico pode ser consequência da espetacularização da violência. É como se ali eles encontrassem um lugar no qual podem ser protagonistas de uma história, podem se arriscar e colocar a vida dos outros em risco sem medir as consequências de suas ações, e ainda assim serem considerados como heróis. Tanto é assim, que na fala dos jovens o risco, a “adrenalina” e principalmente a sensação de poder são determinantes para que, mesmo após terem sido presos continuem no tráfico.

4.2 Juventude, risco e “adrenalina”

Ao conversarmos com os reclusos tentamos compreender o porquê de eles, mesmo após terem passado pela experiência da prisão, ainda assim continuarem a traficar. Evidentemente, sabemos que fatores de ordem econômica podem ser determinantes, principalmente para a recorrência no crime, todavia tentamos encontrar outros agravantes que possam condicionar a permanência no tráfico. Um dos reclusos, Mateus, aponta quais razões o levaram a entrar para o movimento e quais condicionam a sua participação:

Acho que (entrei) meio como todo mundo. Tem as amizades que influenciam, aí se o cara já usa droga uma coisa chama a outra, depois tem a fase que o cara quer ostentar, mostrar que tá podendo e não tem da onde tirar dinheiro, na adolescência tu quer pegar a mulherada e tudo é dinheiro... tu entra nessa vida pelo dinheiro, mas o que te mantém nela é gostar, gostar da adrenalina, do perigo, isso é que não deixa o cara largar, porque se fosse só dinheiro o cara traficava um tempo, juntava uma grana montava um negócio e aí largava o crime, mas na real o que não deixa o cara largar é que o cara gosta da emoção, o bandido tem um estilo de vida próprio, que é diferente, a gente vive o hoje, o agora. (Mateus, 23 anos, preso no artigo 121 - homicídio)

O uso de drogas é o fator mais presente nos discursos. Apenas um deles começou a traficar sem antes ser usuário, e todos os demais sinalizaram que o tráfico veio como consequência direta do uso de drogas, principalmente como uma forma de manter o vício e ganhar mais dinheiro. Mas, como Mateus expos, se fosse só pelo dinheiro eles poderiam trabalhar e investir em algum negócio lícito que, ao mesmo tempo, que permitisse largar o tráfico possibilitasse também que eles não fossem mais empregados. Contudo, o dinheiro do tráfico, ao mesmo tempo em que vem muito rápido, também se vai com a mesma agilidade, isso em parte pela relativa facilidade que há

na entrada do dinheiro, levando a que não haja um controle dos gastos.

Outro ponto é com relação à ausência de um projeto de vida, que somado à identificação ao ideal do jovem hedonista faz com que o tráfico seja o trabalho perfeito para atender suas necessidades, independente dos riscos a que se esteja sujeito. Como já foi relatado no item anterior, esses jovens, apesar de não terem vivenciado diretamente práticas de violência, acostumaram-se desde muito novos a conviver com a morte. De acordo com Feffermann:

É provável que no imaginário desses jovens, morrer como bandido signifique glória, mesmo porque os bandidos costumam ser lembrados por suas transgressões, coragem e desafio a um sistema. O risco e o estigma, na periferia, rodeiam mesmo aqueles que não se inscrevem na criminalidade, o que pode leva-los a correr o risco de viver de forma compulsiva tudo que for possível pelo tempo que sobreviverem. (FEFFERMAN, 2006, p.323)

Drogas, violência, risco e “adrenalina” são elementos sempre muito presentes na sociabilidade dos jovens entrevistados. Entretanto, a naturalização da violência também parece contribuir significativamente com a participação no crime. Enquanto uns relatam não saber exatamente o que os levou à ligação com o crime, outros parecem notar que esta opção ocorreu quase que naturalmente, como se fosse a mais óbvia e certa, e não só pela falta de oportunidades, mas porque o estilo de vida do crime ia ao encontro da sua opção pessoal. É como se esta fosse decorrente de uma escolha baseada nas suas preferências, como podemos notar na fala de Renato:

[...] hoje vejo que a minha forma de me relacionar com o mundo era através da violência, do risco, da adrenalina, do desafio, eu nunca me encaixei naquele perfil da pessoa que consegue ter uma vida tranquila, de trabalho, estudo, casar, ter filhos, sempre achei isso muito cansativo, chato, aí eu hoje

vejo que eu sempre procurei amigos, que também não gostassem dessa vida assim, sempre gostei de gente que vivesse o dia de hoje como se fosse o último, sem se preocupar se no dia seguinte tem que acordar cedo para trabalhar, ou se isso é certo ou errado. Agora depois de cair pela segunda vez, e parando de usar drogas eu fico tentando entender por que eu sempre fui assim... Porque nunca liguei muito para minha mãe e meus irmãos, tudo bem que eles também nunca ligaram muito pra mim, mas nenhum deles virou bandido nem usuário de droga, na família eu só tive um tio que veio preso por tráfico, mas que logo depois parou de traficar com medo de cair de novo e ter que cumprir 3/5 da pena. E eu caí pela segunda vez e nem sei se vou ou se quero parar. (Renato, 24 anos, preso no artigo 155 e 33, respectivamente furto e tráfico)

É indispensável salientar que o uso de drogas favorece esse comportamento mais ousado descrito por Renato, e inclusive ele foi um dos entrevistados que ressaltou ter graves problemas de dependência química. Quando iniciou-se o trabalho na instituição, ele havia decidido parar com as drogas havia dois dias, tendo já parado com o crack na primeira vez em que foi preso. Em outro momento ele descreveu que nunca soube usar drogas com moderação, que sempre teve um comportamento excessivo, fosse usando drogas e testando qual era o seu limite, fosse extinguindo totalmente o seu uso.

Através do que foi exposto por Renato, fica evidente a busca por relações com pessoas que compartilham da mesma forma de ver o mundo e de vivê-lo, e que optem por viver de forma arriscada e sem perspectiva de futuro.

4.3 Fronteiras sociais

Na análise das razões que podem contribuir para o envolvimento com a criminalidade destacam-se as fronteiras sociais. Vários jovens tiveram a experiência de trabalhos lícitos, mas estes empregos, além de não proporcionarem um bom retorno financeiro, reforçavam a invisibilidade desses jovens. Conforme Julian expos, as razões para trocar o subemprego pelo crime são:

Dinheiro, tudo é dinheiro, como é que tu vai aguentar ficar numa barraquinha vendendo salgado, morrendo de calor, trabalhando feito um burro, sendo humilhado por cliente, e ainda ganhar uma miséria, quem é que aguenta? Se tu pode sair vender droga e ganhar num dia o que tu ganha no mês, sem falar que, quem vem comprar ainda te trata como o cara, no maior respeito, ninguém fica te alugando... Aí me fala só se for burro pra preferir ficar atrás de um balcão aturando desaforo. Pra quem nasce sem muita opção, tu tem que dar teu jeito, tu já cresceu vendo a morte de perto, o que pode acontecer de pior? Morrer? Isso a gente conhece bem de pertinho. (Julian, 23 anos, preso no artigo 33 e 35, respectivamente tráfico e associação)

O campo de possibilidades desses jovens oscila entre ser um vendedor de salgados ou um traficante: na primeira opção eles continuam a ser invisíveis, sentem-se frequentemente humilhados, enfrentam péssimas condições de trabalho, são mal-remunerados e não tem perspectiva de crescimento. Já no segundo caso, passam a ganhar em uma semana o que levavam um mês para receber; e se antes eram humilhados pelos clientes, agora são procurados por estes e tratados com respeito e consideração, reverterem a condição de subalternidade em que viviam, e mesmo que o tráfico seja ilegal, são menos marginalizados enquanto traficantes do que quando trabalham em um subemprego. Esse reconhecimento social é fundamental para a construção de identidade desses jovens, já que não ser reconhecido equivale a não existir socialmente.

Essa visibilidade deriva do fato de que o tráfico carrega em si signos de poder como a arma – que prepara para o

confronto-, a droga – objeto de desejo do usuário-, e o dinheiro – que compra diversão, prazer e status. É perceptível que estes jovens possuem uma tendência para o prazer imediato, e vivem cada dia como se fosse o último. Eles tratam a morte com naturalidade e sempre conviveram de perto com ela, vendo morrer tanto pessoas envolvidas com o tráfico quanto outras que nunca participaram do movimento. Essa naturalização da morte contribui para a banalização da vida, tanto quando se precisa eliminar um inimigo quanto na certeza de que se pode morrer a qualquer momento.

Feffermann destacou apropriadamente essa questão:

Como nas empresas que não garantem condições mínimas de trabalho e sugam do funcionário qualquer benefício – direitos obtidos por meio de varias lutas sindicais -, o tráfico promete benefícios e garantias aos seus funcionários, mas, em troca, os aprisiona em uma dívida interminável. Os mecanismos discursivos são os mesmos, mas no tráfico a consequência é que o jovem se emaranha cada vez mais no crime. Os patrões expõem seus funcionários de forma crescente, e se houver alguma falha no "trabalho", o patrão mata ou manda matar, não há diferença o jovem é demitido da vida. (FEFFERMAN, 2006, p. 218)

O tráfico, entendido como um trabalho, torna-se um contrato no qual se entrega a vida em troca do acesso à possibilidade de existir. Essa existência é afirmada pelas relações que passam a se estabelecer, pelos lugares que se pode frequentar e pelo que veste. A opção pelo tráfico não se dá pela via da sobrevivência, mas sim pela inserção na sociedade de consumo, como se consumir fosse o sinônimo de viver. De tal forma, é somente pelo acesso aos signos da juventude que os jovens conseguem constituir a sua identidade.

Esse comportamento é comum a todos os indivíduos, porque é produzido na "sociedade pautada pela indústria cultural" (KEHL, 2004, p.93). Tanto no discurso de Julian quanto no de Flávio (que segue logo adiante) percebe-se a existência de um condicionante para a entrada no tráfico que é de fundo social, e

aqui nos referimos a um sentido mais amplo, que engloba a questão da sobrevivência, mas que também tem ênfase na valorização social, ou seja, em sentir-se importante e ser enxergado pelo mundo à sua volta.

Neste trecho, Flávio apresenta o contexto que ele vivenciava que o motivou a traficar.

Quando eu fiquei com vontade de ir ao shopping e faltou dinheiro, foi assim, quando eu comecei a querer as coisas e não podia comprar, não podia ter nada a mais, aí eu vi no tráfico uma forma de ganhar dinheiro pra valer. Muita gente está nessa vida por causa da adrenalina, para sentir emoção, para se sentir importante, mas para mim o grande atrativo foi sempre o dinheiro, quando eu tinha 16 anos pude comprar a minha primeira moto, logo depois comprei um carro. Que emprego vai dar isso para um cara de 16 anos que tem só o primeiro grau completo, que parou de estudar, que mesmo tendo o primeiro grau completo, lê e escreve mal e porcamente? Até meu tio, que tinha lá a tal da empresa de limpeza de piscina, me pagava uma miséria, e também ficava sempre me tratando como se tivesse fazendo um puta favor, mas era eu que fazia a parte pesada do trabalho... Então a vida é assim... eu estou tão errado assim, em querer ganhar mais? Quem não quer? (Flávio, 24 anos, preso no artigo 33 - tráfico)

Novamente surge a questão de ser humilhado no trabalho formal. Além de vender a sua força de trabalho espera-se que esse jovem também se comporte como alguém grato por receber uma oportunidade. E porque ele se encontra em uma situação de “ajudado”, a dívida nunca é paga por mais que se trabalhe, pois se tem com o patrão uma dívida de gratidão. O jovem se vê mergulhado numa conjuntura totalmente desfavorável, pois já não possui estudo e não pode se vestir com uma roupa que lhe agrada, e ainda quando decide trabalhar em um negócio legal é humilhado, não sendo visto como um empregado, mas sim como alguém que recebe caridade. O

tráfico, em contrapartida, coloca esse jovem na posição de poder ainda que ele não seja o patrão, e aqueles que vêm até ele devem tratá-lo com respeito e humildade.

4.4 Campo de possibilidades

Segundo Velho (1999, p. 40), campo de possibilidades é o “espaço para formulação e implementação” de um projeto de vida. A partir de todos os elementos que foram discutidos ao longo deste trabalho foi possível perceber que o campo desses jovens se restringe a subempregos, bicos ou atividades ilícitas.

Ficar preso é o inferno e não serve para recuperar ninguém, eu traficava e roubava para sustentar meu vício, mas também para as minhas necessidades de sobrevivência e aí eu vou sair e tudo bem se eu não precisar mais de dinheiro para usar drogas, mas como é que eu vou me sustentar? Como é que eu vou comer, me vestir e morar? Alguém vai dar emprego para ex-presidiário agora? (Renato, 24 anos, preso no artigo 155 e 33, respectivamente furto e tráfico)

Como já colocamos anteriormente, uma das propostas da prisão é a ressocialização. Porém, como bem aponta Renato, o campo de possibilidades, que já não podia abarcar grandes projetos antes da prisão, fecha-se ainda mais após essa passagem pelo sistema carcerário. A elaboração de projetos de vida é uma questão-chave para a aproximação ou para o afastamento do crime. Os entrevistados são unânimes em dizer que não tiveram grandes projetos, exceto pelo próprio tráfico, e que as possibilidades se findavam em uma gama de trabalhos que os fariam apenas sobreviver.

Após passarem pela cadeia, eles têm consciência de que estão marcados, pois ser um ex-presidiário carrega vários significados todos eles diretamente ligados a sentidos negativos. Não se espera muito de alguém que passou por uma prisão, até por que ela é vista pela sociedade como um espaço que contribui para a fabricação da delinquência.

O que resta então para esse jovem? Quais as suas perspectivas? A partir dos relatos ficou evidente que se não possuíam projetos de vida anteriormente, após o cárcere torna-se ainda mais complicado esperar que consigam reorganizar as suas vidas. Muitos demonstraram realmente gostar do tráfico pelas emoções e sensações que ele proporciona, mas também que essa é a única coisa que sabem fazer da vida, o meio que encontraram para se sustentar, e tem consciência de não haver perspectiva para eles no mercado de trabalho. Sabem que no tráfico só há duas certezas: a cadeia e a morte; e se a primeira etapa já está cumprida, o que resta agora é estar preparado para a qualquer momento lidarem com a outra face. Essa é uma situação que deixa os jovens apreensivos, e preocupados com seus destinos.

Feffermann traduz adequadamente essa insegurança:

A realidade se apresenta de forma trágica e a violência torna-se incontornável. [...] Observa-se que o indivíduo sempre encontra dificuldade para romper o cerco do emaranhado das relações, nas quais a violência é o *modus operandi*. O fato de deixar o tráfico, de tentar se inscrever em algum lugar fora da ilegalidade, não é garantia de sobrevivência. (FEFFERMAN, 2006, p.313)

A vida no tráfico é feita de momentos de glória efêmeros, em que não há projeto a longo prazo. Sua intenção, realmente, não é a realização posterior, mas o que importa é o agora. Nesse sentido, Luiz Eduardo Soares (2005) expressou-se bem ao apontar os ganhos subjetivos que o crime proporciona, que se não dão acesso a um “projeto de vida”, permitem viver de forma intensa.

Com relação à cadeia, ela não representa um obstáculo para a continuação no tráfico, aliás, se o preso “tiver uma caminhada reta” ele passa a ser até mais respeitado dentro do crime. Assim sendo, a cadeia limita as possibilidades de acesso ao mercado de trabalho formal, ao qual estes jovens já se viam limitados de participar dada a sua condição. É mais uma vez o

tráfico se torna, senão a única opção, a alternativa que melhor atende às necessidades e à realidade desses jovens.

Cria-se então um círculo: o jovem é preso, cumpre a pena, sai da prisão para, muitas vezes, voltar. Isto ocorre pela falta de boas oportunidades, porque a única realidade que ele conhece é baseada na violência, e invariavelmente porque o crime também é uma forma de manifestar e expressar revoltas contidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho tentamos dar voz aos sujeitos como recurso para a desconstrução do discurso e dos conceitos existentes sobre a prisão e o crime, para então revê-los a partir da ótica daquele que vivencia essa realidade. Para tanto, a análise das trajetórias de vida foi essencial, pois viabilizou o reconhecimento destes sujeitos para além de seus crimes e da sua condição de preso.

Nosso objetivo durante a pesquisa centrou-se em investigar e analisar como o jovem vive a condição social da juventude no sistema prisional. Entretanto, para compreender tal realidade tornou-se necessário ir além da prisão e tentar resgatar os caminhos percorridos por estes sujeitos que levou a criminalidade. A anulação do homem, o risco, a “adrenalina” foram temas sempre presentes nos discursos.

Participar do cotidiano de uma instituição prisional nos permitiu presenciar e vivenciar uma realidade de exclusão, de desumanização, e de perda de identidade. Por si só a privação de liberdade - retirar o direito de ir e vir – já seria uma forma de aniquilar o homem e retirar parte da sua dignidade, contudo o sistema trabalha de forma a marcar e estigmatizar este sujeito para além da prisão. Como ouvi muitas vezes naquele espaço, “a única coisa que a sociedade considera pior do que um preso é um ex-presidiário, porque este retornou ao convívio”.

Observamos ao longo da pesquisa que no sistema prisional a segregação e o preconceito estão sempre presentes. O preso é visto como alguém degradado e que, portanto, deve ser anulado. Não é diferente a condição do jovem preso no interior dos presídios. O preconceito e a marginalização a que estes jovens estão sujeitos surge em um momento anterior à prisão, como ficou claro. Esta, por

sua vez, só cumpre a função de reforçar a exclusão através do estigma de presidiário.

Ao longo da investigação, tanto na etapa de pesquisa quanto de produção da dissertação, constatou-se que o sistema opera de forma seletiva, elegendo aquele que deve ser extinguido do convívio social. Segundo Wacquant, (2002) e Batista (2000), essa é uma tendência mundial de punir a miséria, a pobreza, e principalmente a juventude. Essa tendência teve sua origem nos Estados Unidos e foi se espalhando por toda Europa, chegando inclusive ao Brasil. Compreender esse fato nos fez entender os reais motivos para que os jovens, pobres e negros sejam os que estão em maior número nas cadeias tornando-se, efetivamente, aqueles que pagam e respondem pela criminalidade. É a punição do que é indesejado, ou seja, uma forma de contenção social.

Para caracterizarmos o universo da prisão foi crucial identificar e reconhecer as formas de coerção e punição que lá existem, e quais as estratégias que os jovens presos desenvolvem para viver a condição juvenil sem serem esmagados e anulados pelo sistema prisional. Por meio das entrevistas realizadas, percebeu-se que aquele espaço se constitui a partir da correlação de forças existentes em várias esferas do sistema. A prisão cria hábitos e rotinas que trabalham no sentido de alcançar a total mortificação dos sujeitos. Todavia, os jovens resistem, avançam e retrocedem frente às exigências institucionais; adaptam-se, mas tentam imprimir sua marca e seu diferencial à condição de preso. Em parte isso decorre daquilo que Margulis chamou moratória vital: um “plus”, ou uma vitalidade própria deste período da vida, muito ligada à questão etária. A moratória vital distingue os jovens dos não-jovens neste caso.

A resistência que distingue o jovem aprisionado ocorre diariamente nas gírias utilizadas, nos cortes de cabelo, nas músicas que eles ouvem e até mesmo no jeito de andar. Enquanto o sistema tenta aniquilar todo e

qualquer sujeito que adentre a instituição prisional, os jovens resistem a todo custo para criarem/manterem a identidade. Questionam as práticas institucionais não através do discurso, mas por meio de estratégias e condutas que colocam em dúvida a capacidade do sistema realmente controlá-los. Indiretamente denunciam as falhas e as lacunas da estrutura, a exemplo do uso de celulares com acesso à internet, das máquinas de tatuagem que são produzidas por eles, e mesmo pelas brigas que surgem, e às vezes só terminam com a eliminação de uma das partes.

Com relação ao futuro, segundo o discurso dos sujeitos investigados existe a pretensão de continuar a trabalhar para o tráfico, apesar da experiência na prisão ser considerada degradante. Esse dado vai ao encontro do que Marisa Feffermann (2006) identificou no seu trabalho junto aos adolescentes trabalhadores do tráfico. Estes jovens, ao contrário do que se poderia imaginar, têm consciência da não-perspectiva de futuro e da falta de possibilidades, porque ela é estrutural. E nesta estrutura, o lugar destinado ao jovem transgressor é o da marginalidade. Se ingressaram para o crime para tentar serem incluídos na sociedade, após a prisão o estigma que passou a recair sobre eles diminuiu significativamente toda e qualquer possibilidade de inclusão pela via da legalidade.

Contudo, vale ressaltar que os processos de exclusão social se iniciam em um momento muito anterior à prisão, com a suposta inclusão marginal, que se opera a partir da inserção em subempregos que mal possibilitam a sobrevivência e tampouco a valorização e o reconhecimento social necessários para a formação e constituição dos sujeitos.

A limitação do acesso à cultura, a uma escola que esteja focada em contribuir na construção de uma autoimagem destes jovens como agentes capazes de transformar e intervir nos processos sociais, um espaço que contribua para a educação política, enfim: todas essas

ausências fazem com que muitos jovens não tenham perspectiva de futuro, e é nessa lacuna (que pode estar sintetizada na falta de um projeto de vida), que o tráfico e a criminalidade vem ganhando espaço, ao oferecer a possibilidade de pertencer a um grupo, de compartilhar de um estilo de vida, de ser respeitados e ter importância. Em compensação, abre-se mão da própria liberdade, visto que entrar no crime já é abdicar de ser livre.

Este fato denuncia uma atitude em parte conformista e adaptada destes jovens, que apesar de verem no crime uma forma de transgredir e romper com a ordem vigente, sabem que no final estão entregando a sua vida e o seu destino na mão de algo que está acima deles, que só sobrevive porque é alimentado por sujeitos que vivem à margem que não encontram espaço para si no mundo e buscam reconhecimento e visibilidade social por meio do tráfico. Então, há a consciência de que estão sendo apenas usados pelo tráfico, mas não se veem como sujeitos capazes de alterar a sua realidade, se por um lado o poder conferido pelo crime tira o jovem da condição de invisibilidade em que se encontrava, em contrapartida exige dele uma vida curta e aprisionada as normas e condutas rígidas do tráfico.

Outro aspecto importante a ser ressaltado ao final desta pesquisa refere-se à ausência de um discurso que evidencie o arrependimento destes sujeitos por suas práticas violentas nos casos de assalto, homicídio, ou mesmo de confrontos com rivais. Mesmo aqueles que respondiam pelo crime de homicídio sempre ressaltaram que o crime cometido era decorrente de uma situação-limite, e que por se tratar de uma questão de sobrevivência, não havia o que lamentar. Essa ausência de arrependimento aponta para uma deformação no processo de socialização destes jovens, que banalizam a vida do outro e a sua própria. Evidentemente, o contato com a barbárie em momentos anteriores contribuiu para a forma como lidam com a relação vida/morte.

Um ponto muito presente nos depoimentos, no que se refere ao cotidiano prisional, é o da reciprocidade existente entre eles, que aparece quase como uma estratégia para conviverem em um sistema que a todo custo tenta aniquilar quem está confinado. Esta reciprocidade surge principalmente em decorrência da oposição entre presos e instituição, em que torna-se necessária a união do grupo como recurso para o seu fortalecimento dentro do sistema da reclusão. Essa relação torna-se quase que obrigatória para a sobrevivência de quem está preso.

Contudo, essa convivência não se dá sempre de forma harmoniosa. Como descreveu Mirella Alves de Britto (2007) o convívio em uma instituição prisional é “como uma panela de pressão”, e nunca se sabe quando esta pode explodir. A coabitação forçada, somada a várias outras pressões, como a impossibilidade de se estar só, a falta de privacidade que se contrapõe diretamente ao isolamento do resto do mundo, são capazes de deixar qualquer indivíduo em uma situação-limite. Nesse contexto, os jovens saem em desvantagem, pois têm mais dificuldade de autocontrole e de relevar desavenças.

Uma das questões centrais na relação entre jovens presos e criminalidade evidenciada na pesquisa é o tráfico de drogas. Para os jovens: um trabalho, possibilidade de obter status, respeito e reconhecimento social, além de permitir acessar signos do poder. Ainda, o tráfico é para eles um *modus vivendi*, uma forma de viver a “vida louca”, e um caminho que se encaixa com a falta de perspectiva., Dentro do campo de possibilidades a que estes sujeitos têm acesso, o tráfico comumente se torna a opção mais atrativa, não é a única via, mas é a que proporciona maiores ganhos objetivos e subjetivos considerando-se as opções que estes jovens possuem.

Para o senso comum, por outro lado, o tráfico é apenas um crime, ao qual a resposta adequada é a cadeia. Por trás desta criminalização do tráfico são relegadas

inúmeras discussões, que seriam fundamentais para o tratamento desta problemática, como o fato de que o tráfico denuncia um problema de fundo social e econômico. Social na medida em que sinaliza uma inversão nos valores, visto que a busca pelo prazer imediato e a violência são tidos como meios de se conseguir destaque. O respeito é obtido a partir da ameaça da eliminação do outro, pelo medo e pela coação. É um problema de fundo econômico, pois se constitui em parte pela necessidade de sobrevivência gerada pelo desemprego e a precarização nas relações de trabalho.

A juventude envolvida com a criminalidade, especialmente com o tráfico, sujeita-se a inúmeras formas de dominação iniciadas antes mesmo da entrada na prisão. Como em qualquer relação de trabalho, cumpre-se horário, têm que haver controle de tudo que se movimenta, prestam-se contas, pagando-se caro por qualquer falha tornando-se assim descartáveis para um sistema que tem a sua base justamente na exploração desses jovens. Os sujeitos da pesquisa demonstraram ter plena consciência desse quadro. Mesmo assim, lidam com esta situação de maneira natural, como se essa fosse a melhor ou a única opção.

Diante deste quadro, a prisão se configura como parte da violência pela via da repressão. Ser preso ou morto, segundo os depoimentos são as duas alternativas que mais se apresentam como certa para o futuro destes jovens. E diante destas opções, ser encarcerado passa a ter um peso menor se comparado a possibilidade da morte. Contudo, ao serem presos estes jovens passam a ver o Estado como o seu torturador, aquele que os pune, embora, nunca tenha oferecido oportunidades. Embora considerem o tráfico um crime, não o entendem como uma prática errada, porque para eles é um trabalho como outro qualquer em que há um consumidor que os procura e eles apenas vendem. Com relação a descriminalização, tem plena consciência que o sistema só se mantém porque é

ilegal, caso deixasse de ser crime, a mão de obra utilizada não seria a deles.

Apesar da cadeia ainda ser uma opção melhor do que estar morto, todos os entrevistados apontaram que estar preso é uma forma de morrer lentamente, uma morte social, já que no fim a maioria desses jovens passa a só se reconhecer a partir da prisão onde estão os seus amigos e companheiros de caminhada, pois a família só os visita uma vez por semana, e ainda assim tendo que se sujeitar à revista íntima que é no mínimo invasiva. Este fato revolta os presos, que constantemente veem seus entes diante de uma situação constrangedora.

Ainda, com esta pesquisa foi possível verificar o descumprimento da LEP; legislação que é negligenciada em quase todos os seus aspectos principalmente no que se refere aos direitos dos reclusos. Outro ponto ainda a ser citado é com relação as inúmeras violações dos direitos humanos, pode-se dizer que após 20 anos da adesão do Brasil a Convenção Americana de Direitos Humanos, pouco se alterou da realidade das prisões no Brasil, em parte isso decorre da falta de fiscalização nestas instituições, embora é importante destacar que ainda que houvesse uma inspeção eficaz, os parâmetros no Brasil são muito baixos e fazem Santa Catarina parecer um paraíso comparado ao quadro encontrado em grandes metrópoles como Rio de Janeiro e São Paulo.

Esse conjunto de ações adotadas pelo sistema prisional, embora objetivem punir, acabam apenas por despertar a raiva e a agressividade nos jovens que estão presos. A impotência diante das inúmeras sujeições que lhe são impostas, somada à raiva contida, não permite que esse jovem reflita sobre as suas ações e assim cogite outra alternativa ao crime, reforçando a ideia de que o crime e a violência são as únicas formas de se colocar no mundo.

O desrespeito que impera no sistema prisional tanto o conferido ao preso quanto aos seus familiares reafirma a violência e contribui para a fragilização dos

laços familiares, visto que de certa forma a pena também se estende aos familiares.

Com relação ao auxílio reclusão, benefício que é alvo constante de ataques por parte da mídia e do senso comum, este chega a ser acessado por menos de 1% da população carcerária, pois como todo benefício possui critérios e poucos são os reclusos que se encontram dentro dos critérios de elegibilidade. Essa é uma questão que necessita ser melhor refletida, visto que se o benefício não atende nem 1% do público alvo, os seus critérios deveriam ser revistos. A ausência de suporte material também dificulta não só a vida do preso, mas de todo o seu núcleo familiar, pois mesmo que seja como trabalhador do tráfico antes de ser preso, este sujeito contribuía com o sustento dos seus familiares, quando não era o seu principal provedor. Ao ser preso e não ter acesso nem ao benefício e tampouco a outra fonte de renda, esse sujeito muitas vezes passa a retirar a única renda responsável pela manutenção desta família, e ainda torna-se um peso, haja visto que invariavelmente essa família necessitará enviar itens básicos de alimentação e higiene para o ente preso e soma-se ainda as despesas com o transporte para chegar até a instituição.

Essa é uma discussão que está em pauta no momento, pois com a transferência do Complexo Penitenciário de Florianópolis para uma área mais isolada que não ofereça risco a cidade as famílias precisarão se deslocar agora para outro município para visitar no final de semana seus familiares.

Como já dito anteriormente a construção de novas cadeias não reduz o aumento da criminalidade, a punição surge decorrente da prática ilícita. Muito mais do que aprisionar, as atenções deveriam se voltar para as razões que levam os jovens a se envolver em práticas criminosas, vendendo a sua força de trabalho para o tráfico. Construir mais presídios não resolverá o problema da criminalidade, pois esta surge em um contexto independente e anterior ao

aprisionamento, e a instituição carcerária só funciona como reprodutora da exclusão e marginalização dos que estão confinados.

Vale destacar duas estratégias que tem como foco os jovens. A primeira delas é a criação do Estatuto da Juventude, que considera como jovem todo indivíduo com idade entre 15 e 29 anos e permitirá ampliar a discussão sobre as políticas públicas para os jovens. No que se refere à sua relação com a criminalidade, embora mais uma vez a saída apontada seja a criação de instituições prisionais, passa a ocorrer uma diferenciação pela faixa etária e vivência no crime. A iniciativa da construção de presídios específicos para os jovens é uma iniciativa do PRONASCI - Programa Nacional de Segurança com Cidadania que tem como ponto central das suas ações diminuir a criminalidade e:

[...] promover a ressocialização dos detentos justamente pela educação. Tanto que programas como Educação Profissional para Jovens e Adultos (Proeja), Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e o Brasil Alfabetizado serão adaptados às penitenciárias. (BRASIL, 27/08/2007).

Analisando o objetivo da nova medida adotada pelo PRONASCI, é possível notar que ele apenas recoloca o que o artigo 10º e 11º da LEP já apontavam como parte dos objetivos da pena de privação de liberdade, ou seja, que: “A assistência ao preso e ao internado é dever do Estado, objetivando prevenir o crime e orientar o retorno à convivência em sociedade”. E no que se refere à assistência é assegurado que: “A assistência será: I - material; II - à saúde; III - jurídica; IV - educacional; V - social; VI – religiosa”. Esses supostamente já seriam direitos dos presos, contudo vale expor que muitos destes

direitos acabam sendo violados por carências institucionais, como consequência da inoperância do Estado.

Percebe-se, então, que os presídios para a juventude só possuem a diferença de separar por idades e experiência no crime aqueles que supostamente são “um pouco mais inocentes”. Talvez se essas novas instituições trabalharem no sentido de respeitar e promover a autonomia dos sujeitos que forem ali confinados, seja possível ao menos diminuir a reincidência no crime. Contudo, o trabalho com os jovens deve ser realizado no momento anterior à prisão, e se possível, antes da entrada para o crime.

Investir em políticas públicas e em uma educação política que atendam e caminhem ao encontro das reais necessidades das juventudes é indispensável para alterar a condição de exclusão e possibilitar a ampliação do campo de possibilidades a que estes jovens têm acesso. Isto favorece a criação do necessário projeto de vida, que possibilita a autonomia e a constituição do sujeito social.

Essa dissertação não teve a pretensão de esgotar este tema, buscamos apenas dar contribuições que ampliassem o debate, dando aos jovens a possibilidade de serem escutados em sua totalidade, para além de seus delitos e da vida de preso.

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, Theodor. A Educação contra a barbárie. In **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ALMEIDA, Maria Lúcia de. O. **Vozes de dentro... de mulheres... de muralhas**. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

ATHAYDE, Celso; BILL, MV; SOARES, Luiz Eduardo. **Cabeça de Porco**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva. 2005.

BARATTA, Alessandro. Ressocializacion o control social; por um concepto crítico de “reintegracion social” del condenado. In: Oliveira, Edmundo (Coord.) – **Fórum Internacional de Criminologia Crítica**, Belém: Edições Cejup, 1990.

BATISTA, Vera Malaguti. **Difíceis ganhos fáceis: drogas e juventude pobre no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Ed. Revan. 2003.

BITENCOURT, Cezar Roberto. **Falência da pena de prisão: causas e alternativas**. São Paulo: Ed. Saraiva: 2004.

Boletim Estatístico da Previdência Social. Disponível em: <http://www.previdencia.gov.br/arquivos/office/3_120120-085315-255.pdf> Acesso em 12 fev. 2012.

BOURDIEU, Pierre. “A “juventude” é apenas uma palavra”, in **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero. 1983.

_____. **O Poder simbólico**. Lisboa : Editora DIFEL. 1989.

BRITO, Mirella Alves de. **O caldo na panela de pressão: um olhar etnográfico sobre o presídio para mulheres em Florianópolis**. 2007. Dissertação, (mestrado em Antropologia) – Programa de pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

BRASIL. DECRETO N° 678, DE 6 DE NOVEMBRO DE 1992. Promulga a Convenção Americana sobre Direitos Humanos - Pacto de São José da Costa Rica, de 22 de novembro de 1969. Convenção Americana de Direitos Humanos. Pacto de São José da Costa Rica. 1969.

DEPEN. **Diretrizes Arquitetônicas**. Disponível em: <<http://portal.mj.gov.br/data/Pages/MJD574E9CEITEMIDAB2EF2D92895476E8516E63C78FC7C4CPTBRIE.htm> >. Acesso em 15 dez. 2011.

DURKHEIM, Emile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martins Fontes. 1995.

DUTRA, Yuri Frederico. **Como se estivesse morrendo**: A prisão e a revista íntima em familiares de reclusos em Florianópolis. Dissertação, (Mestrado em Direito) – Programa de pós-graduação em Direito do Centro de Ciências Jurídicas da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

FEFFERMAN, Marisa. **Vidas arriscadas**: o cotidiano dos jovens trabalhadores do tráfico. Petrópolis: Editora Vozes. 2006.

FILHO, ROBERTO LUIS CORCIOLI. **Da (In) constitucionalidade do delito de tráfico de drogas**. Disponível em <http://jus.com.br/revista/texto/21159/da-in-constitucionalidade-do-delito-de-traffic-de-drogas> . Acesso em: 12 mar. 2012

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. 34. ed.. Rio de Janeiro: Editora Vozes. 2007.

_____. **A Microfísica do Poder**. 27. ed.. São Paulo: Editora Graal. 2009.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. 6.ed..São Paulo: Editora Perspectiva. 2001.

GUIDANI, Miriam Krezinger. **Análise da execução penal na perspectiva da complexidade**. In Crítica à Execução Penal. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris. 2007.

GUIMARÃES, Cláudio Alberto Gabriel. **Funções da pena privativa de liberdade no sistema capitalista**: do que se oculta(va) ao que se declara. Tese (Doutorado em Direito) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Direito do Centro de Ciências Jurídicas da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2006.

IBGE. **Estatística da população jovem no Brasil**. Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/populacao_jovem_brasil/default.shtm>. Acesso em: 04 set. 2010.

INFOPEN, Serviço de Informação Penitenciária, Ministério da Justiça. **Relatórios Estatísticos**: Analíticos do sistema prisional de cada Estado da Federação. Disponível em: <<http://www.mj.gov.br/infopenGestao.htm>>. Acesso em: 20 de Abr.. 2010.

JULIÃO, Elinaldo Fernandes. **Política pública de educação penitenciária**: contribuição para o diagnóstico da experiência do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro de 2003. [131] f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma da cultura. In **Juventude e Sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. Instituto Cidadania, 2004.

LEVI, Giovani; SCHMITT, Jean Claude. **A história dos jovens**: da antiguidade à era moderna. Cia das Letras: São Paulo. 1996. 1 v.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. **La Juventud es más que una palabra**. Ensayos sobre cultura y juventud. Buenos Aires: Biblos, 1996.

MARX, Karl. **O Capital**. 7. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1982.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de. **Juventude, trabalho e consumo: o que é presente e futuro?** In **Jovens e crianças: outras imagens**. Fortaleza: Edições UFC, 2006.

MELOSSI, Dario e PAVARINI, Massimo. **Carcel y Fabrica: los orígenes del sistema penitenciário (siglos XVI – XIX)**. Mexico: Siglo XXI, 1985.

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. Tradução de Angelina Peralva. **Young**, Estocolmo, v.4, n. 2, p. 3-14, 1996.

Ministério da Previdência Social. Disponível em: <<http://www.previdencia.gov.br/conteudoDinamico.php?id=922>>. Acesso em: 13 jan. 2012.

MIRANDA, Antônio Luiz: **A Penitenciária de Florianópolis. De um instrumento da modernidade à utilização por um Estado totalitário**. Dissertação, (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1988.

O aumento da reincidência. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 2 fevereiro. 2008. Disponível em: <<http://www.estado.com.br/editorias/2008/02/02/edi-1.93.5.20080202.2.1.xml>>. Acesso em: 01 set. 2008.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1996.

POYER, Viviane. **Penitenciária Estadual da Pedra Grande. Um estudo sobre a política de combate à criminalidade em Florianópolis entre 1935 -1945**. Trabalho de conclusão de curso. Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

OLIVEIRA, Luciana Maria Ribeiro de. **Meninos bandidos: interfaces entre criminalidade e identidade masculina em**

homens jovens. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006. 100 f.

PRUDENTE, Numias Mooreti. **Entrevista ao jornal Gazeta do povo.** Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?tl=1&id=992259&tit=Parana-tera-presidio-para-jovens>>. Acesso em: 20 Abr.2010.

RAMOS, Silvia. **Entrevista ao jornal UOL.** Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/2009/12/21/ult5772u6722.jhtm>>. Acesso em: 10 jan.2010.

ROSA, Alexandre Morais da. **Introdução crítica ao ato infracional:** Princípios e garantias constitucionais. Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris. 2007.

SANTOS, Juarez Cirino dos. **Instituto de Criminologia e Política Criminal:** privatizações de presídios. Disponível em: <http://www.cirino.com.br/artigos/jcs/privatizacoes_presidios.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2012.

SEQUEIRA, Vania Conselheiro. **Vidas Abandonadas.** Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2005. 168f.

SOUZA, Jaqueline Oliveira de. **O serviço social no presídio Masculino de Florianópolis:** seus limites e possibilidades. Trabalho de conclusão de curso. Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

SPOSITO, Marília. **O estado da arte sobre a juventude na pós-graduação brasileira:** educação, ciências sociais e serviço social (1999 a 2006). Belo Horizonte: Editora Argumentvm. 2009.

TRISOTTO, Sabrina. **O Trabalho como forma de reinserção social:** Uma perspectiva Crítica. Dissertação (Mestrado em

Educação) – Centro de Ciência da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. 140f.

VELHO, Gilberto. Trajetória individual e campo de possibilidades. In. **Projeto e Metamorfose: Antropologia das sociedades complexas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora. 1999.

VERONESE, Josiane Rose Petry. **Entre violentados e violentadores?** São Paulo: Cidade Nova. 1998. Col. Pensar mundo unido.

WACQUANT, Loic. **As prisões da miséria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2001.

_____. **Punir os pobres: a nova gestão da miséria nos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2003. 3. Ed.

WIELEWICKI, Vera Helena Gomes. **A pesquisa etnográfica em sala de aula**. *Acta Scientiarum*, Maringá, revista do Departamento de Letras, Universidade Estadual de Maringá, p. 27-32. 2001.

ANEXO A – Prontuário de Vida Carcerária

**SECRETARIA DE ESTADO DA
SEGURANÇA PÚBLICA E DEFESA DO
CIDADÃO
DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO
PENAL – DEAP
PRESÍDIO MASCULINO DE
FLORIANÓPOLIS
VIDA CARCERÁRIA**

Prontuário:

RG.

NOME DO PRESO:

VULGO:

DATA DE NASCIMENTO:

ESTADO CIVIL:

NACIONALIDADE:

NATURALIDADE:

COR:

INSTRUÇÃO:

PROFISSÃO:

FILIAÇÃO: PAI

MÃE:

RESIDÊNCIA DECLARADA:

DATA-----HISTÓRICO-

APENDICE A – Questionário

QUESTIONÁRIO

Nome

(fictício): _____

Idade: _____

Tipo de crime pelo qual está preso: _____

INFÂNCIA

- 1) Que recordações você tem da sua infância?
(tentar identificar histórico de violência doméstica)

- 2) Na sua infância como era a sua composição familiar? Quem teve maior importância no seu desenvolvimento?

- 3) Você frequentou a escola até que idade? Você tinha interesse nela? Quais as lembranças mais importantes desta época??

- 4) O que você fazia quando não estava na escola? Frequentava algum tipo de instituição, ong, ou, outras?

5) Hoje em dia como é o relacionamento com a sua família?

ADOLESCENCIA

1) Como foi a sua adolescência? Participava de algum grupo específico?

2) Fazia uso de drogas? Como e quando iniciou o uso? Qual a primeira substância experimentada?

3) Com quantos anos começou a trabalhar? E por qual razão?

4) Teve experiências com algum tipo de violência? Seja como autor ou vítima.

5) Passou por instituições correccionais?

RELACIONAMENTOS

1) Qual o seu estado civil? Fale sobre o relacionamento a partir da sua institucionalização?

2) Tem filhos? Quantos?

- 3) Como vivencia a paternidade estando preso? Quais as estratégias que você cria para participar do crescimento dos seus filhos?
- 4) Como é composta a sua família?

TRAJETÓRIA NA CRIMINALIDADE

- 1) Como você entrou na vida do crime?
- 2) Como foi a sua primeira experiência no mundo do crime e com que idade ela ocorreu?
- 3) Você já imaginava como seria a sua vida na prisão caso viesse a ser preso? Você já conhecia alguém que foi preso?
- 4) Como foi a sua entrada na prisão? Alguma situação específica marcou este dia?
- 5) Conte um pouco como foi o primeiro dia e a primeira noite, e como se deu a adaptação?
- 6) Como é o cotidiano na prisão?
- 7) Como você vê os seus companheiros de prisão? Fale um pouco sobre a sua relação com os seus colegas.

8) Como você percebe/define o seu relacionamento com o mundo externo (família/amigos/filhos) a partir do olhar peculiar que a prisão oferece?

9) Como se dá o convívio entre os reclusos? Existe uma hierarquia? Como são estabelecidas as regras?

10) Como é a convivência com pessoas estranhas até então desconhecidas, com idade, cultura e momentos da vida tão diferentes?

11) Como você vê a privação de liberdade?

12) Que experiências vivenciadas nesta instituição você considera negativa? E quais você acha que contribuíram para mudar a sua forma de ver o mundo?

13) Existe algo específico que te cause sofrimento por estar preso?

14) Do que você sente mais falta?

15) Por que após ser preso e cumprir pena você voltou ao crime?

16) Você acha que a prisão tem alguma utilidade? Para que serve?

17) O que você entende por ressocialização?

18) Você acha que as estratégias adotadas pelo Estado para a ressocialização são eficazes?

19) Como é seu relacionamento com os funcionários da instituição?

20) Você já passou por outras instituições prisionais? Qual a diferença para o presídio?

APENDICE B – ENTREVISTAS POR ORDEM ALFABÉTICA

Nome (fictício): Alisson

QUESTIONÁRIO

Idade: 19

Tipo de crime pelo qual está preso: Homicídio – artigo 121, assalto – artigo 157, inciso III, paragrafo 3. Está preso a 1 ano e 1 mês. Foi condenado a 28 anos, recorreu e a cadeia caiu para 20 anos. Já havia sido preso outras vezes, por tráfico, mas não era condenado, porque saía como usuário.

INFÂNCIA

1) Que recordações você tem da sua infância?
(tentar identificar histórico de violência doméstica)

R: Não são boas não. Nunca faltou nada, mas não foi uma infância muito boa não. Tive uma boa parte das coisas que queria, mas isso não chegava nem a metade das coisas que eu queria.

2) Na sua infância como era a sua composição familiar? Quem teve maior importância no seu desenvolvimento?

R: Eu morava com os pais e mais 4 irmãs. Sempre tive muito mais ligação com a minha mãe.

3) Você frequentou a escola até que idade? Você tinha interesse nela? Quais as lembranças mais importantes desta época?

R: Tenho o 2º grau completo, e fiz um curso técnico de informática. Sempre gostei de estudar, nunca fui para a escola como se fosse uma obrigação, nem nunca tive problemas em ter que estudar, eu sempre achei que a escola era importante, sempre gostei de aprender.

4) O que você fazia quando não estava na escola? Frequentava algum tipo de instituição, ong, ou, outras?

R: Eu trabalhava e depois vivia a vida.

5) Hoje em dia como é o relacionamento com a sua família?

R: Hoje é um bom relacionamento, porque cada um se respeita, eu tenho mais respeito pelos meus pais e eles

respeitam as minhas escolhas. Claro, isso hoje, porque nem sempre foi assim.

ADOLESCENCIA

1) Como foi a sua adolescência? Participava de algum grupo específico?

R: Mais ou menos, eu comecei a usar droga cedo, acho que a minha adolescência acabou se perdendo um pouco na viagem da droga.

2) Fazia uso de drogas? Como e quando iniciou o uso? Qual a primeira substância experimentada?

R: Comecei com 8 anos de idade na maconha e no loló, aos 12 experimentei outras drogas, como crack, cocaína, ecstasy, tudo que aparecia.

3) Com quantos anos começou a trabalhar? E por qual razão?

R: Não lembro ao certo, mas foi cedo, trabalhei com mecânica, suspensão, borracharia, e antes de vir preso eu estava trabalhando a 5 meses com manutenção de site.

4) Teve experiências com algum tipo de violência? Seja como autor ou vítima.

R: Não é a primeira passagem por homicídio, já tive outros B.O. (outras ocorrências, passagens) por várias outras coisas, inclusive por homicídio, e isso tudo é violência não é? O tráfico é um trabalho como outro qualquer, só que não existe traficante, existe bandido, quem entra para o tráfico está entrando para o crime e sabe. Tu tem que estar preparado para se envolver com várias outras coisas. Tu vai ter que andar armado, para poder se defender, tu vai ter que fazer um corre para poder levantar grana para a boca como assaltar, roubar, sei lá dar teu jeito, tu vai ter que te envolver com outras coisas. Essa coisa de violência é engraçada porque, no tráfico se mata muito mais quem tá envolvido do que inocente, é uma briga nossa, é desse jeito que as coisas se resolvem e isso não é notícia. Tu vê no teu jornal, traficante que matou outro traficante, lógico de vez em quando passa, mas não é nem 10% do que realmente morre, se mata muito, mas geralmente é quem tá envolvido, quem rateou, pode ser por disputa de território, porque o cara fez alguma

besteira, mas ninguém se importa com esse desconhecido que morre, ninguém se importa também quando policial sobe o morro e mata inocente, porque só por morar no lugar errado tu já é meio bandido, é assim que funciona. Aí quando a polícia sobe o morro e sai por aí matando quem tá inocente, todo mundo protesta, todo mundo condena, mas e quando os fardados matam? Aí tudo bem! Morre todo dia um monte de gente no morro e quando matam um polícia o mundo se revolta, todo mundo sente pena, mas pena da gente ninguém tem, então chega uma hora que tu vê, que tu não pode ficar esperando pela piedade dos outros não, tu tem que tocar a tua vida e fazer o que for preciso para sobreviver. O tráfico na favela resolve muitas coisas que o governo não faz e na verdade nem sabe que precisa fazer, porque o governo não chega lá, e quando chega já vem com aqueles programinhas tudo pronto sem saber se a gente quer ou não, se a favela vai gostar ou não, e pelo menos nisso o tráfico é mais responsa, respeita mais a comunidade.

5) Passou por instituições correccionais?

R: Não. Já caí “de menor” algumas vezes, mas acabava sendo liberado, ou porque não tinham onde me colocar, ou porque era liberado como usuário.

RELACIONAMENTOS

1) Qual o seu estado civil? Fale sobre o relacionamento a partir da sua institucionalização?

R: Amasiado. Bom, a pessoa que está contigo tem que entender... tem que apoiar, o relacionamento passa a se resumir, aos encontros uma vez por final de semana e é isso, mas quando tu está na rua, tu dá do bom e do melhor para aquela pessoa não dá? Aí o mínimo que ela pode fazer é apoiar...

2) Tem filhos? Quantos?

R: Tenho um de 1 ano e 7 meses, mas não é dessa esposa não. O filho até já veio me visitar, mas agora não tem vindo não.

- 3) Como vivencia a paternidade estando preso?
Quais as estratégias que você cria para participar do crescimento dos seus filhos?

R: Aqui de dentro eu não tenho como participar da criação do filho, mas quando sair pretendo estar mais presente.

- 4) Como é composta a sua família?

R: Antes de cair eu estava morando sozinho.

TRAJETÓRIA NA CRIMINALIDADE

- 1) Como você entrou na vida do crime?

R: Eu comecei quando era bem pequeno, e eu gostava muito de traficar, me sentia adulto, sem contar que o tráfico quando tu é “de menor”, compensa mesmo, porque ninguém vai dar emprego para um moleque e se der é só para explorar, para pagar uma miséria, e no tráfico tu além de ganhar bem, os caras preferem que tu seja novo... É aquelas coisas, eu gostava de traficar, ganhava uma puta grana, e aí tu vai ficando bom naquilo, é como tu ser médico, ou professor e gostar do que tu faz. E para completar, o tráfico rende uma boa grana, o dinheiro compensa todo o resto. Tem até o fator da emoção, da adrenalina, mas o mais importante é a grana que o cara levanta.

- 2) Como foi a sua primeira experiência no mundo do crime e com que idade ela ocorreu?

R: Ocorreu com uns 8, 9 anos, foi coisa tipo furto, coisa boba, mas é assim, começa com coisa boba, e vai crescendo, vai indo e até o cara ter consciência que já está metido em coisa grande leva um tempo.

- 3) Você já imaginava como seria a sua vida na prisão caso viesse a ser preso? Você já conhecia alguém que foi preso?

R: Claro, imaginava sim... Eu já conhecia muita gente que tinha vindo preso, e também já tinha perdido muita gente conhecida, entre está morto e preso é melhor estar aqui, não é?

- 4) Como foi a sua entrada na prisão? Alguma situação específica marcou este dia?

R: O problema para mim não foi a entrada na prisão, e sim os 20 dias direto que passei sendo espancado por 6 policiais para confessar o homicídio, e depois de tomar porrada 20 dias tu confessa qualquer coisa, mas nem assim eu confessei, só fui confessar mais tarde quando foram pra cima da minha mãe.

5) Conte um pouco como foi o primeiro dia e a primeira noite, e como se deu a adaptação?

R: Depois te tomar porrada 20 dias seguidos eu garanto que ninguém tem problema de adaptação com nada e muito menos pra dormir, ou conviver, sem contar que quando tu chega quebrado na cadeia como eu cheguei, os irmão sempre são solidários e tentam aliviar teu sofrimento.

6) Como é o cotidiano na prisão?

R: A cadeia é o maior aprendizado que se pode ter, um monte de gente entra ali e não tem respeito nenhum pelos outros, e na cadeia tu aprende que o respeito é lei máxima. Um monte que não tem educação vai aprender aqui por bem ou por mal...

7) Como você vê os seus companheiros de prisão?

Fale um pouco sobre a sua relação com os seus colegas.

R: Não sou de muitos amigos não, tento falar o mínimo possível, é uma relação de respeito, se precisarem de mim, sabem que podem contar porque eu sou um cara frente, sou de resposta mesmo, sei também que não é com todo mundo que posso contar, mas não to aqui pra fazer amizades, fui colocado no mesmo lugar com outras pessoas e temos que se respeitar pra viver bem é só isso que importa.

8) Como você percebe/define o seu relacionamento com o mundo externo (família/amigos/filhos) a partir do olhar peculiar que a prisão oferece?

R: Tu perguntando essas coisas agora, eu tenho a sensação de que nunca tive realmente uma relação com ninguém, a pessoa que mais me importa nessa vida é a minha coroa (mãe), ela eu quero que esteja feliz, e quero ela perto de mim pra sempre, mas todo o resto é diferente, é como se eu não me importasse muito com o resto, talvez porque ninguém

além dela se importe muito comigo também, não sei, nunca pensei muito nessas coisas não.

9) Como se dá o convívio entre os reclusos? Existe uma hierarquia? Como são estabelecidas as regras?

R: Não a única regra aqui é o respeito, e lógico geralmente se escuta mais o cara que já tem mais tempo de cadeia, que tem mais experiências com a caminhada. A gente só não se mistura com os duque e os alcagueta, isso é tudo safado, pra mim tinha que morrer, porque vai fazer o que com uns cara desse, vai prender e tu acha que ele vai deixar de estuprar criancinha, o cara é um doente, pervertido, safado. E alcagueta nem se fala, um cara que não é sujeito homem não merece nem comentário, no nosso meio isso não se cria...

10) Como é a convivência com pessoas estranhas até então desconhecidas, com idade, cultura e momentos da vida tão diferentes?

R: Às vezes é um pouco irritante, porque na rua tu escolhe com quem tu te relaciona e aqui tu não tem toda essa liberdade, tu até decide quem é teu amigo ou não, mas no final tu é obrigado a conviver com quem é da tua galeria, do teu barraco... mas, isso faz parte, como aqui o cara é obrigado a ter respeito por todo mundo no final tudo acaba se acertando...

11) Como você vê a privação de liberdade?

R: Como uma tortura, durante o dia tu arruma coisa para fazer e o tempo até passa, agora quando batem a tranca, essa é a pior parte do dia em estar preso, porque de 20 metros que tu tens na galeria, tu passa a ficar preso em 2 metros quadrados, e de 60 pessoas que tu convive, tu passa a ter que ficar com só 4... Aí bate uma agonia...

12) Que experiências vivenciadas nesta instituição você considera negativa? E quais você acha que contribuíram para mudar a sua forma de ver o mundo?

13) Existe algo específico que te cause sofrimento por estar preso?

R: A minha família, eu sofro por eles, porque sei que a minha mãe está sofrendo muito e ela não merece, eu sempre quis levar a vida do meu jeito, nunca escondi dos meus pais

que eu traficava, eu nunca menti sobre nada, mas também sei que eles nunca quiseram acreditar e acho que quando eu vim preso além do sofrimento deles por ver o filho preso, é como se a ficha caísse de vez, e ainda mais por homicídio, tu não querer acreditar que teu filho trafica, é porque tu acha que tu criou ele certinho e ele tem tudo pra ser um cara correto, agora eu imagino pra eles o que é pensar que o filho deles matou alguém, é como se eu fosse desconhecido, pra quem não é do crime, a morte não é uma coisa tão simples assim...

14) Do que você sente mais falta?

R: Da família.

15) Por que após ser preso e cumprir pena você voltou ao crime?

R: Eu não vou largar nunca, eu gosto, é o que eu sei fazer, e apesar de ser arriscado, eu ainda acho que vale a pena. Eu vou trabalhar também, mas não vou deixar de traficar.

16) Você acha que a prisão tem alguma utilidade? Para que serve?

R: É na cadeia que se conhece “os amigos” de verdade, e aí é que se passa mais a valorizar a família.

17) O que você entende por ressocialização?

R: É tentar formatar o cara, transformar o cara num cara sociável, é tentar adestrar o bicho...

18) Você acha que as estratégias adotadas pelo Estado para a ressocialização são eficazes?

R: Não, e olha que vir preso poderia fazer com que o cara tivesse uma possibilidade, uma nova oportunidade na vida, pelo menos para quem quer... mas não, isso aqui só muda a tua vida para pior... ao invés de gastar dinheiro com cadeia porque não investem no cara enquanto ele está na rua?

19) Como é seu relacionamento com os funcionários da instituição?

R: Eu respeito para ser respeitado. Dá para conviver, de maneira geral cada um cede um pouco e aí a cadeia acaba tendo um ritmo próprio...

20) Você já passou por outras instituições prisionais? Qual a diferença para o presídio?

R: Pela penita, pelo COT, por delegacia, delegacia é sempre o pior lugar, porque não tem a menor estrutura pra receber preso, aí fica todo mundo amontoado, sem lugar para dormir, aí tem que dar um jeito, dormir de valete, se virar, se o cara passa mal, não tem nem um enfermeiro, nada... No COT, o bagulho é louco, lá é o verdadeiro inferno de tão quente, e tu não tem espaço, mas ainda tem mais do que na delegacia, que não tem nem pátio direito, nada e o dia lá não passa. A penita é ruim é a pior estrutura física, mas é um lugar em que se tem muito respeito. Aqui já passei por todas as galerias, e de todos é o menos pior... aqui o ritmo é mais lento, todo mundo sabe que se tiver que puxar cadeia é preferível que seja aqui.

QUESTIONÁRIO

Nome (fictício): Denis

Idade: 19

Tipo de crime pelo qual está preso: Homicídio – artigo 121 e tráfico – artigo 33. Está preso a mais ou menos 6 meses. Só pelo tráfico foi condenado a 7 anos e 2 meses. Com 16 anos foi para o São Lucas por tentativa de homicídio, ficou 2 meses, foi julgado e absolvido.

INFÂNCIA

1) Que recordações você tem da sua infância?
(tentar identificar histórico de violência doméstica)

R: Muita brincadeira e diversão, foi uma infância muito gostosa, brincava de bolinha de gude, de jogar futebol e correr na rua, sempre gostei de brincar na rua com os amigos.

2) Na sua infância como era a sua composição familiar? Quem teve maior importância no seu desenvolvimento?

R: Até antes de vir preso, morava com os meus pais e mais 6 irmãos, os meus pais sabiam que eu estava envolvido com o crime, mas chegou uma hora que viram que não adiantava mais falar, sempre briguei muito com os pais, porque eles sempre foram dessa coisa certinha de trabalhar para sobreviver, e eu sempre fui revoltado com essas coisas, sempre quis mais da vida, achava uma idiotice o cara se matar trabalhando e nunca poder ter nada, comer uma coisa diferente, vestir um pano (roupa) novo, da hora, sempre aquela vida mais ou menos, me irritava a história de o que importa é a gente ser honesto, o que adianta tu ser honesto? O que tu ganha com isso? Nunca quis ser como os meus pais que aceitavam não terem uma vida boa, poder ter o que se quer.

3) Você frequentou a escola até que idade? Você tinha interesse nela? Quais as lembranças mais importantes desta época?

R: Parei com 14 anos na 6ª ou 7ª série. Nunca gostei da escola, eu ia obrigado, mas também não é porque eu ia

para a escola que quer dizer que eu assistia às aulas. Não tenho lembrança boa nenhuma da escola, nunca senti falta de lá. Quando eu larguei, meus pais ficaram indignados, revoltados mesmo, disseram que eu nunca ia ser ninguém na vida, não sei por que eles acham que escola serve para fazer alguém se dar bem na vida, era só tu ver a escola que tu já via que dali ninguém ia mudar de vida. Se escola ajudasse alguém a se dar bem na vida professor não seria um cara tão ferrado.

- 4) O que você fazia quando não estava na escola? Frequentava algum tipo de instituição, ong, ou, outras?

R: Aprontava, furtava, ficava fazendo coisa de moleque desocupado mesmo.

- 5) Hoje em dia como é o relacionamento com a sua família?

R: Hoje me dou muito bem com os meus pais, muito bem mesmo, todo o final de semana eles vem me visitar, na verdade a minha mãe vem todo final de semana, o meu pai vem uma vez ou outra, porque sabe como é, homem é mais orgulhoso pra ficar passando por essa revista íntima daqui, aí ele evita vir, mas quando vem a gente se acerta bem. Hoje a gente chegou a conclusão que a gente vê o mundo de jeito diferente, e aí cada um respeita o jeito do outro, eu até aprendi a respeitar essas coisas deles de ser um trabalhador de ser certinho e ter só o que o trabalho pode comprar, mas eu não penso assim, eu quero ter um carro, poder ir comer em restaurante, poder fazer festa, e isso o dinheiro do trabalho não compra, pelo menos do trabalho que os meus pais tem, ou que eu teria. Tu já ouviu aquela história que dinheiro chama dinheiro? É assim, e se tu é pobre tu só consegue trabalho de pobre, trabalho que nunca vai te deixar ser rico. Eu não consigo aceitar isso como os meus pais não, mas aceitar é uma coisa respeitar é outra não é? Aí agora é assim, eu não concordo com o jeito deles e eles não concordam com o crime, mas a gente se respeita e não fica mais brigando por essas coisas.

ADOLESCENCIA

1) Como foi a sua adolescência? Participava de algum grupo específico?

R: Foi muito avançada, precoce mesmo, meus amigos sempre foram mais velhos, aí sempre fiz coisas de adolescentes mais velhos... Comecei a fumar maconha com 11 anos, o cigarro comecei bem mais tarde com 15 anos.

2) Fazia uso de drogas? Como e quando iniciou o uso? Qual a primeira substância experimentada?

R: Sim maconha. Experimentei todas as outras drogas, mas não gostei muito da sensação e aí hoje é só maconha mesmo.

3) Com quantos anos começou a trabalhar? E por qual razão?

R: Com carteira assinada nunca trabalhei, só trabalhei com o tráfico até hoje, comecei com uns 12 anos, mas vender forte mesmo tudo quanto era droga foi só depois dos 15, com 12 não era aquela fissura de fazer dinheiro, era mais pela adrenalina, e porque todos os meus amigos mais velhos já vendiam, aí entrei nessa, e fui vendo que eu ganhava em um dia mais do que os meus pais ganhavam no mês, aí comecei a levar o negócio a sério e com uns 15 anos eu até ajudava em casa.

4) Teve experiências com algum tipo de violência? Seja como autor ou vítima.

R: Sim, já teve gente tentando me matar, já tive que ficar sumido um bom tempo para não ser morto, e também já fui preso por tentativa e agora por homicídio. O tráfico é um crime, mas eu não acho que seja errado, como todo crime sempre tem violência envolvida, quanto mais cedo tu começa, mais cedo tu vai ficar envolvido, porque tu vai mergulhando naquela vida, a tua vida passa a ser a vida do crime, e as vezes tu não tem treta com ninguém, mas teu amigo tem e aí tu é obrigado a tomar um lado, é aquela coisa, o fato é que quanto mais cedo tu começa mais cedo vai acabar, ou porque tu cáí preso, ou porque tu morre,... Quem já nasce no meio da violência, já gosta de outros bagulhos, gosta do risco, da adrenalina, e do perigo. Com 16 anos ganhei a minha primeira arma de um amigo, foi ele também que me ensinou a usar.

Quem tá no crime, tá sempre em uma situação de risco e ter uma arma ajuda a afastar o medo, dá a ilusão de segurança.

5) Passou por instituições correccionais?

R: Fiquei 2 meses no São Lucas por tentativa, mas fui absolvido.

RELACIONAMENTOS

1) Qual o seu estado civil? Fale sobre o relacionamento a partir da sua institucionalização?

R: Sou casado desde os 17 anos. Só recebo visita da mãe e da esposa. Hoje em dia é mais fácil manter um relacionamento na cadeia, a gente dá o nosso jeito para manter contato, e todo final de semana a gente tá junto, não é a melhor forma, mas é o que dá para ter... E a minha esposa também já traficou, então pra ela é mais sossegado, porque ela conhece a caminhada, apesar de já ter parado com o tráfico. E a gente aos poucos se acostuma com a falta de privacidade, porque tá todo mundo na mesma, aí tu tá na tua jega (cama) com a tua mulher e o irmão tá na jega dele com a mulher dele, elas também já ficam amigas, tudo se acerta, pra tudo a gente dá um jeito. Tenho pena mesmo é da minha mãe, ela vem todo final de semana, passa por aquela revista íntima horrível, porque para uma senhora como ela é difícil, ela tem vergonha de ficar sem roupa na frente das agentes aí depois tem que se baixar num espelho, se a mulher tá naqueles dias já não pode vir, para uma mulher mais nova é mais tranquilo, mas eu imagino o quanto isso não custa para a minha mãe, ela realmente sofre muito e isso também me faz muito mal...

2) Tem filhos? Quantos?

R: Não.

3) Como vivencia a paternidade estando preso? Quais as estratégias que você cria para participar do crescimento dos seus filhos?

R:

4) Como é composta a sua família?

R: Sou eu e a minha esposa.

TRAJETÓRIA NA CRIMINALIDADE

1) Como você entrou na vida do crime?

R: Dinheiro Hellen, dinheiro, eu não queria saber de trabalhar, nunca gostei, nunca quis ser aquela gente bitolada que só pensa em trabalhar e conquistar alguma coisa, tu não vive o hoje, e no crime não, tu vive o dia, tu vive o momento, o dinheiro do tráfico vem fácil, mas também vai muito fácil, tu não te importa em sair e gastar tudo que tu ganhou no dia, porque no dia seguinte tu vai lá e ganha tudo de novo. Desde pequeno eu penso assim. Eu sempre fui muito precoce, mesmo com 12 anos eu andava com um pessoal de 15, 16 anos. Aí é aquela coisa tu anda com um pessoal que já tem moto, carro e tu quer ser igual, tu não quer ser um ferrado. Aí tu entra pelo dinheiro mesmo. Primeiro tu começa com coisa pequena, tu nem te sente criminoso é quase que um favor de moleque que tu faz, em troca de um dinheiro, coisa pequena, depois tu começa a querer mais responsa e se tu sempre fez tudo reto, tu vai conseguindo crescer rápido, só não pode é dar bobeira, não pode ser vacilão... Todo mundo sabe o que pode e o que não pode fazer, nessa vida, ninguém vacila e vem com a desculpa que não sabia, quer ser bandido tem que ser correto, porque aqui não se aceita desculpa não. Um vacilo e tu não vai ter segunda chance, tem muita mais gente querendo entrar do que gente saindo seja porque cai morto ou vai preso.

2) Como foi a sua primeira experiência no mundo do crime e com que idade ela ocorreu?

R: Não lembro não, porque eu acho que o tráfico é crime, mas eu não acho que seja errado, daí começar a traficar não foi nada que me marcou. Eu acho que a primeira vez que eu realmente me senti bandido foi quando eu precisei usar a arma que ganhei do meu amigo pela primeira vez. Foi estranho, porque ao mesmo tempo que tu te sente mais seguro, tu também sente o medo mais de perto, a arma pode te proteger, mas no meu caso pelo menos eu ia usar contra alguém que também tava armado, aí tu sabe que pode matar mais também pode morrer. **E isso não te assusta?** É uma situação muito estranha, não sei nem como explicar direito, claro que dá medo, mas ao mesmo tempo tu te sente mais

forte, como se tu fosse importante. Eu não sei explicar, acho que não consigo, só vivendo p/ entender.

3) Você já imaginava como seria a sua vida na prisão caso viesse a ser preso? Você já conhecia alguém que foi preso?

R: Não. Eu nunca medi muito as consequências assim, tipo: a se eu fizer isso eu posso ser preso. Sempre pensei no momento, sempre me concentrei no hoje.

4) Como foi a sua entrada na prisão? Alguma situação específica marcou este dia?

R: Fiquei um tempo cabreiro, porque eu já tinha muita treta na rua, p/ alguém mandar te apagar aqui dentro não é difícil, aí fiquei um tempo estressado com isso, me sentindo como bicho acuado. Mas acho que dei sorte, nunca me incomodei com ninguém, nem encontrei ninguém que eu tivesse treta aqui. Logo quando eu cheguei um cara foi morto na galeria E, isso me deixou meio tenso, quer dizer a cadeia inteira ficou tensa, mas no final deu tudo certo e eu nunca tive problemas.

5) Conte um pouco como foi o primeiro dia e a primeira noite, e como se deu a adaptação?

R: Primeiro tu vai para o castigo e fica por lá uma semana, depois te mandam para alguma galeria, a melhor é a A que é estilo a D e não precisa trabalhar, mas até que o trabalho na D não é ruim não, pelo menos faz o tempo passar mais rápido.

6) Como é o cotidiano na prisão?

R: Olha é tranquilo, a gente se acostuma, claro que se eu ficar pensando o que eu podia tá fazendo na rua eu vou ficar maluco, mas aí eu não penso né? Eu que nunca gostei de obedecer ordem, aqui não tenho outra opção, se bem que no Presídio ainda tem bastante respeito pelos presos, tanto os presos quanto os agentes tentam se respeitar.

7) Como você vê os seus companheiros de prisão? Fale um pouco sobre a sua relação com os seus colegas.

R: O pessoal se dá bem é meio como uma irmandade. Todo mundo se ajuda, todo mundo se apoia. Aqui tem muita gente boa, que tu não sabe nem direito o que tá fazendo aqui,

porque nem bandido o cara é, era só alguém tentando sustentar a família, esses nem se encaixam direito no sistema, não conseguem nem entender direito o mundo do crime, nunca pegaram numa arma, nunca vão ter guerra com ninguém, vendiam droga muito mais como bico pra conseguir um trocado a mais, porque quem é que sustenta a família com esse salário miserável que se paga por aí?

8) Como você percebe/define o seu relacionamento com o mundo externo (família/amigos/filhos) a partir do olhar peculiar que a prisão oferece?

R: Hoje eu tenho muito mais respeito e consideração com a família do que antes da cadeia, para isso a cadeia serviu porque hoje o meu relacionamento com os meus coroas é muito melhor, fez eu ver que eles são as pessoas no mundo que me amam independente do que eu faça e que vão sempre me apoiar independente de eu ser bandido, ou não. Com o resto do mundo é estranho porque o meu único contato é com a minha mulher e a minha família, aí parece que o mundo parou desde quando eu fui preso e na verdade eu sei que o mundão tá aí continuando e só eu que não to participando. Eu não to tão estressado agora mesmo sabendo que eu vou ser condenado com toda certeza pelo jurí, porque eu sou menor de 21 e vou acabar puxando pouco tempo, mas agonia ver e sentir que o mundo ta passando e eu não to participando.

9) Como se dá o convívio entre os reclusos? Existe uma hierarquia? Como são estabelecidas as regras?

R: Tranquilo, ninguém manda em ninguém, mas tu pode andar o mundo todo e tu nunca vai encontrar um lugar com tanto respeito como na cadeia. Aqui faltar com respeito é falta grave, tu pode pagar com a vida.

10) Como é a convivência com pessoas estranhas até então desconhecidas, com idade, cultura e momentos da vida tão diferentes?

R: As vezes cansa, mas tu também aprende muito, tu conhece gente que gosta de músicas que tu nunca tinha ouvido, tu conhece um fulano que é mais ligado em tecnologia e te ensina muita coisa, tem aquele que é fanático religioso,

tem o nóia do crack, aqui tem de tudo, agora assim, as vezes tu quer ficar 15 minutos sozinho ou quieto e não tem como, isso no dia a dia tudo bem, mas tem dia que o cara tá meio atravessado e aí tu tem que aguentar igual, não tem para onde escapar...

11) Como você vê a privação de liberdade?

R: Pior castigo que podem dar para alguém... e acho que não serve pra nada, porque ninguém fica recuperado, só mais revoltado com o mundo e quem vai pagar é a sociedade, é o mundo.

12) Que experiências vivenciadas nesta instituição você considera negativa? E quais você acha que contribuíram para mudar a sua forma de ver o mundo?

R: Olha ter visto o cara morrer aqui com um espeto, me deixou meio mal, quando tu caí preso tu te consola pensando que se tu não tivesse preso, tu podia tá morto, aí tu vê um cara ser morto, te deixa meio desnorteado, quando eu fiquei no castigo sem saber para que galeria eu iria eu até pensava que eu podia ter treta com alguém e me ferrar, mas por outro lado tu tenta te apegar a ideia de que isso não vai acontecer justo aqui, mas aí quando acontece um lance desse, tu fica mais apavorado ainda.

13) Existe algo específico que te cause sofrimento por estar preso?

R: Hoje eu posso dizer que é a minha coroa, ver o sofrimento dela é para acabar comigo.

14)Do que você sente mais falta?

R: De poder tá com a minha família, almoçar com eles, ter um almoço de domingo que não seja na cadeia, comer uma coisa diferente, mas o principal hoje é a minha família.

15) Por que após ser preso e cumprir pena você voltou ao crime?

R: Porque eu gosto do que eu faço, eu não quero largar o crime, eu gosto de traficar é o que eu sei fazer, e paga bem, sem contar que eu consegui montar o meu próprio negócio, eu não tenho mais patrão hoje.

16) Você acha que a prisão tem alguma utilidade? Para que serve?

R: Deixar o cara com mais raiva do mundo e das pessoas, só isso, serve também para deixar o cara muito mais bandido. Aqui é uma escola para o crime, porque deixa bom quem já é do crime e aumenta o conhecimento de quem tava só começando.

17) O que você entende por ressocialização?

R: Deixar o cara bitolado!! É para deixar certinho quem se indignava com as coisas do mundo, aí quem sabe aqui o cara aprende a ficar quieto e aceitar ser um ferrado na vida.

18) Você acha que as estratégias adotadas pelo Estado para a ressocialização são eficazes?

R: Não.

19) Como é seu relacionamento com os funcionários da instituição?

R: Polícia não gosta de bandido e bandido não gosta de polícia, mas aqui todo mundo se respeita.

20) Você já passou por outras instituições prisionais? Qual a diferença para o presídio?

R: Não, só pela delegacia e logo depois já vim pra cá, ah e teve o São Lucas quando era de menor. O São Lucas era tranquilo, aqui é bem pior, agora a delegacia é muito pior do que aqui, e lá o pessoal quer mais é que o preso se ferre.

QUESTIONÁRIO

Nome (fictício): Emílio

Idade: 22

Tipo de crime pelo qual está preso: Homicídio – artigo 121.

Condenado a 13 anos e 6 meses, já foi preso na adolescência, mas logo era solto.

INFÂNCIA

1) Que recordações você tem da sua infância?
(tentar identificar histórico de violência doméstica)

R: As melhores, muita brincadeira, gazeava muita aula desde bem pequeno. Sou natural do Paraná, mas vim para Florianópolis com 4 anos e não lembro de nada da época que morava lá.

2) Na sua infância como era a sua composição familiar? Quem teve maior importância no seu desenvolvimento?

R: Morei com os pais e uma irmã mais velha. Mas, mãe é sempre a mãe, né? Ela tá sempre com a gente nunca abandona.

3) Você frequentou a escola até que idade? Você tinha interesse nela? Quais as lembranças mais importantes desta época?

R: Frequentei a escola até a 8ª série, quando estava com 15 anos. Sempre detestei estudar, não detestava a escola, mas odiava estudar, a escola até era legal porque tinha alguns amigos, mas nunca estudei, nem sei como cheguei até a 8ª série.

4) O que você fazia quando não estava na escola? Frequentava algum tipo de instituição, ong, ou, outras?

R: Soltava pipa e ficava por aí fumando maconha. Não tinha muita coisa pra fazer a gente não tinha muito dinheiro, aí era essas brincadeiras assim mesmo, a gente tentava passar o tempo de qualquer jeito.

5) Hoje em dia como é o relacionamento com a sua família?

R:

ADOLESCENCIA

1) Como foi a sua adolescência? Participava de algum grupo específico?

R: Tão boa quanto a infância, nunca fui de andar em turma e também nunca me misturei com os grupos lá do bairro não, mas praticamente todos os meus amigos fumavam maconha comigo. Isso desde pequeno.

2) Fazia uso de drogas? Como e quando iniciou o uso? Qual a primeira substância experimentada?

R: Sim, comecei 10 anos fumando maconha, só fui experimentar outras drogas mais tarde quando já tinha quase 15 anos.

3) Com quantos anos começou a trabalhar? E por qual razão?

R: Comecei a trabalhar cedo com 11, 12 anos para o tráfico, e era trabalho mesmo, direitinho, cumprindo horário, fazendo o que mandavam tudo certinho como qualquer trabalho. Só quis trabalhar para poder ter mais liberdade, os meus pais tentavam me controlar pelo dinheiro e eu queria ser livre, poder usar droga, andar com roupa da hora, sair com o pessoal, essas coisas que qualquer guri curte.

4) Teve experiências com algum tipo de violência? Seja como autor ou vítima.

R: Sim, mas só na adolescência, quando eu trabalhava no tráfico, é meio vida de gato e rato, tem gente te caçando e tu tá sempre caçando alguém. No tráfico tem muita inveja, e tu tem que se defender. Já tive que ficar escondido para não ser morto e também já passei noite atrás dos inimigos... a vida é assim...e com o tempo tu se acostuma.

5) Passou por instituições correccionais?

R: Não, eu até fui preso quando era de menor, mas era pego e ficava 3, 4 dias na delegacia e era solto, perdi as contas de quantas vezes isso aconteceu.

RELACIONAMENTOS

1) Qual o seu estado civil? Fale sobre o relacionamento a partir da sua institucionalização?

R: Solteiro. Eu tinha namorada antes de vir preso, mas terminamos, logo depois.

2) Tem filhos? Quantos?

R: Não.

3) Como vivencia a paternidade estando preso? Quais as estratégias que você cria para participar do crescimento dos seus filhos?

R:

4) Como é composta a sua família?

R: Quando fui preso ainda vivia na casa dos meus pais, eles até imaginavam que eu estivesse envolvido com o tráfico, mas quando eu caí por homicídio foi um choque para todo mundo. Com o lance do tráfico, eu nunca escondi nada, os meus pais suspeitavam, mas também não tinham coragem de perguntar, porque preferiam acreditar que não pudesse ser verdade. Claro que essa parte da violência eu não escancarava, acho que nenhuma mãe merece saber desse tipo de coisa.

TRAJETÓRIA NA CRIMINALIDADE

1) Como você entrou na vida do crime?

R: Eu queria ser livre, fumar minha maconha, me divertir, soltar pipa, poder fazer festa, e o tráfico oferece isso para qualquer moleque que queira, além de você ter a tua disposição, a droga para usar, tu ainda tem a moral de vender, de fazer dinheiro com o que tu gosta, é como tu gostar de carro e poder trabalhar com isso, ser um mecânico, ou sei lá. No tráfico, tu não saí, por aí oferecendo droga para ninguém, tu simplesmente tá ali parado e as pessoas é que vão atrás de ti, eu não saio por aí incentivando ninguém a usar, aí é aquela coisa, tu usa, quem usa sabe que tu usas, e acaba sabendo que tu também vendes, e a coisa vai indo meio que naturalmente... É óbvio que o tráfico envolve outras coisas, como o lance de gato e rato que eu te falei antes, rola muita inveja, se tu faz muito dinheiro, tem sempre alguém de olho na tua boca. Tipo eu comecei novo, chega uma hora, tu também quer ter o teu negócio, a tua boca, não dá para ficar para sempre se arriscando pelos outros, e aí é foda, porque mesmo que tu tenhas trabalhado sempre certinho, ninguém

vai passar a mão na tua cabeça e dizer, tudo bem pode cair fora e montar a concorrência, não, isso não acontece, quem tentou me matar a primeira vez, foi o meu antigo patrão, e aí eu tenho que defender minha vida não é? Antes a mãe dele chorar do que a minha.

2) Como foi a sua primeira experiência no mundo do crime e com que idade ela ocorreu?

R: É tudo tão junto que tu nem percebe quando as coisas vão acontecendo, eu não sei exatamente quando eu comecei a me considerar um criminoso... Porque eu acho que o usuário não é um criminoso, eu também acho que o tráfico não é um crime mesmo, claro que tem coisas que ocorrem por causa do tráfico que eu sei e eu acho que seja crime, como roubo, assalto, porte de arma. E quem trafica geralmente acaba se envolvendo com alguma dessas coisas também, porque se tu vai traficar tu tem que ter uma arma, de vez em quando tu acaba tendo que fazer um assalto aqui, outro ali pra fortalecer o movimento, e isso eu acho que é crime, mas aí rola um bagulho muito louco, que o cara vai porque também curte a adrenalina de roubar, de assaltar, é engraçado parece que o medo vira o objetivo, é como se o cara tivesse sempre atrás de ficar de frente com o perigo. O tráfico proporciona essa adrenalina, essa sensação de perigo, como se todo o dia fosse diferente do outro, e a gente nunca sabe o que vai acontecer...

Tem gente que consegue trabalhar e traficar só para fazer um extra, esse não se envolve com nada além do tráfico, ele realmente só quer uma grana a mais, não quer saber de emoção, de adrenalina de nada dessas coisas. O cara só quer uma grana, de repente até para manter o vício sem precisar mexer no dinheiro que ele ganhe com o trabalho normal dele.

3) Você já imaginava como seria a sua vida na prisão caso viesse a ser preso? Você já conhecia alguém que foi preso?

R: A gente sempre sabe que existe essa possibilidade, mas assim, tu não fica pensando nisso, né? Sabe assim, imaginando, porque aí o cara não vive, e é aquela história que o pessoal sempre fala, tu não monta uma

empresa pensando que vai quebrar, então tu não vira bandido pensando que tu vai cair ou morrer, mas, tu convive com essa realidade quase todo dia... Eu conhecia muita gente que tinha vindo preso, e o pessoal contava muito absurdo, não sei se é aquela história, até tu cair, as conversas que tu escuta é como se fossem partes de um filme de terror, e quando tu vive isso tu sempre tenta pensar que podia ser pior, que tu podia está morto, o ser humano se adapta a tudo, quando tu caí, tu sabe que tu está no inferno, mas tu tenta pensar na situação de uma forma mais tranquila, sem tanto apavoro...

4) Como foi a sua entrada na prisão? Alguma situação específica marcou este dia?

R: Depende, tu quer saber a minha entrada nessa aqui? Porque de todas que eu já passei essa aqui ainda é a melhor, se é que dá pra falar isso de uma cadeia, mas assim, nessa galeria que a gente tá, a gente trabalha, e isso ajuda muito a passar o tempo, o cara tem uma lista de compras do que pode entrar muito maior do que na penita por exemplo, tu não precisa usar uniforme, os agentes tratam com um pouco mais de respeito, o cara pode ter um ventilador na cela, pode cozinhar no barraco, tem visita no final de semana, não é dia da semana como na penita ou em outros lugares, porque tem lugar que a visita é dia de semana e aí o familiar está trabalhando não vai poder faltar para ir te ver, aí o cara fica sem apoio se sentindo meio abandonado, como eu já tinha passado por várias outras cadeias, tu fica mais tranquilo quando chega aqui, porque todo mundo já tinha dito que aqui ainda é o melhor lugar para puxar a tua caminhada.

5) Conte um pouco como foi o primeiro dia e a primeira noite, e como se deu a adaptação?

R: Acho que dei muita sorte, caí num barraco muito bom, todo mundo me recebeu bem, fiz grandes amigos aqui que com certeza vou levar para a vida toda.

6) Como é o cotidiano na prisão?

R: Bom, essa é a parte que mais estressa, o cotidiano é repetitivo, cansa, enlouquece, todo o teu dia começa no mesmo horário e acaba do mesmo jeito, o que numa cadeia tu tem até que ficar feliz que isso aconteça, porque quando o bagulho fica meio louco é arriscado pra todo mundo. Mas,

essa coisa de todo dia, tu ter que ficar trancado com as mesmas pessoas, tendo que ser certinho, porque aqui tu não pode dar nem um deslize, isso tudo mata o cara, a cadeia vai matando um pouco da gente todo dia, porque tu fica com as lembranças da tua vida fora, de antes e no final é como se tu não tivesse vivido nada daquilo que tu lembrás, parece que só o que existe é a tua vida aqui dentro e isso deixa o cara meio maluco, é como um pássaro numa gaiola, se ele fica preso muito tempo depois ele só sabe viver ali.

7) Como você vê os seus companheiros de prisão? Fale um pouco sobre a sua relação com os seus colegas.

R: São pessoas boas, tranquilas, que acho que nem mereciam estar aqui, porque vieram para cá só para tentar dar uma vida melhor para a família, é gente guerreira que não quer fazer o mal, só está tentando melhorar de vida e cuidar dos filhos, coisa que todo mundo tenta.

8) Como você percebe/define o seu relacionamento com o mundo externo (família/amigos/filhos) a partir do olhar peculiar que a prisão oferece?

R: Eu me sinto estranho, eu até tenho bastante contato com o mundo externo, mas é como se o mundo continuasse girando e eu tivesse parado no tempo. As vezes dá aquela sensação que tu vai sair daqui e tu não vai conseguir te encaixar em lugar nenhum.

9) Como se dá o convívio entre os reclusos? Existe uma hierarquia? Como são estabelecidas as regras?

R: Aqui todo mundo se respeita, é o lugar no mundo em que mais existe respeito, isso existe aqui, porque uma pisada fora do lugar e o bagulho estoura! A coisa pode ficar feia e respinga até em quem não ta envolvido! Aí meio que um cuida e dá uns toques para o outro para a coisa funcionar, ninguém manda em ninguém, mas todo mundo tenta manter a paz, a harmonia...

10) Como é a convivência com pessoas estranhas até então desconhecidas, com idade, cultura e momentos da vida tão diferentes?

R: Bom, tu tem que suportar as diferenças, fazer o que? Tem dia que é um tal de rolar, funk, rap, pagode tudo na mesma hora, num barraco do lado do outro e o cara goste ou não, tem que aguentar, tem gente que chega aqui e é meio abusada, folgada, mas rapidinho aprende que vai ter que respeitar o gosto do outro, respeitar que não ta em casa e sair escancarando o som, a cadeia tem esse lado que é importante, ela te ensina que respeito é a base de tudo.

11) Como você vê a privação de liberdade?

R: Juro p ti que depois que eu fui preso eu nunca mais quis ter bicho nenhum pra deixar preso.

12) Que experiências vivenciadas nesta instituição você considera negativa? E quais você acha que contribuíram para mudar a sua forma de ver o mundo?

13) Existe algo específico que te cause sofrimento por estar preso?

R: Estar preso, não poder ir embora faz com que todas as horas aqui sejam horríveis.

14) Do que você sente mais falta?

R: De tudo, de uma comida diferente, das festas, das loucuras, de viver mesmo... De torcer para ter sol para ir para praia, aqui não faz diferença se o dia ta feio, ou bonito, aqui é sempre feio, é sempre triste...

15) Por que após ser preso e cumprir pena você voltou ao crime?

R: Porque eu gosto do que eu faço, é o que a vida me ensinou a fazer, eu gosto de aventura, de risco, de ser livre.

Tá mas como tu mesmo falou, tu não eras livre não é? Afinal tu quis sair e tentaram te impedir não foi? Mas aí eu dei meu jeito, não to falando que é o jeito certo, mas eu decidi montar meu negócio e mesmo que tentassem me impedir não conseguiram no final das contas, tem gente que não ia ter peito para fazer o que eu fiz, e aí sim de repente ia ser um eterno escravo, ou acabar morto, porque a hora que tu decide tocar a tua vida com a tua própria boca, tu tem que ter peito

pra saber que tu tem que bancar a tua decisão, aí se precisar matar ou morrer tu tem que saber que isso faz parte.

16) Você acha que a prisão tem alguma utilidade?
Para que serve?

R: Tem sim, para algumas pessoas é tão traumatizante que serve para nunca mais voltar para o crime, agora para a maioria é como se fosse apenas uma fase que o cara sabe que vai passar e para esses só serve para o cara ficar mais revoltado, mais indignado como bicho preso mesmo! E aí serve para tu se revoltar com o mundo todo, e achar que todo mundo é um pouco responsável pelo que está te acontecendo.

17) O que você entende por ressocialização?

R: Isso não existe...

18) Você acha que as estratégias adotadas pelo Estado para a ressocialização são eficazes?

R: Depende se eles querem deixar o cara mais bandido eles conseguem com certeza. Punir eles conseguem, mas também conseguem deixar o cara mais revoltado e eu acho que isso se volta é para a sociedade.

19) Como é seu relacionamento com os funcionários da instituição?

R: Preso não gosta de agente e agente não gosta de preso, mas todo mundo cede um pouco e todo mundo se respeita, o cara sabe até onde pode ir e eles também tentam manter a cadeia tranquila.

20) Você já passou por outras instituições prisionais?
Qual a diferença para o presídio?

R: Acho que por quase todas, delegacia da Palhoça, cot, penita, São Pedro, o pior é a delegacia, tá sempre cheio por lá, tem dia que tem 15 pessoas na cela, a comida é regulada, o cara chega a passar fome, a penita é horrível também porque o regime é muito rígido, tu não tem contato direito com ninguém, se o cara fica doente ou sente dor tem que ficar quieto porque se reclamar os agentes descem o cacete, e o Cot é sem comentários, o cara cozinha lá dentro, parece um micro-ondas, verdadeiro inferno, até a penitenciária é melhor do que o Cot.

QUESTIONÁRIO

Nome (fictício): Fernando

Idade: 22

Tipo de crime pelo qual está preso: Homicídio - artigo 121, condenado a 16, já cumpriu 3 anos. Está recorrendo da decisão. 2ª Condenação caiu pela primeira vez por tráfico, com 18 anos.

INFÂNCIA

1) Que recordações você tem da sua infância? (tentar identificar histórico de violência doméstica)

R: São boas recordações, a infância foi a minha época mais feliz, foi a única época em que eu tive sonhos e acreditava que ia conquistar.

2) Na sua infância como era a sua composição familiar? Quem teve maior importância no seu desenvolvimento?

R: A minha mãe e mais 8 irmãos. Sem dúvida, mãe é tudo, ela faz tudo por nós, não merece estar sofrendo tudo isso.

3) Você frequentou a escola até que idade? Você tinha interesse nela? Quais as lembranças mais importantes desta época?

R: Fui até os 16 anos e terminei o 1º grau. Até certo ponto eu gostava de ir para a escola, mas era mais para encontrar o pessoal, para jogar bola, e curtir, de estudar mesmo nunca gostei. As namoradas que eu arrumava era o que tinha de mais legal.

4) O que você fazia quando não estava na escola? Frequentava algum tipo de instituição, ong, ou, outras?

R: Quando não estava na escola, eu jogava futebol, treinei muito tempo na escolinha do avai, eu sonhava em ser jogador de futebol, a maconha é que terminou com os meus sonhos. Depois que comecei a usar drogas, quando não estava na escola, tava roubando, só parei de roubar quando comecei a traficar.

5) Hoje em dia como é o relacionamento com a sua família?

R: Hoje em dia me dou super bem com a minha família, na verdade até melhor do que quando estava solto, porque quando eu tava na rua, só queria saber de festa, e não tinha muita paciência para essas coisas de família. Nesse sentido eu acho que a prisão acaba sendo um local em que tu passa a se importar mais com a família, e tu dá valor para os almoços de final de semana, para a preocupação que qualquer um demonstre por ti, tu começa a dar valor para o sentimento dos outros por ti.

ADOLESCENCIA

1) Como foi a sua adolescência? Participava de algum grupo específico?

R: Boa, mas foi bem diferente da infância, porque quando era criança, andava com um pessoal que também pensava em ser jogador de futebol, que tinha os mesmos sonhos que eu, quando comecei a usar drogas, o pessoal que eu andava não eram pessoas com sonhos, que esperavam alguma coisa da vida, era um pessoal que só queria curtir o momento, não tinham expectativas, e quando eu comecei a usar drogas, eu comecei a me identificar com eles, e aí eu troquei as tardes de treino, por tardes roubando, isso até começar a traficar. Falando assim pode até parecer que eu não goste da minha vida hoje, e não é bem isso, mas é muito estranho olhar para trás, é como se eu não me reconhecesse naquele moleque que achava que um dia ia ser um ídolo. Hoje, eu gosto é da adrenalina do crime, eu gosto da sensação de ter uma arma, da sensação de ter pessoas atrás de mim para comprar o meu produto, eu me sinto importante mesmo sem ser um jogador de futebol, mesmo sem ser um ídolo, é como se eu ainda fosse importante. Eu sei que é só ilusão, mas a gente precisa de um pouquinho de ilusão pra viver, né?

2) Fazia uso de drogas? Como e quando iniciou o uso? Qual a primeira substância experimentada?

R: Sim, comecei com 11 anos, experimentei maconha com a gurizada da escola, e gostei. A gente ficava de bobeira

fumando, e roubando, depois experimentei tudo quanto é outra droga, mas hoje só fumo um.

3) Com quantos anos começou a trabalhar? E por qual razão?

R: Com 16 anos, mas era só fachada mesmo, trabalhava de office-boy, mas aí fui pego roubando.

4) Teve experiências com algum tipo de violência? Seja como autor ou vítima.

R: Sim, roubar é uma violência não é? E na real, eu acho que não tem como tu traficar e não te envolver com tudo quanto é tipo de violência. O tráfico é uma relação de poder, tu tem que chegar te impondo, não pode demonstrar fraqueza, só que todo mundo que mexe com o tráfico é assim, então cada um tem que mostrar qual é o teu território, e as vezes isso só é possível através da violência. Eu também já assaltei muita gente e eu via na cara delas como isso era aterrorizante, quando tu assalta, tu sabe que tu ta agindo com violência, porque não tem como assaltar sendo legal, tu tem que chegar apavorando mesmo.

5) Passou por instituições correccionais?

R: Até fui pego quando era de menor e me mandaram para uma dessas instituições, mas fiquei pouco tempo, porque estava lotada, mas fiquei sei lá acho que 45 dias.

RELACIONAMENTOS

1) Qual o seu estado civil? Fale sobre o relacionamento a partir da sua institucionalização?

R: Separado, quando caí preso estava casado, mas logo depois acabou.

2) Tem filhos? Quantos?

R: Não.

3) Como vivencia a paternidade estando preso? Quais as estratégias que você cria para participar do crescimento dos seus filhos?

4) Como é composta a sua família?

R: Ainda moro com a minha família, então é o mesmo esquema de sempre, de quando eu era criança.

TRAJETÓRIA NA CRIMINALIDADE

1) Como você entrou na vida do crime?

R: Acho que pelas amizades, não que alguém te obrigue ou fique enchendo teu saco pra entrar não, é uma coisa que ocorre meio que naturalmente, tu está ali usando drogas com todo mundo e todo mundo dá o seu jeito pra ter droga, tu também tem que dar o teu, e tu não vai chegar em casa e dizer mãe: me dá um trocado porque eu quero um baseado, não, tu vai correr atrás de levantar uma grana, então aí a gente roubava primeiro supermercado, depois loja, daí o cara vai ficando corajoso, e já sabe que a turma topa uns lances mais loucos, daí começa a assaltar gente na rua mesmo, faz um corre pra descolar uma arma, sei lá a coisa vai acontecendo naturalmente...

Acho que depois das amizades, outras coisas que ajudam o cara a se interessar pelo crime é o dinheiro, porque com ele tu pode curtir, tu compra "roupa da hora", tu compra diversão (mulher), fama porque tu fica conhecido e respeitado no teu bairro, mesmo que seja um respeito conquistado porque as pessoas tem medo, e lógico, tem a questão também da falta de oportunidades que ocorre pela falta de estudos, a necessidade mesmo leva o cara as vezes por esse caminho, eu estou sendo honesto, em dizer que no meu caso não foi a necessidade em si, mas para um monte de gente é isso que força o cara a entrar para o crime...

2) Como foi a sua primeira experiência no mundo do crime e com que idade ela ocorreu?

R: Ah, acho que com 12 anos, foi logo depois que comecei a usar drogas, mas nem lembro mais o que foi, já aprontei tanto, que não faço nem ideia de como foi a primeira vez.

3) Você já imaginava como seria a sua vida na prisão caso viesse a ser preso? Você já conhecia alguém que foi preso?

R: Tu diz, quando eu fui preso pela primeira vez? Não, eu não ficava pensando nisso não. Até conhecia uma turma

que já tinha vindo preso, já tinha escutado as conversas, mas eu não ficava parado pensando nisso não, uma coisa dessa vida no crime que é legal é que a gente não fica pensando no que pode ou não acontecer, tu vive agora, o hoje, se pensar demais o cara é obrigado a largar dessa vida. Porque ou tu pensa em cadeia, ou pensa em morrer... Tu não sonha em acumular, em ficar rico, tu espera ter momentos de curtidão, tipo o dinheiro entra hoje, o cara já pensa no que vai torrar.

4) Como foi a sua entrada na prisão? Alguma situação específica marcou este dia?

R: Horrível, o primeiro dia é sempre horrível, ainda mais quando tu caí por homicídio, a todo custo querem arrancar uma confissão tua, então, tudo que tu puder imaginar o cara passa. Tem gente que confessa só pra acabar com o sofrimento. Por isso o primeiro dia é sempre o pior, sem contar quando tu caí, tu fica sem saber para onde vão te mandar e aí se tu caí onde tu tem treta com alguém? Da outra vez eu caí por trafico, aí foi mais tranquilo, mas dessa vez vim por homicídio, aí eu já não sabia o que eu podia encontrar. Mas de certa forma posso dizer que tudo correu bem.

5) Conte um pouco como foi o primeiro dia e a primeira noite, e como se deu a adaptação?

6) Como é o cotidiano na prisão?

R: É tranquilo, aqui é um lugar onde tu aprende a respeitar todo mundo, onde todo mundo está no mesmo barco ninguém é melhor do que ninguém. Acho que aqui é o lugar em que mais se ouve: por favor e muito obrigado. Claro, o que agonia é que aqui todo dia é igual, tudo sempre se repete, e todo mundo sempre está fazendo a mesma coisa, é como ver o mesmo filme várias vezes, a rotina aqui é tão igual que cansa...

7) Como você vê os seus companheiros de prisão? Fale um pouco sobre a sua relação com os seus colegas.

R: Sei lá, o pessoal aqui, não é diferente do pessoal que eu já andava lá fora, todo mundo tem uma história parecida, trabalhava mais ou menos com as mesmas coisas

no caso o tráfico, a grande maioria tinha um trampo de fachada, a maioria já passou por experiências de se sentir ameaçado ou de ter que usar a força contra alguém, são mundos parecidos... de maneira geral é uma relação boa e tranquila em que todo mundo se esforça para se respeitar.

8) Como você percebe/define o seu relacionamento com o mundo externo (família/amigos/filhos) a partir do olhar peculiar que a prisão oferece?

R: Bom, realmente a cadeia te faz dar mais valor para coisas da vida que antes tu não ligava, como os almoços de domingo com a família, a preocupação da mãe com a gente, antes essas coisas enchiam o saco e aqui isso vale muito, é isso que diminui o sofrimento do cara. A cadeia serve principalmente para o cara ver que a família é o que existe de mais importante, e serve também para descobrir quem é amigo de verdade.

9) Como se dá o convívio entre os reclusos? Existe uma hierarquia? Como são estabelecidas as regras?

R: É bom, aliás, tem que ser bom, não pode ser de outro jeito. É uma relação em que se tem respeito, Imagina, tu fica mais tempo com os companheiros de cela do que tu ficava com qualquer pessoa da tua família, então é obrigado a ter uma caminhada reta, com respeito, saber falar e ouvir, não importa se tu gosta, só tem que ter respeito e no final por ter respeito, tu acaba gostando das pessoas aqui. Aqui, tu não tem aquelas coisas simples da vida como poder usar um banheiro de porta fechada, ver televisão até a hora que quiser, aí a gente acaba vivendo como se fosse irmão mesmo, tu perde a vergonha e até um pouco da vontade que é para não viver frustrado.

10) Como é a convivência com pessoas estranhas até então desconhecidas, com idade, cultura e momentos da vida tão diferentes?

11) Como você vê a privação de liberdade?

R: É o que pode existir de pior. O que pode ser pior do que perder a liberdade? Não sei, não consigo pensar em nada pior. Realmente é o pior castigo que podiam ter inventado.

12) Que experiências vivenciadas nesta instituição você considera negativa? E quais você acha que contribuíram para mudar a sua forma de ver o mundo?

R: Tudo aqui é ruim, só serviu para eu dar mais valor para a minha família, por outro lado, serve também pra eu ver como é ser um nada, porque preso é tratado como nada, eu já fui preso e voltei pra rua, e o mundo não é muito legal com quem já passou por aqui, dizer que tu já puxou cadeia só serve se tu quiser assustar os outros e mostrar que tu tem tanta experiência no crime que tu foi até preso.

13) Existe algo específico que te cause sofrimento por estar preso?

R: Ver o sofrimento da minha mãe e a falta da liberdade.

14) Do que você sente mais falta?

R: De poder ter vontade própria, de escolher o que eu vou fazer...

15) Por que após ser preso e cumprir pena você voltou ao crime?

R: Porque no fundo eu gosto dessa vida, é uma vida emocionante, é o contraste com a vida da cadeia, aqui a nossa vida é repetitiva e sem emoção e na rua não, nenhum dia é igual, eu só faço o que eu tenho vontade, e vivo cada dia ao máximo.

16) Você acha que a prisão tem alguma utilidade? Para que serve?

R: Claro que tem, serve pra castigar. Só o que eu não entendo é para que castigar desse jeito, se uma hora a gente vai sair, e como eu que gosto do que eu faço, como é que vai ser? É como um pai que da umas porradas no filho porque ele matou aula para jogar bola, se o piá gosta mesmo de jogar bola, tu acha que ele vai deixar de jogar bola que é o que ele curte, para não matar aula que é uma coisa que ele não gosta, só porque tomou umas porradas? Claro que não! Até porque, o cara apanha uma, duas vezes e depois tu te acostuma e nem sente mais. A mesma coisa é essa vida, é isso que eu gosto, é isso que eu sei fazer, e é isso que me sustenta, e aí eu vou parar porque fui preso? E vou fazer o que da vida?

17) O que você entende por ressocialização?

R: Nada, isso não existe.

18) Você acha que as estratégias adotadas pelo Estado para a ressocialização são eficazes?

R: Não. Não estou falando que se o cara comete um crime ele não tem pagar, mas eu só acho que ir preso não serve para nada, nem para o bandido, nem para o mundo, porque um dia o cara sai daqui, não é? E geralmente sai mais revoltado.

19) Como é seu relacionamento com os funcionários da instituição?

R: Aqui no presídio é bom, o respeito aqui é dos dois lados.

20) Você já passou por outras instituições prisionais? Qual a diferença para o presídio?

R: Sim, pelo COT, pela delegacia da palhoça, pelo cadeia do Estreito, e pelo presídio de Imbituba. Aqui vira o paraíso comparado com o resto. O COT mesmo, sem comentários é para bicho e não para gente. No verão tu queima a pele naquela lata, tu dorme com baratas do teu lado, chega uma hora que tu até te acostuma e nem liga mais delas andarem por cima de ti. Uma noite tomei um susto com um bicho andando por cima da minha barriga porque senti que não era uma barata, quando fui ver era um ratinho, aí é para acabar, né? No verão também o pessoal tem que dormir com a roupa molhada pra poder aguentar o calor. Em delegacia também é horrível, o cara passa fome, se sente alguma dor, não tem atendimento, os funcionários não estão nem aí, e esses sim não tem o menor respeito pelo preso. Aí, comparado com isso o cara tem que ficar muito feliz de cair aqui no presídio.

QUESTIONÁRIO

Nome (fictício): Flávio

Idade: 24

Tipo de crime pelo qual está preso: Tráfico de drogas – artigo 33.

Foi preso outras duas vezes, sempre por tráfico, a primeira prisão ocorreu aos 18 anos ficou 6 meses, logo depois caiu novamente ficou mais dois anos e saiu, agora está preso a 2 anos e 3 meses.

INFÂNCIA

1) Que recordações você tem da sua infância?
(tentar identificar histórico de violência doméstica)

R: São só recordações boas, brinquei muito, as melhores lembranças são da época de soltar pipa, bagunçar na escola. Vivi a infância toda em Florianópolis.

2) Na sua infância como era a sua composição familiar? Quem teve maior importância no seu desenvolvimento?

R: Na infância morei com meu pai e tinha 7 irmãos por parte de pai, e mais 7 por parte de mãe, a minha mãe faleceu quando eu tinha 11 anos tenho boas lembranças dela, o meu pai morreu quando eu tinha com 21 anos, eu tinha recém saído da cadeia. Meu pai trabalhou no tráfico de drogas e também já tinha sido preso. Na minha família além dele, 5 irmãos já puxaram cadeia e dois tios por parte de pai também trabalhavam com isso e foram presos, cumpriram pena em várias instituições. Eu sempre gostei muito dos meus pais, mas a minha mãe quando morreu já não morava comigo, eu sempre tive contato com ela e gostava muito dela, mas a lembrança que tenho é muito distante, já com o meu pai era diferente a gente sempre foi muito próximo, até porque a gente trabalhava na mesma coisa.

3) Você frequentou a escola até que idade? Você tinha interesse nela? Quais lembranças mais importantes desta época?

R: Frequentei a escola até a 8ª série, quando tinha 16 anos. Nunca gostei de estudar, reprovei a primeira série

algumas vezes, aí de tanto ficar na primeira série, percebi que estudar não era pra mim. E o bom é que como os meus pais tinham um monte de filhos não tinham tempo de ficar cobrando estudo de todo mundo.

4) O que você fazia quando não estava na escola? Frequentava algum tipo de instituição, ong, ou, outras?

R: Só brincava, nunca trabalhei na infância, só comecei a traficar quando tinha 11 anos (coincidiu com a época em que a mãe morreu...).

5) Hoje em dia como é o relacionamento com a sua família?

R: Nem tenho mais relacionamento com a família, quer dizer, é bem afastado, tenho contato apenas com uma irmã, ela que ficou com a guarda do meu filho dele, já que a minha senhora (esposa) também está presa.

ADOLESCENCIA

1) Como foi a sua adolescência? Participava de algum grupo específico?

R: Foi boa, comecei a trabalhar com limpeza de piscinas com 16 anos e ainda tinha mais o dinheiro que eu ganhava com o tráfico, o dinheiro do tráfico ficava para a curtição, como passear no shopping, ir para balada, impressionar a mulherada, poder ter roupas “da hora”, moto, carro, ter dinheiro de verdade e para poder usar drogas também. Carro e moto com 16 anos eu já tinha, quem não quer ter tudo assim novo?

2) Fazia uso de drogas? Como e quando iniciou o uso? Qual a primeira substância experimentada?

R: Hoje só uso maconha, mas já experimentei quase tudo; cocaína, ecstasy, loló, mas nunca curti muito não. Comecei a traficar na mesma época em que experimentei, com 11 anos, é que era muito mais uma forma de poder consumir a droga, até perceber que dava para levantar um bom dinheiro com isso também. **Tu acha que contribuiu pra você começar a usar o fato do teu pai traficar?** Não sei te dizer, eu acho que maconha eu ia acabar usando mesmo, independente do meu pai traficar ou não, porque eu gosto,

sempre gostei e cedo ou tarde eu ia experimentar e gostar, as outras drogas eu não curti e nunca fiquei usando direto, agora lá em casa sempre teve muito movimento nesse sentido da droga, acho que facilitou eu conhecer mais cedo as drogas, acho que se de repente meu pai não traficasse eu ia começar a usar só mais tarde, mas também não tenho certeza, porque eu comecei a usar na idade que todos os meus amigos também começaram, o lance de vender veio até mais porque meu pai não aceitava que eu usasse e nem que vendesse aí eu tinha que dar meu jeito...

3) Com quantos anos começou a trabalhar? E por qual razão?

R: Com 16 anos e foi porque eu quis, o meu tio tinha uma empresa de limpar piscina e me chamou pra trabalhar, como eu estava envolvido com o tráfico achei que seria uma boa forma de justificar as coisas que eu comprava. Até acho que foi meu pai que pediu pra ele me dar trabalho pra eu me afastar do tráfico, porque nessa época ele já sabia que eu estava envolvido. Depois fui trabalhar com o meu primo que mexia com mecânica e me ensinou várias coisas, acabei me apaixonando por mecânica e até hoje penso em montar uma oficina quando sair da cadeia. Gosto até mais de mecânica do que de traficar.

4) Teve experiências com algum tipo de violência? Seja como autor ou vítima.

R: Não, não sei se porque a minha família sempre foi muito reta, mas nunca tive treta com ninguém, vi muita violência, mas nunca nada que eu tivesse ligado.

5) Passou por instituições correccionais?

R: Nunca fui preso antes dos 18, só uma vez por acidente, mas só respondi um B.O. e ficou tudo certo.

RELACIONAMENTOS

1) Qual o seu estado civil? Fale sobre o relacionamento a partir da sua institucionalização?

R: Casado, tamo junto... a 9 anos. Tive o primeiro filho com 20 anos.

2) Tem filhos? Quantos?

R: 1

- 3) Como vivencia a paternidade estando preso?
Quais as estratégias que você cria para participar do crescimento dos seus filhos?

R: Não tenho o que fazer, eu e a minha senhora estamos presos, quem cuida do meu filho é a minha irmã, não tenho como vivenciar nada... O meu filho só vem me visitar 1 vez por mês, a esposa também só vê o menino nesta mesma frequência, porque a minha irmã não tem como trazer todo final de semana, só resta é aproveitar quando a gente tá junto... Se ficar pensando muito nisso a minha caminhada não vai passar, porque de tudo na cadeia isso é o que mais me destrói, saber que não vou ver o meu filho crescer, que to perdendo a fase mais importante longe dele faz com que eu me sinta um nada, um ninguém, é como botar um filho no mundo e não conhecer e quando eu sair eu vou ser praticamente um desconhecido pra ele, porque ele só me vê uma vez no mês.

- 4) Como é composta a sua família?

R: Sou só eu, a esposa e o filho, agora como eu e a mulher estamos presos, é como se não tivesse família.

TRAJETÓRIA NA CRIMINALIDADE

- 1) Como você entrou na vida do crime?

R: Quando eu fiquei com vontade de ir ao shopping e faltou dinheiro, foi assim, quando eu comecei a querer as coisas e não podia comprar, não podia ter nada a mais, aí eu vi no tráfico uma forma de ganhar dinheiro pra valer.

Muita gente está nessa vida por causa da adrenalina, para sentir emoção, para se sentir importante, mas para mim o grande atrativo foi sempre o dinheiro, quando eu tinha 16 anos pude comprar a minha primeira moto, logo depois comprei um carro. Que emprego vai dar isso para um cara de 16 anos que tem só o primeiro grau completo, que parou de estudar, que mesmo tendo o primeiro grau completo, lê e escreve mal e porcamente? Até meu tio, que tinha lá a tal da empresa de limpeza de piscina, me pagava uma miséria, e também ficava sempre me tratando como se tivesse fazendo um puta favor, mas era eu que fazia a parte pesada do

trabalho... Então a vida é assim... eu estou tão errado assim, em querer ganhar mais? Quem não quer?

2) Como foi a sua primeira experiência no mundo do crime e com que idade ela ocorreu?

R: Comecei com 11, 12 anos de leve, depois quando resolvi trabalhar só com isso, eu fixei horário, lugar, aí vi que a coisa era séria e se eu queria viver só disso tinha que encarar como uma empresa com responsabilidade, então eu trabalhava das 10 hras as 17 hras, nunca mexi com isso em casa, para não trazer problema para a família, o que acho que não adiantou muito não porque agora to eu e a minha mulher presos.

3) Você já imaginava como seria a sua vida na prisão caso viesse a ser preso? Você já conhecia alguém que foi preso?

R: Não imaginava, não. Apesar de que quando o meu pai tava preso eu visitei ele na cadeia, mas como eu era pequeno não lembrava exatamente como era.

4) Como foi a sua entrada na prisão? Alguma situação específica marcou este dia?

R: Foi um desespero, vim ajoelhado dentro de um camburão. Fui primeiro para o Cadeião do Estreito, depois para o COT onde fiquei 2 meses, quando fui para o presídio, foi direto para a galeria A que é considerada uma galeria boa, comparada as outras. Não paguei castigo quando cheguei, eu acho que deve ter sido por ter vindo do COT.

5) Conte um pouco como foi o primeiro dia e a primeira noite, e como se deu a adaptação?

R: Foi tranquilo, porque fui para a galeria onde estavam um tio e o irmão.

6) Como é o cotidiano na prisão?

R: É tranquilo se tu souber, que tu tem que seguir a tua caminhada reta, não pode fugir das regras que já estão postas, é fácil se adaptar de certa forma, porque as regras já existem, e se é um lugar em que há respeito é aqui. Outro ponto que facilita a vida é porque tá todo mundo no mesmo barco, todo mundo tem pouco, mas se eu tenho todo mundo tem, por exemplo, um cigarro, se eu tenho eu não posso regular para os outros, entendeu? Não existe essa coisa do

tipo isso é meu e acabou, tu até pode agir assim, mas aí a tua caminhada vai ser bem mais complicada.

7) Como você vê os seus companheiros de prisão?
Fale um pouco sobre a sua relação com os seus colegas.

R: É tranquilo, me dou bem com todo mundo, até porque quando eu cheguei aqui tinha muita gente conhecida, acho que isso acaba facilitando um pouco o convívio também.

8) Como você percebe/define o seu relacionamento com o mundo externo (família/amigos/filhos) a partir do olhar peculiar que a prisão oferece?

R: Na verdade não tenho muito contato com o mundo externo não, então acho que posso dizer que não tenho um relacionamento com o mundo externo, logo quando vim preso, a família da minha mulher virou as costas pra gente, perdi tudo, para pagar o nosso advogado, da minha família só quem deu uma força foi essa minha irmã que cuida do meu filho, e como eu disse muitos dos meus amigos tão aqui dentro. Pensar nisso é estranho, é como se a tua vida se resumisse a cadeia. E o meu único elo com o resto do mundo é o meu filho. Porque se hoje eu sair eu não tenho casa, e a minha mulher continua presa, então eu só teria hoje na rua o meu filho que eu não teria nem pra onde levar, e é muito estranho pensar nisso.

9) Como se dá o convívio entre os reclusos? Existe uma hierarquia? Como são estabelecidas as regras?

R: É bom, tranquilo. A gente se dá bem entre a gente, só não queremos saber de X9 e duque (estuprador) no nosso meio, isso a gente não aceita.

10) Como é a convivência com pessoas estranhas até então desconhecidas, com idade, cultura e momentos da vida tão diferentes?

R: Olha eu cheguei aqui e conhecia metade da galeria, ou de ser conhecido mesmo ou de já ter ouvido falar, acho que essa parte da convivência é a parte mais tranquila.

11) Como você vê a privação de liberdade?

R: Pior castigo pra qualquer pessoa, mata a gente aos poucos.

12) Que experiências vivenciadas nesta instituição você considera negativa? E quais você acha que contribuíram para mudar a sua forma de ver o mundo?

R: Me ajudou a ver que tem coisas que o dinheiro não compra, o que adianta eu ter conseguido um monte de coisa pelo tráfico se isso hoje tá me custando tão caro, perder a infância do meu filho. Eu perdi a minha mãe novo, mas eu lembro dela de coisas simples, de coisas que ela fazia pra mim, e eu acho que isso é assim porque ela tava comigo quando eu aprendi a falar a andar, sei lá essas coisas, as primeiras coisas que tu faz na vida, e eu não to com o meu filho, quem vai ser a base dele é a minha irmã e não eu e a minha esposa.

13) Existe algo específico que te cause sofrimento por estar preso?

R: Não acompanhar o crescimento do meu filho, sentir que o vínculo vai se perdendo, e não poder fazer nada, é uma época da vida que eu sei que eu nunca mais vou ter de volta. Hoje eu não tenho casa, eu só tenho as roupas que tã aqui, mas tudo isso eu dou um jeito de correr atrás agora, essa fase do meu filho ta perdida, não tem volta. Acho que isso eu vou carregar pra sempre.

14) Do que você sente mais falta?

R: Do filho, de estar os 3 reunidos.

15) Por que após ser preso e cumprir pena você voltou ao crime?

R: Porque é o que eu sei fazer pra ganhar dinheiro. E eu não acho que o tráfico seja realmente um crime, porque falando sério, eu não forço ninguém a usar droga, nunca me meti com assalto, nem com nada de outras coisas, eu sou traficante e só.

16) Você acha que a prisão tem alguma utilidade? Para que serve?

R: Claro que não tem utilidade nenhuma. Não existe reeducação, nem ressocialização, coisa nenhuma, e mesmo que existisse, vai reeducar e mandar de volta para onde? Para que mundo? Alguém lá quer saber de presidiário? Se ele é bom, ou ruim, ninguém se importa, até porque já não

estavam nem aí, antes mesmo do cara virar bandido, agora que é ex-presidiário mesmo danou-se... Sei lá, ao invés de ficar quebrando cabeça pra fazer cadeia boa como se isso pudesse existir, porque não quebram a cabeça pensando em uma pena alternativa, tipo ah o cara foi pego por tráfico ele que vá pagar alguma coisa, vai melhorar uma comunidade, também não sei ao certo o que... mas aí talvez o cara parasse para refletir se vale a pena ou não continuar traficando porque ele ia sentir no bolso. Não estou dizendo que ninguém devia ir preso, tem esses duques safados que não tem o que fazer com eles mesmo... então bota na cadeia, ou quem tira a vida dos outros, mas acho que pelo tráfico mesmo não justifica enfiar em uma cadeia. Eu vou sair daqui e continuar traficando, talvez até abra uma oficina mecânica, mas sei que não vou largar o tráfico não.

17) O que você entende por ressocialização?

R: Tentar reenquadrar a gente, fazer a gente se tornar sociável? Como se a gente fosse bicho que precisa aprender a viver em sociedade, não é?

18) Você acha que as estratégias adotadas pelo Estado para a ressocialização são eficazes?

R: Não.

19) Como é seu relacionamento com os funcionários da instituição?

R: Eles fazem o deles e a gente faz o nosso. Aqui até tem muito respeito da parte dos agentes com os presos, mas a maioria dos outros lugares, eles realmente abusam, aí só tem que tentar achar um equilíbrio, eles até se passam, mas eles também sabem que os malucos não vão ficar para sempre preso.

20) Você já passou por outras instituições prisionais? Qual a diferença para o presídio?

R: Sim, São Pedro. Lá é bem diferente porque é regime penitenciário, lá por exemplo é um lugar que os agentes já são mais folgados, não se tem regalia nenhuma.

QUESTIONÁRIO

Nome (fictício): Jean

Idade: 24

Tipo de crime pelo qual está preso: Assalto – artigo 157 condenado a 6 anos está preso a 6 meses, foi preso anteriormente também no artigo 157 com 18 anos, dessa vez saiu e ficou apenas 6 meses na rua.

INFÂNCIA

1) Que recordações você tem da sua infância?
(tentar identificar histórico de violência doméstica)

R: Nada de bom, só momentos ruins, coisas ruins. Não morei com meus pais, morava com a avó, só fui morar com eles com 12 anos e nunca soube direito porque, quando fui morar com meus pais não me sentia em casa, não me sentia a vontade, mas também nunca me senti a vontade morando com a avó. Não me considerava uma criança feliz. Não que tenha apanhado, ou fosse mal tratado, mas era como se eu nunca tivesse tido uma família, sempre me senti meio fora de lugar, como se não fizesse parte de nenhum lugar.

2) Na sua infância como era a sua composição familiar? Quem teve maior importância no seu desenvolvimento?

R: Quando fui morar com meus pais, eles já tinham tido outros filhos 1 irmão e 1 irmã que são mais novos do que eu. A última vez que vi meus irmãos foi antes de ir preso pela primeira vez. Acho que nenhum teve muita importância na minha vida, são só as pessoas que me botaram no mundo, não somos muito ligados não.

3) Você frequentou a escola até que idade? Você tinha interesse nela? Quais as lembranças mais importantes desta época?

R: Terminei o 2º grau. Durante um tempo gostava de estudar e na escola me sentia mais a vontade, tive alguns amigos, mas com o tempo eu enjoava e tudo acabava ficando chato e cansativo.

- 4) O que você fazia quando não estava na escola? Frequentava algum tipo de instituição, ong, ou, outras?

R: Traficava para me sustentar e não precisar pedir dinheiro para ninguém, mas também conseguia soltar pipa, e brincar...

- 5) Hoje em dia como é o relacionamento com a sua família?

R: Hoje até que é bom, porque a minha família sabe o que eu faço, eles respeitam e não se metem. Não que a minha família concorde com o crime, mas não se metem mais.

ADOLESCENCIA

- 1) Como foi a sua adolescência? Participava de algum grupo específico?

R: A parte boa eram as namoradas, tinha várias, principalmente na escola... nunca fui de participar de grupos não, sempre fui de ficar mais sozinho tive um ou outro amigo, mas nenhuma grande amigo.

- 2) Fazia uso de drogas? Como e quando iniciou o uso? Qual a primeira substância experimentada?

R: Não, nunca usei nenhum tipo de droga. Até experimentei maconha, mas nunca me interessei por usar, o único interesse com as drogas era fazer um dinheiro rápido.

- 3) Com quantos anos começou a trabalhar? E por qual razão?

R: Comecei a trabalhar cedo com 12 anos no tráfico. Para me sustentar mesmo, é aquela história nunca me senti a vontade nem na casa da minha avó nem quando fui viver com meus pais, sempre pareceu que eu estava só dividindo uma casa, e aí nada mais normal do que eu me virasse para me sustentar. **Tá, mas tu não achas que 12 anos é meio cedo para isso?** Hellen, as vezes eu tenho a sensação de que é como se eu já tivesse nascido adulto, não lembro de ninguém cuidando de mim ou se preocupando comigo, eu tenho a sensação de que é como se eu sempre estivesse por mim.

4) Teve experiências com algum tipo de violência?
Seja como autor ou vítima.

R: Só na adolescência em confrontos com a polícia, hoje olhando tudo com uma certa distância parece que o cara estava procurando um jeito de se matar, porque era cada loucura que o cara fazia...e sem preparo nenhum, só no peito, na coragem, lógico eu andava armado, mas a gente é moleque e nem sabe mexer direito numa arma, as vezes o cara aprende é na hora mesmo, é como brincar de polícia e ladrão, mas com o risco de morrer ou matar. Todas as formas de violência que me meti até hoje foi meio que buscando adrenalina, meio sem me importar com o que ia acontecer, tipo assaltar a uns 100 metros de posto de polícia e tal, coisas desse tipo meio sem noção, porque tu sabe que não vai dar certo e quem vai se ferrar é tu mesmo...

5) Passou por instituições correccionais?

R: Fiquei 6 meses no PLIAT.

RELACIONAMENTOS

1) Qual o seu estado civil? Fale sobre o relacionamento a partir da sua institucionalização?

R: Casado, faz 4 meses. Casei nesta última vez que estava em liberdade.

2) Tem filhos? Quantos?

R: 1, mas não tem contato, foi com uma menina que fiquei na adolescência, só soube anos mais tarde, não sabe dizer quantos anos a criança tem, mas acha que uns 8.

3) Como vivencia a paternidade estando preso?
Quais as estratégias que você cria para participar do crescimento dos seus filhos?

R: Não vivencio, não tenho contato, e por isso também não tenho apego, na verdade é como se não tivesse um filho, não tenho curiosidade em conhecer.

4) Como é composta a sua família?

R: Quando eu sair vou morar com a minha esposa.

TRAJETÓRIA NA CRIMINALIDADE

1) Como você entrou na vida do crime?

R: Por causa do dinheiro mesmo, é o melhor que tu podes ter com 12 anos, porque por um lado dá uma boa grana, é divertido, e tem um monte de gente da tua idade trabalhando, aí é como se fosse mais tranquilo.

2) Como foi a sua primeira experiência no mundo do crime e com que idade ela ocorreu?

R: Olha, acho que como o tráfico é considerado crime, posso dizer que a minha primeira brincadeira foi o crime.

3) Você já imaginava como seria a sua vida na prisão caso viesse a ser preso? Você já conhecia alguém que foi preso?

R: Bom, eu conhecia um pessoal do movimento que tinha vindo preso, mas a maioria aqui que tu vai ver, já tinha um familiar que tinha caído preso e tal, aí é aquela história, se alguém na tua família já caiu meio que tu sabe como a coisa realmente funciona mesmo porque tu vê o sofrimento da família e a coisa vem crua, agora como foi comigo, que eu só conhecia o pessoal do movimento é diferente porque tu tem uma ideia que se constrói em cima do que os outros falam e os cara tão sempre contando a coisa de um jeito meio exagerado e na real quando tu caí aqui tu só tem que ficar na tua e puxar a tua caminhada quietinho na tua, do jeito reto, sabe? Não dá para crescer para cima de ninguém.

4) Como foi a sua entrada na prisão? Alguma situação específica marcou este dia?

R: Olha a primeira vez que eu caí, eu fui primeiro para a delegacia e depois para São Pedro, esses dois são infernos, tu apanha até apagar, tu é humilhado, e na delegacia tu chega até a passar fome. Esses lugares fazem tu dar graças a Deus quando tu caí no presídio e aí o cara faz de tudo para ficar aqui bem de boa para ter a sorte de conseguir puxar a caminhada inteira aqui, mesmo depois de condenado. Tem coisa que é ruim em qualquer lugar, tipo se tu ficar doente, ou com dor de dente em qualquer cadeia é o inferno, tu não pode nem reclamar de dor, porque se reclamar apanha, aqui tu não apanha, mas como não tem médico, paciência, se a dor chega eles te dão um dorflex independente do que seja, é dorflex pra tudo, acho que quando sair nunca mais vou querer

ver dorflex na minha frente de tanta raiva que eu tenho desse remédio.. Se tu tem dor de dente aqui tu prefere arrancar na cela, porque o dentista que eles tem no sistema é péssimo e só sabe arrancar os dentes mesmo, não sabe nem consertar, então arrancar a gente mesmo arranca.

5) Conte um pouco como foi o primeiro dia e a primeira noite, e como se deu a adaptação?

R: Sinceramente nem lembro mais, provavelmente eu não dormi, porque ninguém dorme no primeiro dia! Quando tu chega no sistema, o primeiro lugar que tu vai é o castigo, tu fica lá uns dias que é já pra entender como o sistema funciona, tem gente que fica 3 dia, outros uma semana, isso varia... Daí lá tu fica numa puta ansiedade, porque tu não sabe para onde vão te mandar, se é uma galeria que tu tem treta com alguém, aí o cara fica meio agoniado, lógico que se tu cair numa galeria que tu tenha treta com alguém, tu vai falar e eles vão te tirar dali, porque eles também tem interesse que a cadeia não tenha rolo nenhum... mas, tu tá ali naquela situação de incerteza... Aí quando tu vai para a galeria, tu nem sabe em que barraco tu vai cair, aí como tu é o último a chegar, tu geralmente não tem cama e aí tu vai dormir na praia (no chão), até vagar um lugar, as vezes se o chão já tá ocupado tu tem que dormir de valete (de ponta cabeça com outro) e aí tu vai te virando, claro que se tu caí numa cadeia tu tem preocupações bem maiores do que como tu vai dormir, mas toda essa pressão junto é que deixa o cara meio doidão.

6) Como é o cotidiano na prisão?

R: É a rotina daqui que mata o cara, o cara se acostuma, é claro, até porque eu fiquei 6 anos preso, saí e fiquei menos de 6 meses na rua aí caí preso de novo, na verdade não deu foi tempo de me acostumar com a rua, isso sim.

7) Como você vê os seus companheiros de prisão?
Fale um pouco sobre a sua relação com os seus colegas.

R: Como eu te falei eu nunca fui muito de amigos, puxo minha caminhada aqui e pronto, mas esse é um negócio que é estranho, quando eu saí, eu conheci minha mulher e depois de puxar 6 anos direto e perder a minha juventude

numa cadeia eu já tinha decidido parar, saí e fui trabalhar com meu primo, juro que não deu nem tempo de me agilizar pra organizar um assalto nem nada do tipo, aí eu resolvo começar a trabalhar e virar o tal do cara decente e aí um dia no shopping, um policial me dá uma geral na frente de todo mundo do nada eu tinha comprado uma meia dúzia de roupa e o cara disse que eu só podia ter roubado, aí ele revistou as sacolas e tava tudo certinho com nota direitinho... Tu acha que ele se desculpou comigo? E aí me diz o que eu faço? Vai lá o ex - presidiário dar queixa do policial na delegacia? Aí tu vai engolindo tudo isso... e depois de ser revistado num shopping tu achas que alguém te olha de frente? Não fica todo mundo te olhando com rabo de olho!! E te garanto que esse tipo de situação que eu passei um monte aqui passou também... Então no final eu acabo vendo o pessoal que ta preso aqui como gente melhor do que quem ta lá fora... Aqui não se julga tanto os outros, e tu acaba tratando bem quem te trata bem e tu é cruel com quem é cruel!!

8) Como você percebe/define o seu relacionamento com o mundo externo (família/amigos/filhos) a partir do olhar peculiar que a prisão oferece?

R: Olha como eu te disse meu único relacionamento é com minha mulher. E acho que ela tá sendo muito guerreira em continuar aqui comigo, a gente nem ta junto a tanto tempo e a mulher ficar se sujeitando a vir aqui todo final de semana e passar por uma revista íntima humilhante como é a das cadeias, é porque gosta muito não é? Acho que ela merece todo o meu respeito pra sempre, porque quem acompanha a caminhada de outra pessoa sabe que tu vai sofrer junto, que tu as vezes vai passar por humilhações só por ter alguém que tu ama preso, a vida não é justa, geralmente a mãe ou a mulher que vem te visitar nunca se envolveu com nada e vem te ver porque ama porque quer ajudar a aliviar o teu sofrimento.

9) Como se dá o convívio entre os reclusos? Existe uma hierarquia? Como são estabelecidas as regras?

R: É na base pura do respeito, não é que tem regra estabelecida, mas é assim, todo mundo tem consciência do

certo e errado, e todo mundo sabe que aqui ta todo mundo sempre prestes a explodir então o negócio é tentar andar muito reto pra não ter maiores problemas para todo mundo. Claro que as vezes caí uns playboyzinhos meio sem noção, mas aí tu vai dando uns toques e o cara vai se ligando porque se não se ligar acaba rodando.

10) Como é a convivência com pessoas estranhas até então desconhecidas, com idade, cultura e momentos da vida tão diferentes?

R: Isso eu não posso te responder, porque acho que eu não sou muito bom com essas coisas de convivência não... eu fico na minha e falo o mínimo possível, e realmente essa coisa de gosto diferente, idade diferente, eu nem ligo, nunca me senti a vontade na minha casa não ia ser na cadeia que eu ia me sentir bem... claro, a diferença é que na rua quando alguma coisa me incomodava em casa, eu saía e só voltava quando queria, e aqui não dá, essa é a pior parte, mas acho que tudo o cara na vida se acostuma, porque hoje eu sei que se eu me estressar aqui eu não posso sair porque o meu corpo ta preso, mas aprendi que a minha mente é livre e aí eu me concentro em outras coisas e pronto...

11) Como você vê a privação de liberdade?

R: É o pior castigo que alguém pode receber, acho que pior que isso só morrer, eu tento manter pelo menos a minha mente livre, mas depois de muito tempo porque tem gente aqui que a vida se resume a cadeia, que até a mente do cara ta aprisionada, tudo tu vê da cadeia, é como se a vida lá fora fosse um filme, tu assiste um jornal como se fosse uma novela, aquilo não faz mais parte da vida, tu começa a achar que a tua realidade de preso é a realidade geral, tu acha que todo mundo tem que pensar como preso e agir como preso, como se não existisse nada além da cadeia.

12) Que experiências vivenciadas nesta instituição você considera negativa? E quais você acha que contribuíram para mudar a sua forma de ver o mundo?

R: Acho que não tem nada de específico, tudo aqui é negativo e faz com que o cara fique constantemente se perguntando porque se envolveu no crime. É o dinheiro? A

adrenalina? É tudo junto, mas nada disso alivia o sofrimento agora.

13) Existe algo específico que te cause sofrimento por estar preso?

R: A privação de liberdade é o que me mata. Sei que a minha família tá triste com a minha situação, mas eles não estão sofrendo por mim, agora sentir o peso de não poder viver a vida quem sente sou eu, quem tá preso não vive, só tenta sobreviver!

14) Do que você sente mais falta?

R: De ser livre, de não ter que dar satisfação para ninguém, de viver a vida do jeito que eu quero! De tudo que a liberdade te deixa fazer!

15) Por que após ser preso e cumprir pena você voltou ao crime?

R: Eu juro que eu não voltei para o crime, eu juro que dessa vez eu sou inocente, só posso acreditar que Deus tem um plano pra mim, não é possível, quando eu traficava, e assaltava tudo bem se caísse mesmo numa situação que eu não estivesse envolvido eu era até capaz de aceitar e não ficar indignado, porque eu ia pensar, tudo bem dessa vez eu não fiz nada, mas mais cedo ou mais tarde eu ia acabar caindo, agora assim, eu fiz de tudo para me afastar do crime e consegui, mas agora tô aqui pagando por alguma coisa que eu não fiz.

16) Você acha que a prisão tem alguma utilidade? Para que serve?

R: Sim, ela serve para punir, só que o que adianta punir e depois soltar o cara se o cara volta muito mais revoltado para o mundo. As vezes o sujeito já é meio virado, sei lá, teve uma infância meio complicada, viu muita violência ou sei lá, e aí vem p cá e vai comer o pão que o diabo amassou, volta muito pior e muito mais revoltado, acho as vezes que o que se tenta é deixar o cara mais putado e revoltado mesmo.

17) O que você entende por ressocialização?

R: Acho que é tentar recuperar o cara, mas só não sei recuperar de que, de não ter tido oportunidade, de gostar do risco? Não sei direito...

18) Você acha que as estratégias adotadas pelo Estado para a ressocialização são eficazes?

R: Não...

19) Como é seu relacionamento com os funcionários da instituição?

R: Bom, presídio mesmo é aqui, porque aqui os agentes tratam a gente com respeito, nos outros locais o relacionamento é sempre péssimo, porque eles são abusados e isso desperta os mais revoltados que não vão baixar a cabeça e aceitar serem tratados como animais.

20) Você já passou por outras instituições prisionais? Qual a diferença para o presídio?

R: Sim, delegacia, São Pedro, Cot. Todos, os outros lugares são como o inferno e aqui é o purgatório, é ruim, mas ainda é melhor que os outros lugares.

QUESTIONÁRIO

Nome (fictício): Julian

Idade: 23

Tipo de crime pelo qual está preso: tráfico – artigo 33 e associação – artigo 35. Está condenado a 9 anos e 4 meses e já cumpriu 8 meses.

INFÂNCIA

1) Que recordações você tem da sua infância?
(tentar identificar histórico de violência doméstica)

R: Foi mais ou menos, meus pais se mudavam muito não tinha muitos amigos quando eu era criança. Eu fugi de casa com 14 anos, antes disso eu vivia fugindo de casa porque a minha mãe tinha mania de me arrastar para a igreja, aí eu fugia de casa só para não ir e ficava uns três dias fora que era para dar tempo dela não estar mais brava, aí eu voltava, ou então ela me achava na rua mesmo, mas aí eu era bem pequeno tinha acho que 8, 9 anos, aí com 14 anos eu fui morar com um amigo na favela.

2) Na sua infância como era a sua composição familiar? Quem teve maior importância no seu desenvolvimento?

R: Eu meus pais e mais seis irmãos, não eram nem do mesmo pai nem da mesma mãe, aí eles ficavam um tempo e depois iam embora. Nunca fui muito apegado com eles não, acho que até por isso, no final eu sabia que eles sempre iam embora.

3) Você frequentou a escola até que idade? Você tinha interesse nela? Quais as lembranças mais importantes desta época?

R: Parei com 14 anos. Eu não gostava de estudar, mas gostava de ir para a escola, até que sempre tive facilidade nessas coisas de escola, eu não estudava e sempre passava, e as professoras gostavam de mim. Parei porque cansei mesmo, não tava mais afim e nessa idade eu nem obedecia mais meus pais.

- 4) O que você fazia quando não estava na escola? Frequentava algum tipo de instituição, ong, ou, outras?

R: Participei um tempo daquela ONG a Rotary, fiz uns cursos, mas também não gostava muito não.

- 5) Hoje em dia como é o relacionamento com a sua família?

R: Bom, mas só a minha mãe que vem me ver.

ADOLESCENCIA

- 1) Como foi a sua adolescência? Participava de algum grupo específico?

R: Me mudei muito, a gente sempre morou em lugar muito violento e aí a minha mãe vivia mudando de bairro porque tinha medo de que a gente se envolvesse com alguma coisa. E aí minha mãe vivia procurando um lugar mais tranquilo.

- 2) Fazia uso de drogas? Como e quando iniciou o uso? Qual a primeira substância experimentada?

R: Sim, ainda faço uso da maconha, mas, não lembro se foi com 11, ou 12 anos, acho que a maconha me fez esquecer. Usei também loló que é um preparado caseiro, meio como se fosse um lança perfume caseiro.

- 3) Com quantos anos começou a trabalhar? E por qual razão?

R: Acho que eu tinha uns 14 anos foi logo quando saí de casa para me sustentar, eu vendia salgados numa banquinha, aí comecei a trabalhar e traficar também pra fazer mais uma grana, aí quando eu vi que ganhava muito mais no tráfico e que não precisa ficar trabalhando para ganhar uma miséria, eu saí do trabalho e fui só traficar. Se bem que agora to aqui trabalhando na biju pra ganhar 100 R\$ por mês, aí não sei o que vale mais a pena se era vender salgado e ficar ganhando uma miséria, mas ta na rua, ou traficar e ter uma vida maneira e agora tá preso e trabalhando por 100 r\$, é não sei...

- 4) Teve experiências com algum tipo de violência? Seja como autor ou vítima.

R: Mais ou menos, quando eu saí de casa o meu amigo que eu fui morar junto me deu de cara uma pistola, bom e vamos dizer que eu já usei a pistola, mas nunca matei ninguém, mas é que quem nasce nesse meio acha tudo isso natural, viver de frente com a morte, tu vê isso com muita frequência, isso se torna natural, tu vê que as vezes morre gente que nem é envolvida, tu vê amigos morrerem, tu te acostuma mesmo em receber esse tipo de notícia, a gente se acostuma a viver do lado da morte, e até banaliza um pouco, acho que é para evitar o sofrimento. Eu vivi um tempo no Rio, e lá tem mais essa coisa do orgulho, do ser bandido, de isso ser o jeito que o cara encontra p se mostrar para o mundo, eu tenho que fazer coisas que bandidos fazem, agora aqui o pessoal do crime tá mais envolvido por uma questão de sobrevivência mesmo, então tem guerra tem, mas não é nada tão forte como é no Rio, lá o bagulho é meio louco...

5) Passou por instituições correcionais?

R: Não, nunca.

RELACIONAMENTOS

1) Qual o seu estado civil? Fale sobre o relacionamento a partir da sua institucionalização?

R: Amasiado. É difícil, vou te falar que a mulher p aguentar essa vida aqui tem que ser muito parceira, o preso é o cara que mais dá valor para a mulher, porque sabe que se ela abandonar tu vai ter que puxar a caminhada sozinho, e aí é muito mais sofrimento, a minha mulher já puxou 3 anos, aí ela sabe como é o esquema e pra ela é mais fácil, ela é mais parceira... Amigos, o cara acaba não tendo contato, porque não é permitida a visita de amigos, família só a mãe do cara mesmo, que não abandona nunca, aí a gente tenta tratar 100% que tá apoiando.

2) Tem filhos? Quantos?

R: Sim, 1.

3) Como vivencia a paternidade estando preso? Quais as estratégias que você cria para participar do crescimento dos seus filhos?

R: O bebê só tem um mês, mas eu fico meio mal pensando que eu não vou tá perto quando ele começar a falar, nem andar, sei que vou sofrer com isso, porque vou perder o crescimento do meu filho. A minha mulher traz ele todo final de semana para eu ver, mas mesmo assim, não to vendo o crescimento dele.

4) Como é composta a sua família?

R: Morava eu, a minha esposa e agora quando sair vai ter meu filho.

TRAJETÓRIA NA CRIMINALIDADE

1) Como você entrou na vida do crime?

R: Dinheiro, tudo é dinheiro, como é que tu vai aguentar ficar numa barraquinha vendendo salgado, morrendo de calor, trabalhando feito um burro, sendo humilhado por cliente, e ainda ganhar uma miséria, que é que aguenta? Se tu pode sair vender droga e ganhar num dia o que tu ganha no mês, sem falar que, quem vem comprar ainda te trata como o cara, no maior respeito, ninguém fica te alugando... Aí me fala só se for burro pra preferir ficar atrás de um balcão aturando desaforo. Pra quem nasce sem muita opção, tu tem que dar teu jeito, tu já cresceu vendo a morte de perto, o que pode acontecer de pior? Morrer? Isso a gente conhece bem de pertinho.

2) Como foi a sua primeira experiência no mundo do crime e com que idade ela ocorreu?

R: Que eu considere assim um crime? Acho que foi usar a minha pistola com 14, ou 15 anos só para impor respeito, mas quando tu vê que a outra pessoa tá com medo, tu sabe que isso é um crime.

3) Você já imaginava como seria a sua vida na prisão caso viesse a ser preso? Você já conhecia alguém que foi preso?

R: Não. Eu não imaginava porque eu me achava muito esperto, achava que nunca ia ser pego. Muitos amigos meus tinham caído, mas eu achava que era porque eles bobearam. E o pior é que dessa vez eu caí fumando um baseado na praia, não tinha nada além do baseado que eu tava fumando, aí a policia achou um tijolo na praia e disseram

que era meu e dos caras que estavam comigo. Aí tu fica muito indignado, acho que qualquer outro dia eu podia ter caído quando eu tivesse premiado, mas ali não, daquele jeito não.

4) Como foi a sua entrada na prisão? Alguma situação específica marcou este dia?

R: Pior é que não foi muito ruim não. É que como eu tava inocente eu achei que irira embora logo e aí fiquei tranquilo, agora que eu já to condenado é que tá foda desculpa pelo termo, aí , mas é que não sei dizer isso de outro jeito.

5) Conte um pouco como foi o primeiro dia e a primeira noite, e como se deu a adaptação?

R: Primeiro eu caí no cadeião do estreito, lá é o inferno, tinha 25 presos na cela e só 12 jegas (cama), daí pra começar o cara tinha que dormir de valete (dois dividem a cama, um de ponta cabeça para o outro). Depois falta comida, é tudo regulado, água pra beber só a do chuveiro, comida azeda, só que juro que como eu achava que ia sair rápido eu tava relaxado, não me apavorei tanto. Aí quando eu vi que eu tava encrocado e não tinha mais o que fazer, eu falei com o meu advogado p ele fazer um corre (dar um jeito, se esforçar) de me trazer para o presídio.

6) Como é o cotidiano na prisão?

R: Tudo é ruim, 1º porque tu tá preso e aí tu começa a sentir falta de tudo que tu tinha na rua, tudo até do barulho do garfo de metal batendo no prato de vidro, e pode ter coisa mais idiota do que sentir falta disso? Esse excesso de regras também é insuportável, parece que a gente ta morrendo devagarzinho e por outro lado senão tivesse esse monte de regras o bagulho ia ficar louco até entre os presos.

7) Como você vê os seus companheiros de prisão? Fale um pouco sobre a sua relação com os seus colegas.

R: Me dou bem com todo mundo, nunca tive treta com ninguém, mas isso também porque na rua eu era um cara tranquilo, aqui as pessoas sabem se respeitar, só que tem de tudo, tem o ladrão, tem o assassino, tem o 171 que se acha mais esperto que todo mundo, aí tudo fica meio confuso,

porque é muita gente tudo meio envenenada no mesmo espaço, um monte aqui que tá preso é bandido sim, mas nem sempre foi preso porque tava aprontando é que um monte já é meio conhecido, já puxou cadeia e ficou meio marcado, sabe? E quando o cara é culpado mesmo a caminhada é difícil, aí tu imagina se tu tá te sentindo injustiçado.

8) Como você percebe/define o seu relacionamento com o mundo externo (família/amigos/filhos) a partir do olhar peculiar que a prisão oferece?

R: Bom, não vou dizer que eu vou parar de traficar, mas hoje, eu fico pensando se realmente valeu a pena, no fundo até eu acho que valeu pelas coisas que eu vivi, só que na cadeia a gente fica vendo a vida passar sem participar, é como se eu realmente tivesse sido tirado do mundo, o que eu vivo hoje? O meu dia é todo planejado, todo programado pelos outros, isso não é viver, eu não consigo me sentir vivo, porque toda a minha vida acontece aqui dentro e com as pessoas que também têm com o mesmo sofrimento que eu, aí todo dia é a mesma história todo mundo se lamentando, todo mundo chorando (reclamando) isso cansa.

9) Como se dá o convívio entre os reclusos? Existe uma hierarquia? Como são estabelecidas as regras?

R: Como aqui é cheio de regras acaba sendo tranquilo, todo mundo sabe o que pode e o que não pode fazer, regras é só que a gente não aceita estuprador e cagueta no nosso meio, se botarem a cadeia já sabe que o cara vai para a fita.

10) Como é a convivência com pessoas estranhas até então desconhecidas, com idade, cultura e momentos da vida tão diferentes?

R: Com respeito tudo fica mais fácil, não é perfeito, mas também depois que eu vim do cadeião sei que podia ser bem pior..

11) Como você vê a privação de liberdade?

R: Pior castigo, imagina eu que passei a infância inteira fugindo de casa para não ir na missa, agora tenho que aguentar a rotina daqui, pior que isso só morrer mesmo.

12) Que experiências vivenciadas nesta instituição você considera negativa? R: Todas, todas as coisas aqui são negativas.

13) Existe algo específico que te cause sofrimento por estar preso?

R: A falta de liberdade e saber que vou perder o crescimento do meu filho.

14) Do que você sente mais falta?

R: Das coisas mais simples da vida, como eu te disse o barulho do grafo de metal no prato de vidro, uma comida diferente, passar na frente da padaria e comprar um doce que o cara gosta, poder extravasar a raiva, sem lá tem tanta coisa.

15) Por que após ser preso e cumprir pena você voltou ao crime?

R: Porque eu não acho que o tráfico seja errado. Porque o tráfico me dá uma condição de vida boa, que eu não teria com nenhum outro emprego, e eu gosto de traficar.

16) Você acha que a prisão tem alguma utilidade? Para que serve?

R: O lado bom é que o cara tem vontade de nunca mais botar os pés aqui e aí a gente fica pensando em parar, mesmo sabendo que quando tiver na rua tu provavelmente vai voltar, porque tu vai ter que sobreviver, e se a tua vida não era muito fácil antes não vai ser agora como ex presidiário que vai ficar boa.

17) O que você entende por ressocialização?

R: Eu só sei é que isso não existe.

18) Você acha que as estratégias adotadas pelo Estado para a ressocialização são eficazes?

R: Não.

19) Como é seu relacionamento com os funcionários da instituição?

R: Aqui o pessoal se respeita, ninguém se gosta mais se respeita, tem os seus abusos, mas é mais em comentário entre os próprios agentes, nada que eles se passem pra cima da gente, se bem que é até por eles mesmos, porque se também abusar muito a cadeia fica meio louca.

20) Você já passou por outras instituições prisionais? Qual a diferença para o presídio?

R: Sim pelo cadeião do estreito.

QUESTIONÁRIO

Nome (fictício): Mateus

Idade: 23

Tipo de crime pelo qual está preso: Homicídio – artigo 121, está preso a 1 ano e 6 meses.

INFÂNCIA

1) Que recordações você tem da sua infância? (tentar identificar histórico de violência doméstica)

R: Só boas lembranças. Foi a melhor infância que alguém poderia ter. Brinquei muito, soltei muita pipa.

2) Na sua infância como era a sua composição familiar? Quem teve maior importância no seu desenvolvimento?

R: Morava com os pais, cinco irmãos e mais uma irmã. Acho que a mãe, mãe é sempre mais importante, ela nunca te abandona.

3) Você frequentou a escola até que idade? Você tinha interesse nela? Quais as lembranças mais importantes desta época?

R: Terminei o 2º grau, com 17 anos, nunca reprovei. Gostava bastante de estudar. Lembra muito das professoras, porque eram queridas e interessadas. Gostava muito também de ir para a escola para ficar com o pessoal, namorar, me divertir, brincar, meus melhores amigos eram da escola....

4) O que você fazia quando não estava na escola? Frequentava algum tipo de instituição, ong, ou, outras?

R: Ah, brincava muito. Frequentava um grupo da Igreja Batista da Bela Vista, mas era mais para fazer cursinhos e passear.

5) Hoje em dia como é o relacionamento com a sua família?

R: Excelente, os pais e a minha irmã visitam todos os finais de semana, a mãe até vem mais que o meu pai, mas os dois são bem presentes. Somos bem unidos, eles não

concordam com a escolha que eu fiz, mas nunca me abandonaram.

ADOLESCENCIA

1) Como foi a sua adolescência? Participava de algum grupo específico?

R: Foi ótima, com 11 anos já pude comprar uma mobilete, e eu era o único do bairro que tinha, casei com 15 anos, e fui pai com 17 anos.

2) Fazia uso de drogas? Como e quando iniciou o uso? Qual a primeira substância experimentada?

R: Sim, experimentei maconha com 11 anos, e depois fui provando outras drogas, usei maconha e cocaína durante algum tempo, mas hoje só uso maconha e ecstasy quando estou na rua.

3) Com quantos anos começou a trabalhar? E por qual razão?

R: Com 14, 15 anos, porque já traficava e aí precisava de uma fachada. Comecei a traficar porque já usava droga, aí primeiro eu queria manter o vício, depois vi que era um dinheiro fácil de fazer um dinheiro. Nesse meio tempo sempre fiz bico, como autônomo, aí trabalhei como pintor, frentista, como marceneiro. Antes de vir preso estava fazendo curso de corretor de imóveis.

4) Teve experiências com algum tipo de violência? Seja como autor ou vítima.

R: Bom, eu estou preso como suspeito de homicídio, então, não dá para dizer que eu já não tinha umas experiências com violência, não é? Até porque senão fosse assim, iam suspeitar de outro, mas eu nunca fui muito de andar em bando não, puxando briga com ninguém, agora se tem gente querendo te matar tu tem que se defender, antes a mãe dos outros chorar do que a minha, to errado?

5) Passou por instituições correcionais?

R: Não. Fui até pego quando era “de menor” umas duas ou três vezes, mas não cheguei a ir preso.

RELACIONAMENTOS

1) Qual o seu estado civil? Fale sobre o relacionamento a partir da sua institucionalização?

R: Casado. É de boa, a mulher, está sempre presente e hoje tem mais tecnologia que permite a gente manter o contato sempre.

2) Tem filhos? Quantos?

R: Sim, uma.

3) Como vivencia a paternidade estando preso? Quais as estratégias que você cria para participar do crescimento dos seus filhos?

R: Vejo todo final de semana, mas ainda é um bebezinho tem apenas 4 meses, acho que ela não entende nada direito ainda.

4) Como é composta a sua família?

R: Hoje sou só eu, minha mulher e minha filha.

TRAJETÓRIA NA CRIMINALIDADE

1) Como você entrou na vida do crime?

R: Acho que meio como todo mundo. Tem as amizades que influenciam, aí se o cara já usa droga uma coisa chama a outra, depois tem a fase que o cara quer ostentar, mostrar que ta podendo e não tem da onde tirar dinheiro, na adolescência tu quer pegar a mulherada e tudo é dinheiro... tu entra nessa vida pelo dinheiro, mas o que te mantém nela é gostar, gostar da adrenalina, do perigo, isso é que não deixa o cara largar, porque se fosse só dinheiro o cara traficava um tempo, juntava uma grana montava um negócio e aí largava o crime, mas na real o que não deixa o cara largar é que o cara gosta da emoção, o bandido tem um estilo de vida próprio, que é diferente, a gente vive o hoje o agora.

2) Como foi a sua primeira experiência no mundo do crime e com que idade ela ocorreu?

R: Nem lembro mais, mas sei que foi com o furto, e foi mais por diversão mesmo...

- 3) Você já imaginava como seria a sua vida na prisão caso viesse a ser preso? Você já conhecia alguém que foi preso?

R: Eu não pensava muito nisso não, mas na verdade é melhor do que eu imaginava, as duas vezes que caí vim direto pra cá, talvez por isso eu não ache tão horrível assim, também nunca sofri nenhuma agressão, porque meu advogado ficou direto me acompanhando. Já conhecia muita gente que tinha vindo preso, e acho que fui prestando atenção ao que todo mundo falava, e tentando ser um cara reto, então cadeia não foi uma coisa que me assustou tanto assim não.

- 4) Como foi a sua entrada na prisão? Alguma situação específica marcou este dia?

R: O que marca esse dia é a ansiedade, tu caí e não sabe ao certo como vai ser na primeira vez, não sabe ao certo como as coisas funcionam, é como tu ir para uma escola nova, só que aqui a pressão é constante, parece que qualquer rateada, a coisa pode explodir, um jeito de olhar que um não goste, a coisa desanda...

- 5) Conte um pouco como foi o primeiro dia e a primeira noite, e como se deu a adaptação?

R: Não teve nada demais não, a adaptação vai acontecendo normalmente, quando tu vê, tu já está no ritmo da cadeia mesmo, porque é bem isso, é como se aqui tivesse um ritmo próprio, tem a instituição que coloca regras, tem os presos que também criam algumas regras para a instituição e tem as nossas regras, entre nós mesmos. **Como assim?** Tipo, a gente não aceita x9 e nem duque misturado com a gente, se cair no nosso meio, nós vamos dar o nosso jeito, porque isso sim é crime, isso sim tem que se dar um jeito, daí a cadeia já sabe, e para não ter rolo, eles tem uma galeria só para eles. Entre a gente tem coisas como não andar sem camisa na frente das visitas, tu não podes te dirigir diretamente também para a visita de ninguém, sem pedir autorização para o teu companheiro, e por aí vai, são coisinhas pequenas, mas que fazem a caminhada seguir tranquila.

- 6) Como é o cotidiano na prisão?

R: Tranquilo, o ser humano se adapta a tudo, na verdade é uma rotina tão chata como qualquer outra... ter horário para tudo, saber que tu dorme, acorda e come, num horário, meio que definido é estressante, mas o cara tem que ter consciência que está preso, aí não tem o que fazer, tem que seguir o ritmo da cadeia.

7) Como você vê os seus companheiros de prisão? Fale um pouco sobre a sua relação com os seus colegas.

R: Eu tento não me misturar muito não, aqui quanto menos tu ficar de conversinha melhor, que é pra não correr o risco de te meter em rolo, sou um cara que fico mais na minha na cadeia.

8) Como você percebe/define o seu relacionamento com o mundo externo (família/amigos/filhos) a partir do olhar peculiar que a prisão oferece?

R: Isso aqui te faz ver que a família é o mais importante na vida de qualquer pessoa, e eu não quero que minha filha se envergonhe ou sofra por mim, como eu acho que hoje a minha mãe sofre, a sorte é que ela é pequeninha aí até eu sair daqui de repente ela nem vai saber que o pai dela já foi preso.

9) Como se dá o convívio entre os reclusos? Existe uma hierarquia? Como são estabelecidas as regras?

R: É bom, não vejo que tenha uma hierarquia, mas sempre se tem mais respeito por aquele que já puxou mais cadeia, sempre se escuta mais esse cara, porque ele tem mais experiência e sabe melhor como a cadeia anda.

10) Como é a convivência com pessoas estranhas até então desconhecidas, com idade, cultura e momentos da vida tão diferentes?

11) Como você vê a privação de liberdade?

R: Serve para deixar o cara mais bandido. Porque aqui tu está isolado com todo tipo de criminosos, aí tu imagina uma caixinha, onde colocam de tudo, ou melhor, todo tipo de malandro, não estou falando se as pessoas são boas ou ruins, to falando do que elas fazem para ganhar a vida...tipo

se tu só mexia com o tráfico, tu vai conhecer o assaltante, o 171, o assassino, e aí tu já não tem muita coisa para fazer mesmo, e é um tal de cada um querer ficar contando as suas histórias que no final tu monta uma equipe de verdade com tanto malandro que tu conhece. Ah, lógico que eu vejo a privação de liberdade como algo horrível, acho até que é umas das coisas mais difíceis de aguentar na vida, mas não ruim só para quem tá aqui não, é ruim para a sociedade aí fora também, porque a gente sai daqui envenenado e com vários contatos. A prisão te ajuda a formar uma quadrilha, fácil, fácil.

12) Que experiências vivenciadas nesta instituição você considera negativa? E quais você acha que contribuíram para mudar a sua forma de ver o mundo?

R: Comparado com o que o pessoal costuma passar, não posso dizer que tive muitas experiências negativas aqui não, mas uma coisa que me marcou, foi ver o cara de uma outra galeria ser morto, porque é sempre de uma forma cruel, e dizer que não assusta é mentira, aí tu pensa que tu tem que estar sempre seguindo a tua caminhada da forma mais reta possível.

13) Existe algo específico que te cause sofrimento por estar preso?

R: Ver o sofrimento da família, as humilhações que eles tem que passar todo final de semana quando querem vir vê a gente, isso tudo dói, claro que toda mãe prefere poder visitar o filho na cadeia do que saber que nunca mais vai ver o filho, mas mesmo assim, a forma como a família da gente é tratada machuca, porque eles são tratados como bandidos como a gente, e a maior parte que está aqui a família nem sabia que o cara tinha algum envolvimento, e quando tem que visitar o filho, é como se eles também fossem bandidos.

14) Do que você sente mais falta?

R: Das coisas simples da vida, de uma comida diferente, da liberdade, de poder ficar quieto no teu canto, são as coisas mais cotidianas que fazem falta.

15) Por que após ser preso e cumprir pena você voltou ao crime?

R: Por causa da adrenalina, é muito louco, tu fica viciado na emoção, nenhum dia é igual ao outro, da uma sensação de poder, como se tu tivesse no comando da tua vida. Hoje eu já botei na cabeça que eu vou parar, e se eu quiser adrenalina, vou saltar de paraquedas, qualquer coisa que me dê essa mesma sensação.

16) Você acha que a prisão tem alguma utilidade? Para que serve?

R: Sim, ela serve para punir, para marcar como bandido aquele que errou, que não andou na linha, só que marca do pior jeito, porque preso, só perde em ser odiado para os ex-presidiário, porque quando vira ex é sinal de que voltou para a sociedade, e a sociedade não quer esse cara no meio dela, enquanto a gente ainda tá preso, a sociedade, até acha que a gente pode se recuperar, mas ela prefere que a gente fique aqui pra sempre. Quando a gente sai e aí tu é um ex-presidiário, aí tu vai ver realmente o que te aguarda, é só sofrimento, só desprezo e humilhação.

17) O que você entende por ressocialização?

R: Isso é tudo conversa, não existe nada de ressocialização. O cara para com o crime se quiser, vai se ressocializar se tiver afim e não porque um sistema, que não te oferece nada, trata a tua família mal, oferece trabalho para uma meia dúzia, e nunca tem ninguém para ouvir o cara, acha que vai te ressocializar. Na verdade a própria instituição sabe que não tem como fazer isso.

18) Você acha que as estratégias adotadas pelo Estado para a ressocialização são eficazes?

R: Não, até porque acho que o Estado não cria estratégia nenhuma, eu não consigo pensar em nada que seja feito acreditando que vai ressocializar alguém, o que se faz é prender, aí pelo menos, se considera que tu pagou pelo teu crime, deu o tempo que tu tinha que ficar e pronto, volta para a rua e te vira, se bem que nunca acham que tu pagou tudo o que devia.

19) Como é seu relacionamento com os funcionários da instituição?

R: Bom, polícia não gosta de bandido e bandido não gosta de polícia, mas acho que aqui é um lugar que dá pra

dizer que o respeito ainda existe eu pelo menos nunca vi nada que pudesse dizer que foi uma falta de respeito, tem um ou outro comentário de agente pra cima da gente, mas que acho que é normal, a gente também faz os nossos comentários sobre eles, só que com a preocupação de que eles não escutem.

20) Você já passou por outras instituições prisionais?
Qual a diferença para o presídio?

R: Não, só passei pela delegacia mas foi muito rápido, logo consegui vir pra cá.

QUESTIONÁRIO

Nome (fictício): Renato

Idade: 24

Tipo de crime pelo qual está preso: Furto – artigo 155, tráfico – artigo 33 e outro 155. A primeira vez que foi preso tinha 20 anos .

INFÂNCIA

1) Que recordações você tem da sua infância?
(tentar identificar histórico de violência doméstica)

R: Só lembrança boa, de soltar pipa, andar de bicicleta, roubar fruta... O que era ruim eu não guardei, são coisas de família, aí não tem porque ficar mágoa...

2) Na sua infância como era a sua composição familiar? Quem teve maior importância no seu desenvolvimento?

R: Até os 9 anos eu morava com os pais e 2 irmãos. Depois a minha mãe se separou e eu e os meus irmãos ficamos morando com o pai.

3) Você frequentou a escola até que idade? Você tinha interesse nela? Quais as lembranças mais importantes desta época?

R: Terminei o 2º grau. Nunca gostei da escola, mas os meus pais me obrigavam a estudar. Da escola eu só gostava das amizades e das namoradas que eu arrumava...

4) O que você fazia quando não estava na escola? Frequentava algum tipo de instituição, ong, ou, outras?

R: Só aprontava, brincava, curtia a vida...

5) Hoje em dia como é o relacionamento com a sua família?

R: Na medida do possível é bom. O meu pai faleceu faz 10 anos, quando eu tinha de treze para catorze anos, aí tive que ir morar com a mãe... Me dou bem com os irmãos também, mas eles não vem me visitar.

ADOLESCENCIA

1) Como foi a sua adolescência? Participava de algum grupo específico?

R: Boa, quase tão boa quanto a infância, só que nessa época comecei a usar droga e aí vivia doidão...

2) Fazia uso de drogas? Como e quando iniciou o uso? Qual a primeira substância experimentada?

R: Sim, já usei praticamente de tudo... Só não experimentei pancadão na veia. Agora faz 3 dias que parei de fumar inclusive maconha. Experimentei maconha com 11 anos e mais ou menos na mesma época comecei a cheirar benzina e cocaína, o crack só me tornei usuário aos 18 anos.

3) Com quantos anos começou a trabalhar? E por qual razão?

R: O primeiro trabalho foi o tráfico, com 11 ou 12 anos além de ser uma forma de ganhar uma grana dava para manter o vício, com carteira assinada só fui trabalhar bem mais tarde e na verdade foi quando pensei em largar das drogas e do crime, mas não deu muito certo porque não conseguia me adequar a ficar sendo mandado toda hora. Sempre fui responsável com o trabalho no tráfico, ninguém precisava ficar me alugando toda hora, e no trabalho com meu tio parece que eles tinham necessidade de ficar provando quem é que dava as ordens...

4) Teve experiências com algum tipo de violência? Seja como autor ou vítima.

R: Sempre, sempre me envolvi com brigas, e sempre gostei de uma confusão, até quando não era comigo eu dava um jeito de me envolver, a maioria eram coisas sem importância, coisa de moleque, quando fiquei mais velho é que o bagulho foi ficando mais sério... coisas mais para impor respeito mesmo...

5) Passou por instituições correcionais?

R: Nunca caí quando era de menor.

RELACIONAMENTOS

1) Qual o seu estado civil? Fale sobre o relacionamento a partir da sua institucionalização?

R: Solteiro.

2) Tem filhos? Quantos?

R: Não.

3) Como vivencia a paternidade estando preso?
Quais as estratégias que você cria para participar do crescimento dos seus filhos?

R:

4) Como é composta a sua família?

R: Sou só eu, os meus irmãos e a minha mãe.

TRAJETÓRIA NA CRIMINALIDADE

1) Como você entrou na vida do crime?

R: Eu era usuário e vi no tráfico a possibilidade de ganhar dinheiro e ainda ter acesso à droga que eu quisesse, sem contar que o estilo de vida é bom demais, era como se tu tivesse um time, a gente formava uma verdadeira equipe, todo mundo se defendia, tinha união, tu tem amigos, mulher, baladas, e respeito. É como se tu nunca tivesse sozinho e sempre tivesse alguém por ti...

2) Como foi a sua primeira experiência no mundo do crime e com que idade ela ocorreu?

R: Bom, acho que até antes de traficar eu já tinha roubado umas coisas, nunca tinha roubado ninguém, era coisa de moleque, entrar no mercado e roubar uma bolacha, chocolate, mais p rir e ter aquela adrenalina com o pessoal, aquele medo de ser pego, e tal, não era nada demais, não era nada pensado. Era loucura que dava quando a gente tava assim de bobeira, sabe?

3) Você já imaginava como seria a sua vida na prisão caso viesse a ser preso? Você já conhecia alguém que foi preso?

R: Não. Primeiro, porque eu nunca ficava pensando nisso, como você já falou com um monte aí, deve ter escutado essa de que ninguém monta uma empresa pensando em quebrar, e com a gente é assim, ninguém vira bandido e fica pensando: ah, como vai ser se eu for preso? Todo mundo se acha mais esperto do que realmente é, essa é a verdade... No meu caso, eu acho que eu estava tão nóia da droga que não é que eu não pensava, é que a minha preocupação era arrumar a droga, traficar, roubar e me drogar, a minha vida

chegou uma hora que tava assim, só importava essas coisas mesmo. Quando eu comecei a usar crack mesmo, aí sim eu só pensava na droga, nem traficar direito mais eu conseguia, por isso acabava só roubando, roubava na minha rua, tirei tudo da casa da minha mãe, tirava tudo que podia de todo mundo. Eu tava tão noiado que se deixasse eu saía roubando até policial fardado na rua, porque não tinha mais o mínimo de noção nem do perigo, e por outro lado comecei a ficar meio loucão, achava que todo mundo queria me matar, só melhorei quando vim preso da outra vez, parei com o crack quando caí. A cadeia foi a minha clinica, mais porque o pessoal do meu barraco não curtia o crack e me deram uma força para parar, minha mãe também vinha todo final de semana, e me apoiava, aí consegui largar, quando fui para a rua usei tudo menos crack.

4) Como foi a sua entrada na prisão? Alguma situação específica marcou este dia?

R: A primeira vez que caí foi na Central de Barreiros. Lá é superlotado, não tem atendimento médico e é sem a menor condição de higiene. Quando eu cheguei lá ainda tava meio doidão da droga e aí tu tem uma noção muito mais estranha da coisa do que realmente é, tenho poucas lembranças de como foi essa primeira vez.

5) Conte um pouco como foi o primeiro dia e a primeira noite, e como se deu a adaptação?

R: Realmente não sei te dizer direito não, mas, na central era estranho porque tu não tinhas droga nenhuma nem para aliviar um pouco da pressão, e aí eu fiquei lá com uma crise de abstinência absurda, vomitando e me contorcendo feito um porco, parecendo que ia morrer e não tinha atendimento nenhum, achei que fosse morrer de verdade, os companheiros é que dão uma força nessas horas, senão são eles, o cara é capaz de fazer uma loucura. De lá fui para o Cot, que é outro inferno, são 2 horas de pátio por dia e deve ter mais ou menos uns 50 irmãos por lá, o lugar é infestado de rato e barata, e é um forno... Apesar disso ainda é preferível o Cot que a central.

6) Como é o cotidiano na prisão?

R: Horrível, o cotidiano mata, todo dia a mesma coisa, todo dia baixando a cabeça para os outros, todo dia é igual. A hora que batem a tranca aí mesmo é a pior hora do dia, porque tu sabe que agora só abre no dia seguinte, é a prisão dentro da própria cadeia.

- 7) Como você vê os seus companheiros de prisão?
Fale um pouco sobre a sua relação com os seus colegas.

R: São todos irmãos, são eles que fortalecem, que apoiam, meus amigos hoje estão aqui, eles são a minha família, minha mãe agora dessa vez que eu caí disse que não vem mais me ver, ela agora só vem no parlatório e começou a ajudar financeiramente a 2 meses (pagando advogado) como eu não tenho mulher nem filho, os companheiros daqui são a minha família. Não acho que a minha mãe ta errada não, eu abusei muito dela já. Aqui todo mundo se ajuda tá todo mundo no mesmo barco, o que é meu é dos outros, aqui a gente aprende a ser desprendido, a viver quase como se fosse uma comunidade.

- 8) Como você percebe/define o seu relacionamento com o mundo externo (família/amigos/filhos) a partir do olhar peculiar que a prisão oferece?

R: Não tenho muito contato com o mundo externo não. Mas hoje vejo que a minha forma de me relacionar com o mundo era através da violência, do risco, da adrenalina, do desafio, eu nunca me encaixei naquele perfil da pessoa que consegue ter uma vida tranquila, de trabalho, estudo, casar, ter filhos, sempre achei isso muito cansativo, chato, aí eu hoje vejo que eu sempre procurei amigos, que também não gostassem dessa vida assim, sempre gostei de gente que vivesse o dia de hoje como se fosse o último, sem se preocupar se no dia seguinte tem que acordar cedo para trabalhar, ou se isso é certo ou errado. Agora depois de cair pela segunda vez, e parando de usar drogas eu fico tentando entender por que eu sempre fui assim... Porque nunca liguei muito para minha mãe e meus irmãos, tudo bem que eles também nunca ligaram muito pra mim, mas nenhum deles virou bandido nem usuário de droga, na família eu só tive um tio que veio preso por tráfico, mas que logo depois parou de

traficar com medo de cair de novo e ter que cumprir 3/5 da pena. E eu caí pela segunda vez e nem sei se vou ou se quero parar.

9) Como se dá o convívio entre os reclusos? Existe uma hierarquia? Como são estabelecidas as regras?

10) Como é a convivência com pessoas estranhas até então desconhecidas, com idade, cultura e momentos da vida tão diferentes?

11) Como você vê a privação de liberdade?

R: Pior que isso só tá morto, pelo menos pra mim. No meu caso vir preso me ajudou e me livrar de alguns vícios porque na primeira vez eu larguei o crack e agora decidi parar com tudo, aqui foi a minha clinica de reabilitação, e não é porque aqui não tem droga não, é porque eu me afundei muito nas drogas. Eu não sou como as outras pessoas, eu não consigo usar droga de leve, ou eu uso muito ou não uso, não tenho muito controle. Agora apesar da cadeia ter me ajudado nisso, ficar preso é o inferno e não serve para recuperar ninguém, eu traficava e roubava para sustentar meu vício, mas também para as minhas necessidades de sobrevivência e aí eu vou sair e tudo bem se eu não precisar mais de dinheiro para usar drogas, mas como é que eu vou me sustentar? Como é que eu vou comer, me vestir e morar? Alguém vai dar emprego para ex-presidiário agora?

12) Que experiências vivenciadas nesta instituição você considera negativa? E quais você acha que contribuíram para mudar a sua forma de ver o mundo?

R: A central de Barreiros e o Cot são lugares que eu gostaria de nunca, nunca mais voltar na vida, porque passar fome, frio, calor extremo, ter que beber água do chuveiro, acho que isso é meio desumano, e isso tudo me fez dar mais valor para as coisas que eu tinha aí fora, acho que foi isso também que me ajudou a parar com as drogas, ver que eu não vivia e não aproveitava as coisas boas e simples da minha vida de cara, .

13) Existe algo específico que te cause sofrimento por estar preso?

R: A falta da liberdade e ver o sofrimento que eu causo para minha mãe.

14) Do que você sente mais falta?

R: De comer uma comida diferente, ir num restaurante, tomar uma cerveja na praia, coisas simples, que a gente aprende a dar valor quando não tem.

15) Por que após ser preso e cumprir pena você voltou ao crime?

R: Acho que por causa principalmente das drogas, mas também porque essa era a forma que eu sabia curtir, roubar sempre mexeu muito com a minha adrenalina, claro que eu roubava porque a droga me deixava corajoso, uma coisa chama a outra. O tráfico eu não sei se eu vou parar nunca, porque é isso que eu sei fazer, eu gosto disso, faço isso a muito tempo...

16) Você acha que a prisão tem alguma utilidade? Para que serve?

R: Punir, fazer sofrer e não só o preso não, acho que é para fazer a família do preso sofrer também, tipo: oh, como tu não criou direito agora paga, sofre junto que é para aprender. Acho que a intenção é essa.

17) O que você entende por ressocialização?

R: Nada, isso não existe!! Não aqui e duvido que em algum lugar isso funcione. Se eles quisessem fazer alguma coisa pelas pessoas eles fariam antes da gente vir preso! Iam investir em quem ainda não virou bandido, agora tu acha que vão querer recuperar malandro?

18) Você acha que as estratégias adotadas pelo Estado para a ressocialização são eficazes?

R:

19) Como é seu relacionamento com os funcionários da instituição?

R: Com o pessoal daqui até é tranquilo, o pessoal se respeita, ninguém se gosta, mas todo mundo se respeita.

20) Você já passou por outras instituições prisionais? Qual a diferença para o presídio?

R:

QUESTIONÁRIO

Nome (fictício): Rômulo

Idade: 25

Tipo de crime pelo qual está preso: Porte de arma – artigo 16, Tráfico - artigo 33, Associação - artigo 35, Interestadual – artigo 40.

Já esteve preso antes, mas foi absolvido, agora foi condenado a 14 anos e 2 meses e já cumpriu 1 ano e 7 meses.

INFÂNCIA

1) Que recordações você tem da sua infância?
(tentar identificar histórico de violência doméstica)

R: Boa, bem tranquila, a minha família sempre foi muito unida, a gente tinha barraquinha de crepe e vendia sempre nas festas de bairro, todos os amigos da rua sempre gostaram muito dos meus pais.

2) Na sua infância como era a sua composição familiar? Quem teve maior importância no seu desenvolvimento?

R: Tanto o pai quanto a mãe sempre foram muito presentes na minha casa e na nossa educação, eu tenho uma irmã por parte de pai e mãe e dois irmãos só por parte de pai.

3) Você frequentou a escola até que idade? Você tinha interesse nela? Quais as lembranças mais importantes desta época?

R: Até os 13 anos e terminei o 1º grau. Gostava bastante da escola e lembro até hoje das professoras. Nunca reprovei, só não quis continuar o segundo grau, eu achava que estava bom. Chegou uma hora que eu queria era curtir a vida e perdi o interesse pela escola, acho que também porque a maioria dos meus amigos não estudava mais com essa idade, sei lá, enjoei.

4) O que você fazia quando não estava na escola? Frequentava algum tipo de instituição, ong, ou, outras?

R: Eu trabalhava com um tio, trabalhava porque gostava mesmo, a minha família nunca precisou de um

centavo meu. E como eu parei de estudar eu tinha que fazer alguma coisa da vida senão os meus pais iam ficar no meu pé.

5) Hoje em dia como é o relacionamento com a sua família?

R: O relacionamento hoje é excelente, os pais me visitam quase todo final de semana na verdade, mais a mãe e a irmã, o pai não vem tanto, mas também tenta estar presente.

ADOLESCENCIA

1) Como foi a sua adolescência? Participava de algum grupo específico?

R: Tão boa quanto a infância, tenho muita, muita saudade de quando eu ia trabalhar com os pais nas festas de igreja, na festa da laranja, essa foi a melhor fase da minha vida. Pra sempre vou guardar aquele tempo.

2) Fazia uso de drogas? Como e quando iniciou o uso? Qual a primeira substância experimentada?

R: Nunca fui usuário mesmo de drogas, experimentei cocaína uma vez e maconha umas três ou quatro vezes, mas nunca curti muito a sensação da droga.

3) Com quantos anos começou a trabalhar? E por qual razão?

R: Tinha entre 13 e 14 anos, gostava de trabalhar de ter meu próprio dinheiro, e como eu parei de estudar não podia ficar de boabeira o dia todo.

4) Teve experiências com algum tipo de violência? Seja como autor ou vítima.

R: Passei a ter experiências com violência depois que comecei a traficar. Todas as vezes foi por legítima defesa, algumas das brigas envolveram armas de fogo e a coisa era mais séria. Acho que as minhas experiências com violência começaram quando eu tinha mais ou menos uns 18 anos eu acho.

5) Passou por instituições correccionais?

R: Não.

RELACIONAMENTOS

1) Qual o seu estado civil? Fale sobre o relacionamento a partir da sua institucionalização?

R: Casado. O meu 1º casamento foi aos 18 anos, agora já to no terceiro casamento.

2) Tem filhos? Quantos?

R: Sim tenho três, mas não tenho contato com eles, o primeiro foi com a primeira esposa, e depois tive mais dois com a segunda. De certa forma eu entendo que as ex-mulheres não levem os filhos para ele ver, pois realmente não acha que a cadeia seja lugar para criança passar o final de semana.

3) Como vivencia a paternidade estando preso? Quais as estratégias que você cria para participar do crescimento dos seus filhos?

R: Não vivencio, não tenho contato, vou tentar ter contato quando sair da prisão, mas sei que vai ser difícil.

4) Como é composta a sua família?

R: Planejo quando sair da cadeia ir morar com essa nova mulher com que estou a 4 meses, eu conheci ela quando já tava na cadeia, era uma amiga da esposa de um companheiro da prisão. Eu já não morava com os meus pais a muito tempo, e não pretendo morar com eles nem quando sair daqui porque sei que não vai dar certo. Quero o meu canto, depois de ficar preso tanto tempo quanto eu sei que vou ficar eu vou precisar de espaço, não sei nem se vou conseguir morar com ninguém, mas vou tentar com essa minha mulher.

TRAJETÓRIA NA CRIMINALIDADE

1) Como você entrou na vida do crime?

R: Conheci muita gente nas baladas que eu ia, comecei muito novo a ir pra balada, hoje vejo que meus pais tinham razão, eu comecei a frequentar balada forte mesmo com 11, 12 anos, rave e essas coisas, lá eu fiz muitos contatos, conheci muita gente, estas mesmas pessoas se interessavam por mim justamente por eu não usar drogas. Aí juntou a fome com a vontade de comer, meus os pais não queriam que eu fosse para baladas, porque era muito novo, então precisava de dinheiro, quando a oportunidade

apareceu, eu abracei, era a chance de curtir e ainda levantar uma boa grana.

2) Como foi a sua primeira experiência no mundo do crime e com que idade ela ocorreu?

R: Foi com 12 anos e foi nesse esquema mesmo, balada experimentei drogas, não curti, mas vi que ali dava pra fazer um dinheiro, “dava pra fazer amizades”, parece que uma coisa puxa a outra... O tráfico não envolve tanta violência quanto se imagina, claro que se tu quiser arrumar guerra, esse também é o jeito mais fácil, mas pensa assim: tu de repente não consegue trabalho, e tu precisa do dinheiro, aí tu é uma pessoa que foi criada, educada, a nunca pegar nada de ninguém, tipo não tem estômago para roubar, ou assaltar sabe, as vezes, tu é o tipo de pessoa que nunca vai ter coragem de pegar numa arma, então o tráfico se torna uma alternativa, de ganhar dinheiro “fácil”, sem precisar machucar ninguém, nem tirar nada de ninguém... Claro, que isso é numa esfera menor, porque o tráfico que mexe com grandes volumes, lógico não consegue ficar fora da violência, até porque a violência é uma forma de demarcar território.

3) Você já imaginava como seria a sua vida na prisão caso viesse a ser preso? Você já conhecia alguém que foi preso?

R: Imaginava, mas não chegava nem perto do que realmente é. A minha imaginação não era suficiente para dar conta de tudo que a gente vê e vive por aqui de verdade... Tinha amigos que tinham vindo presos antes de mim, mas esse é o tipo de coisa que o cara só sente na pele... A gente nunca se acostuma com isso aqui, tu perde a noção do tempo, mas tu não te acostuma, é uma sensação muito estranha.

4) Como foi a sua entrada na prisão? Alguma situação específica marcou este dia?

R: Quando tu entra na prisão parece que o mundo cai nas tuas costas, e parece que tu não vai aguentar, é um desespero só, todo lugar, toda hora, tem gente te observando, é como tu ser novo numa escola, mas na escola tu fica meio período e daqui a pouco tu vai para casa, aqui não, tu é obrigada a te entrosar e ter consciência de que tu não vai sair

tão cedo daqui, acho que é isso que angustia, é que no fundo tu sabe que a hora que tu cáí, tu não vai sair tão cedo. (Rômulo, 24 anos, preso nos artigos 33, 35, 16 e 40, respectivamente tráfico, associação, porte de arma e interestadual) De certa forma considero que a experiência até não foi das piores, porque vários companheiros são espancados quando caem, sofrem violência, e eu não passei por nada disso, porque o meu advogado foi muito presente o tempo todo.

5) Conte um pouco como foi o primeiro dia e a primeira noite, e como se deu a adaptação?

R: Dessa vez foi tranquilo, porque eu já tinha vindo preso, então não tem mais aquela tensão do primeiro contato com a cadeia.

6) Como é o cotidiano na prisão?

R: Depois que tu entende como a caminhada deve seguir é tranquilo, tu fica tentando arrumar coisas pra fazer, pra passar o tempo, eu sou o responsável pela distribuição dos pães para os presos de manhã e a noite, durante o dia trabalho na Biju, então tento fazer de tudo para não ficar sofrendo. Tem que ser muito parasita pra conseguir se acomodar na cadeia.

7) Como você vê os seus companheiros de prisão? Fale um pouco sobre a sua relação com os seus colegas.

R: Aqui tem muita gente boa, e também tem os ruins, aqui nada mais é do que uma miniatura do mundo aí de fora, é como se aqui fosse um laboratório e nós as cobaias e vamos esperar para ver o que sai daqui... Tem também aquele que já puxou tanta cadeia que a gente sabe que ele é bem melhor aqui dentro do que na rua...

8) Como você percebe/define o seu relacionamento com o mundo externo (família/amigos/filhos) a partir do olhar peculiar que a prisão oferece?

R: A cadeia serviu para eu perceber que eu sou um cara sortudo, tenho muita gente por mim, não só da família, mas da própria comunidade, os amigos. Claro, que a cadeia também se torna uma peneira porque o cara descobre que tem muita gente querendo ver o cara pelas costas, mas isso é

o normal, não é? E o lado bom da cadeia é que como as pessoas acham que tu vai ficar aqui para sempre, elas podem ser sinceras e demonstrar o amor delas ou o desprezo que elas têm por ti.

9) Como se dá o convívio entre os reclusos? Existe uma hierarquia? Como são estabelecidas as regras?

R: Dentro do possível é tranquilo, como aqui tem muita regra, muito controle, fica mais fácil de puxar a caminhada, se fosse muito solto ia ter preso querendo crescer pra cima dos outros. Entre a gente a única regra que existe é não entregar ninguém, tu nunca, nunca pode entregar um irmão. No sistema nem se mistura duque e alcagueta com a gente, se misturar eles já sabem que a gente dá o nosso jeito, aí pra manter a cadeia sossegada a diretoria também colabora e deixa todo mundo separado.

10) Como é a convivência com pessoas estranhas até então desconhecidas, com idade, cultura e momentos da vida tão diferentes?

R: Isso pelo menos pra mim é o de menos.

11) Como você vê a privação de liberdade?

R: É o que a de pior, pior que isso só tá morto.

12) Que experiências vivenciadas nesta instituição você considera negativa? E quais você acha que contribuíram para mudar a sua forma de ver o mundo?

R: Eu já vi gente morrer aqui dentro, isso foi o que vi de pior, parece que aqui é uma bomba que se alguém der bobeira e pisar no lugar errado ela vai explodir. E vai levar todo mundo junto, a gente aqui aprende a dividir, desde as coisas materiais como também o sofrimento, aqui os companheiros são a tua família, é quem tá por ti, porque qualquer coisa que aconteça aqui dentro, tu só pode contar com os teus companheiros de caminhada, aí tu aprende que ninguém pode viver isolado e sem contar com os outros, o ser humano não sobrevive sozinho. Acho que essa foi a maior lição que tive na cadeia.

13) Existe algo específico que te cause sofrimento por estar preso?

R: Sim, a rotina, a institucionalização, o cara ter vontade de ficar 10 minutos do dia sozinho, quieto no seu canto e não poder, tem que estar sempre, sempre no ritmo de todo mundo como se o cara fosse um boneco programado, isso é o pior, é o que mais sufoca... por outro lado as coisas já estavam em um ponto que ou eu seria preso, ou estaria morto, e quando o cara tem consciência de que são essas as duas opções que sobram, fica até mais fácil puxar a caminhada. (Rômulo, 24 anos, preso nos artigos 33, 35, 16 e 40, respectivamente tráfico, associação, porte de arma e interestadual)

14) Do que você sente mais falta?

R: Das viagens que fiz, de um banho de mar. apesar de estar cansado dessa vida, o tráfico me proporcionou conhecer praticamente o Brasil inteiro e desfrutar de coisas que eu sei que com outro trabalho qualquer não seria possível.

15) Por que após ser preso e cumprir pena você voltou ao crime?

R: Hoje realmente penso em quando sair, não voltar mais, porque está com 24 anos, fui condenado a 14, até sei que não vou cumprir todo esse tempo, mas mesmo assim, vou passar a minha juventude toda praticamente na cadeia. E, além disso com o tempo, o cara vai ficando marcado. Na minha rua de tava envolvido com o tráfico só faltava eu cair preso, foi uma turma que acabou ficando meio marcada, então agora é melhor pensar em outra forma de ganhar a vida, porque essa já deu.

16) Você acha que a prisão tem alguma utilidade? Para que serve?

R: A única utilidade é punir, não consigo ver outra coisa que não seja isso...

17) O que você entende por ressocialização?

R: Isso não existe. Mas é como tu tentar adestrar um bicho não é?

18) Você acha que as estratégias adotadas pelo Estado para a ressocialização são eficazes?

R: Não, até acho que poderia ser feito de uma forma eficiente, mas não é feito assim, então, não funciona mesmo.

Os valores do mundo tão muito distorcidos, e aí tu imagina os valores, ou as normas aplicadas numa prisão, tá tudo perdido mesmo.

Quer ver uma coisa, hoje o mundo parece que tá de ponta cabeça, tu liga naquela novela das nove, tu vai ver a menina escutando funk e rebolando com uma roupa vulgar, aí tu pega as menininhas novinhas de hoje que não tem nenhuma boneca pra brincar porque era isso que elas deviam fazer, e tu sabe do que elas vão brincar? De serem a funkeira gostosa do bairro, aí com 9, 10 anos as menininhas tão todas sensuais, se vestindo para chamar atenção, e nem sabem o que estão fazendo, só tão copiando, a gurizada a mesma coisa, crescem escutando e vendo na televisão que o malandro é que se da bem, isso, na cabeça de alguém que tem uma infância legal, talvez não faça diferença nenhuma, mas eu vim de um bairro em que as crianças comem lã de geladeira pensando que é algodão doce, e pra essas pessoas eu sei que faz diferença em quem tu te espelha, sim. E a televisão mostra como bem sucedido, como esperto, o cara que tem dinheiro, que tem carrão, que faz de tudo pra se dar bem na vida. Aí depois é absurdo o cara dar o jeito dele de tentar ser bem sucedido. Aí vai ressocializar essa criatura como? Vai tentar convencer ela de que é mais importante ser certinho do que se dar bem? Todo mundo quer ser “o cara”, se dar bem, ter uma vida boa, viajar por aí, andar bem vestido, comer em restaurante e tal, até que ponto é errado buscar essas coisas?

19) Como é seu relacionamento com os funcionários da instituição?

R: Bom, a gente sabe que eles não gostam da gente, mas ninguém aqui morre de amores por eles também, se cada um respeitar o outro e cada um cumprir com as suas obrigações, tá tudo certo.

20) Você já passou por outras instituições prisionais? Qual a diferença para o presídio?

R: Sim, fiquei 90 dias na delegacia e também no COT, os dois são muito piores do que o presídio... Na delegacia cheguei a passar fome, é uma marmita que vem da penitenciária no almoço e no café da manhã e janta são dois

pães e para engolir o pão seco, tem água do chuveiro. Também é superlotado, não tem estrutura para receber um monte de preso, lá sim é o inferno.

O COT também está entre os piores lugares, são 4 por cela, e como é uma lata de alumínio, no inverno é gelado e no verão o cara não pode encostar porque senão se queima, a noite pra conseguir dormir o cara é obrigado a tomar banho com roupa e dormir com a roupa molhada para poder diminuir a temperatura do corpo, lá falta direto colchão e aí o cara tem que dormir direto na lata, agora me diz isso é vida? O cara fica ou não fica pior?